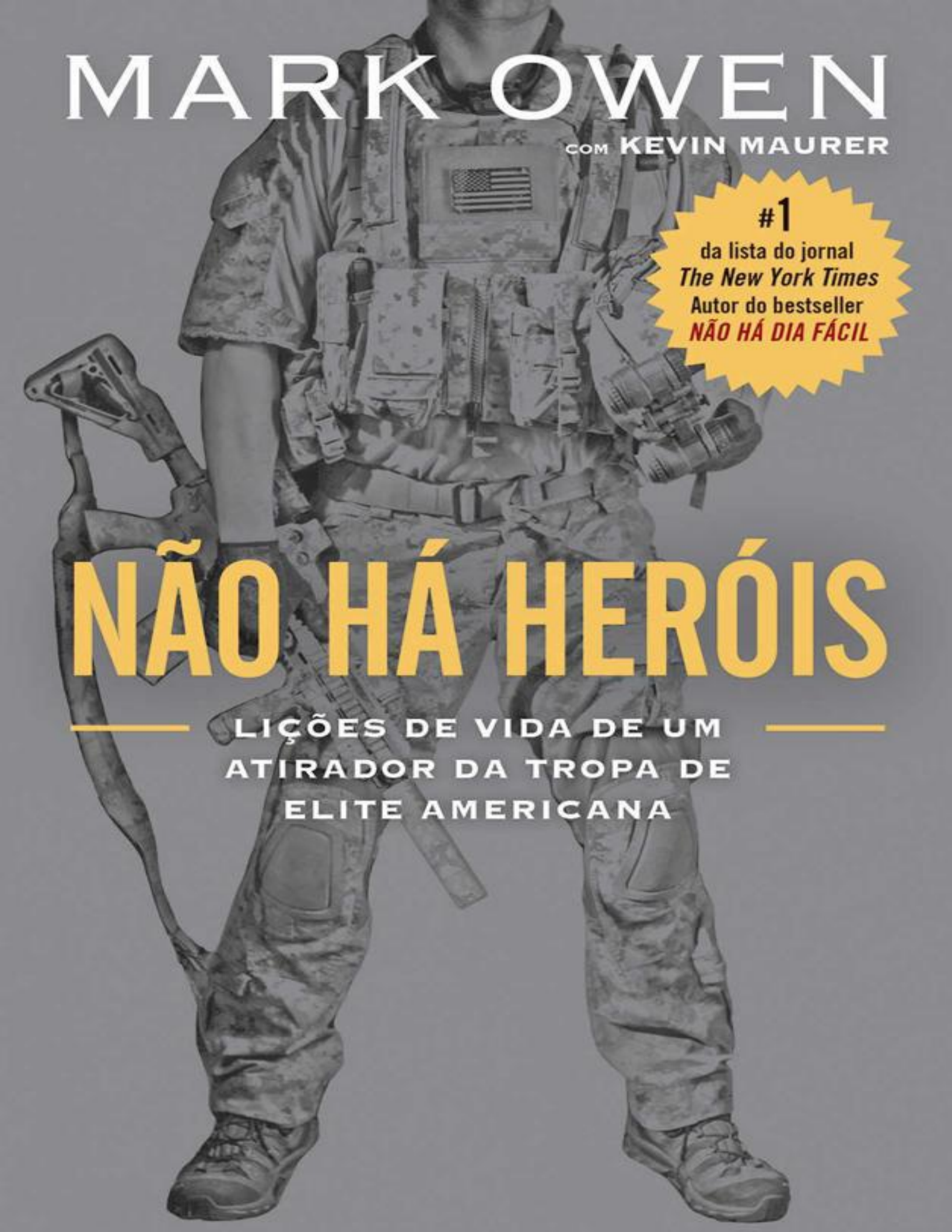


MARK OWEN

com KEVIN MAURER

#1
da lista do jornal
The New York Times
Autor do bestseller
NÃO HÁ DIA FÁCIL

NÃO HÁ HERÓIS

LIÇÕES DE VIDA DE UM ATIRADOR DA TROPA DE ELITE AMERICANA

MARK OWEN
COM KEVIN MAURER

NÃO HÁ HERÓIS

LIÇÕES DE VIDA DE UM ATIRADOR DA TROPA DE ELITE AMERICANA

Tradução
BERILO VARGAS
RENATA PUCCI

paralela

Sumário

Prólogo: *Quarenta nomes*

1. O direito de usar a camisa: *Propósito*
2. Como nadar cinquenta metros debaixo d'água sem morrer: *Confiança*
3. O mundo de noventa centímetros: *Medo*
4. O capuz na caixa: *Estresse*
5. Voltar a salvo não está garantido: *Mentalidade*
6. A armadilha: *Confiança*
7. Revisão Pós-Ação: *Comunicação*
8. Atire, mova-se e comunique-se: *Relacionamentos*
9. Siga seu amigo: *Responsabilidade*
10. Conforto no desconforto: *Desconforto*
11. Atenção aos sapatos: *Evolução*
12. Matança: *Compartimentalização*

Epílogo: *A última parada do trem de alta velocidade*

Sobre os autores

Nota do editor

Esta obra foi submetida à avaliação do Escritório de Análise de Segurança de Pré-Publicações (Defense Office of Prepublication Security Review, ou "DOPSR"), o qual é parte integrante do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Alguns trechos não essenciais ao livro foram removidos ou reescritos durante esse processo de avaliação. Em certos casos, o autor e o DOPSR não chegaram a um acordo, e, por isso, algumas passagens foram excluídas com tarja preta. Os nomes de todos os indivíduos citados neste livro foram modificados para a segurança deles. As opiniões expressas nesta publicação são apenas do autor e não necessariamente refletem a política oficial ou a posição do Departamento de Defesa do governo dos EUA.

Prólogo

Quarenta nomes

Eu estava em casa, em Virginia Beach, esperando o momento de entrar em ação, quando as mensagens de texto começaram a chegar.

Era agosto de 2011 e os turistas tomavam conta da cidade. Todos os dias eu cruzava com pessoas de férias, a caminho do oceano, para passar um dia na praia. Mantinha distância de Oceanfront, a área que segue paralela às praias, onde as lojas de camisetas e os campos de minigolfe atraem veranistas queimados de sol. Os turistas só pensavam em praia, mas tudo em que eu conseguia pensar era no Afeganistão e na minha próxima missão.

O elaborado espetáculo de dignitários e políticos tinha finalmente terminado. Agora, a possibilidade de voltar ao exterior me deixava inquieto como um cão na coleira, pronto para retornar ao trabalho. Mas primeiro eu precisava sobreviver à espera.

O pior de tudo era a espera.

Cada um vinha vender seu peixe. Recebíamos resumos semanais com as últimas informações da inteligência nas áreas mais perigosas do mundo, o que só piorava as coisas. O que nós queríamos era trabalhar, executar missões de verdade. Mas durante o período em que ficávamos de prontidão, tudo que nos restava era planejar missões que muito provavelmente jamais seriam executadas. No exterior era comum receber uma missão, preparar um plano e executá-lo poucas horas depois. Mas a maioria das operações em que nos envolvíamos durante o período de prontidão não era premeditada e acabava desaparecendo. Nós nos agitávamos, planejávamos a operação, e então voltávamos a nos acalmar, porque Washington havia se decidido por outra operação ou a área de perigo tinha esfriado. Para piorar, estávamos em casa, mas sem muito tempo para ficar com a família. Tínhamos que mantê-la à distância, pois não sabíamos quando seríamos obrigados a partir de repente. Eu colocava a família no mesmo compartimento do cérebro onde a deixava durante as missões. Para mim, durante o período de prontidão, era como se eu já estivesse ausente, ainda que meus parentes pudessem pegar o telefone e me ligar.

Sabia que era assim para todos os meus colegas de equipe. O que todos queríamos era entrar em ação.

Começara a escurecer e eu tinha acabado de jantar. Não deveríamos beber,

nem ir a festas, quando estávamos de prontidão. A última coisa que qualquer de nós desejaria na vida era aparecer bêbado para uma possível missão. Eu me preparava para uma noite preguiçosa vendo TV quando recebi uma série de mensagens de texto sobre a queda de um helicóptero. Todas diziam a mesma coisa:

"Há um CH-47 derrubado no Afeganistão. Nosso?"

Era o que chamávamos de *rumint*, mistura de rumor com notícia verdadeira, que quase sempre, quando se ia apurar, não era nada. Infelizmente, dessa vez era verdade.

Bastou ver uma dessas mensagens para minha cabeça começar a girar. Caso fosse verdadeira, não fazia diferença se eram Seals, Delta ou Forças Especiais. Eram companheiros de equipe na mesma luta. Liguei para um bom amigo que integrava o esquadrão no exterior. Ele não estava com sua equipe porque ficara em casa para cuidar da mãe doente. Achei que talvez soubesse alguma coisa.

Nenhuma resposta.

Continuei percorrendo minha lista telefônica, ligando para qualquer um que pudesse ter informações. E obtive a confirmação.

"Era nosso."

A notícia me atingiu como uma descarga elétrica. Na minha cabeça, eu via todos os meus camaradas daquele esquadrão. Meu telefone vibrava à medida que a notícia se espalhava. A mesma mensagem continuava chegando.

"Era nosso."

Senti uma dor de estômago. Não conseguia ficar parado. Andava de um lado para o outro na cozinha, cabeça baixa, lendo as mensagens à espera de mais informações, mas temendo cada uma que chegava. Sabia que todos os companheiros de equipe tinham se oferecido voluntariamente, inúmeras vezes, para estar naquele exato lugar, fazendo o que estavam fazendo. Podia facilmente ter sido eu no helicóptero. Caramba, eu tinha sofrido um acidente de helicóptero poucos meses antes. Era mais difícil ficar em casa aguardando notícias, um sentimento que nossas mulheres e namoradas conheciam muito bem.

Depois de um tempo, não aguentei mais ficar sozinho. Peguei um pacote de doze garrafas de cerveja na geladeira e fui à casa de um companheiro Seal na mesma rua. Íamos precisar de algumas cervejas aquela noite.

O sol esmaecia e as ruas estavam desertas. Enquanto eu passava por algumas quadras a caminho da casa do meu amigo, dei uma olhada no bairro.

Era uma área com construções novas e poucas árvores. Grandes casas de tijolo com gramados impecáveis. Nos fins de semana, eu via meus vizinhos trabalhando nos jardins, cortando a grama e aparando os arbustos com capricho. A rua transmitia uma impressão de paz.

A maioria dos meus vizinhos não tinha a menor ideia do que eu e os rapazes que apareciam em minha casa fazíamos no trabalho. Ao passar pelas casas deles, eu tinha certeza de que estavam pensando nas férias de verão, nas contas a pagar ou na partida de beisebol a que assistiriam aquela noite. Impressionava-me o abismo entre o que acontecia no Afeganistão e o que acontecia em casa. Eu sabia que meus vizinhos se preocupavam com os soldados e os apoiavam, mas também que não faziam ideia de como era estar no lugar deles, e de como meus companheiros de equipe arriscavam a vida o tempo todo. Ali a guerra estava praticamente ausente da vida diária, a não ser para as famílias que ficavam aguardando a volta dos seus marinheiros e soldados.

Eles jamais compreenderiam o tamanho do sacrifício feito diariamente por nossos militares. Não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso, e, naquela noite, não tinha importância alguma. O sacrifício foi feito. Agora nos cabia assegurar que não fosse esquecido. A falta de conexão entre aqueles de nós que arriscam a vida e o resto do país nunca foi tão nítida para mim como naquela noite tranquila.

Quando cheguei à casa do meu amigo, ele abriu a porta com uma expressão de pesar igual à minha. Apenas balançou a cabeça e fez um gesto para que eu entrasse. Andei em silêncio até a geladeira e deixei lá as cervejas. Peguei duas garrafas e fomos diretamente para o terraço de tábuas nos fundos, deixando a família dele sozinha na sala de estar.

Abri a cerveja e tomei um bom gole. Não tinha gosto de nada. O que eu queria era só o efeito. Meu amigo bebeu a dele e, em silêncio, repassou as mensagens no celular. Ficamos um tempo sentados. Nenhum de nós falou nada. O helicóptero estava cheio de amigos nossos, e todos tinham morrido. Era uma sensação paralisante, porque tudo que queríamos era agir, mas nada havia que pudéssemos fazer.

O sol finalmente se pôs, e no terraço a escuridão era total. Eu mal conseguia distinguir seu rosto na sombra. Não nos preocupamos em acender a luz. Acho que tanto ele como eu estávamos gratos pela escuridão. Tornava a dor um pouco mais branda.

Durante meses, os políticos e a mídia tinham louvado as equipes dos Seals

depois da missão Osama bin Laden. Eu não saberia dizer quantas vezes ouvi pronunciarem a palavra “herói”. Herói não é uma palavra que usemos sem mais nem menos, e em certo ponto não significava mais nada em nossa comunidade. Agora todo mundo era herói.

O peso das perdas só ficou sério mesmo quando os nomes começaram a surgir na tela do meu iPhone.

Viramos uma cerveja atrás da outra enquanto relembrávamos histórias sobre os companheiros do helicóptero. Fazíamos um esforço para lembrar as melhores, as engraçadas, sobre cada um. Na verdade, histórias não faltavam. O humor nos ajuda a atravessar os momentos mais difíceis e estressantes. Vasculhávamos a memória à procura de qualquer coisa que nos arrancasse uma risada. Meu amigo tinha ido lá dentro pegar mais algumas cervejas quando um novo nome pipocou na minha tela.

Ray.

Aquilo me atingiu como um soco na barriga. Deixei o telefone na mesa e comecei a andar de um lado para o outro pelas tábuas de madeira do terraço. Conheci Ray em 1999, na praia, em San Diego. Íamos ambos começar o BUD/S, o curso de treinamento dos Seals. Ele tinha feito faculdade na Louisiana. Chegara a cursar um ano, antes de ceder ao desejo de se tornar um Seal. Eu tinha terminado a faculdade antes de finalmente sucumbir à mesma ânsia de uma vida inteira. Lembro-me de estar em pé ao lado de Ray na areia, olhando as ondas e ouvindo os instrutores berrarem conosco. Ele parecia determinado, concentrado. O barulho e o caos não pareciam afetá-lo nem um pouco.

Ray dava a impressão de ser um tanto sossegado até que o conhecíamos melhor. Diferentemente de mim, era um atleta natural. Jogara futebol no ensino médio, e tinha um físico esbelto. Ao longo do tempo vi Ray distinguir-se em quase todos os desafios físicos que os instrutores inventavam para ele. O que o fazia tão sólido era sua consistência. Sempre terminava qualquer coisa que fizéssemos — nadar, correr na praia, corrida de obstáculos — em primeiro lugar, ou quase, fossem quais fossem as condições.

Terminamos o BUD/S em dezembro de 1999. Ray foi designado para a Equipe Seal Três. Eu, para a Equipe Seal Cinco. Como ambos estávamos baseados em San Diego, nos víamos com grande frequência. Porém, devido a nossas agendas lotadas, estávamos quase sempre em diferentes partes do globo.

Ray tinha as nove vidas de um gato preto.

Várias vezes escapou por pouco, e algumas dessas ocasiões se tornaram lendárias. Ele levou um tiro no pescoço poucos meses antes de ser avaliado

para o curso de Seleção e Treinamento, ou S&T. Estava numa missão de sete meses em Guam com a Equipe Seal Três. Ele e uns amigos tinham ido a um bar para comemorar o Natal. Depois de pequenas altercações com pessoas do local, Ray e os companheiros Seal resolveram encerrar a farra. Entraram num táxi e se dirigiam para a base quando um dos sujeitos do bar, pendurado na janela de outro carro, aproximou-se e abriu fogo.

As balas arrebentaram as janelas do carro. Uma delas atravessou o pescoço de Ray. Larry, outro Seal que viajava no táxi, foi atingido no ouvido. A bala saiu pelo nariz. O motorista correu com os dois para o hospital. Ray estancou o sangue com a camisa e entrou andando na sala de emergência para receber tratamento.

Dois meses depois, apareceu para o S&T. Estávamos na mesma sala, e terminamos juntos, mas como acontecera depois do BUD/S, fomos designados para esquadrões diferentes.

Agora Ray estava morto, e eu não conseguia acreditar.

Meu amigo voltou com outra rodada de cervejas, tirando-me da minha depressão. Ficamos sentados mais alguns minutos, em silêncio. Checávamos mensagens em nossos telefones. Mas eu ainda pensava em Ray.

"Ei", perguntei, "você já viu aquele filminho do Ray no Afeganistão?"

Ele assentiu com um riso abafado.

"Se fosse eu, estaria morto", disse ele.

Quase todas as manhãs, quando chegávamos para trabalhar e checávamos nossos e-mails, havia uma Revisão Pós-Ação (AAR) à nossa espera. Uma AAR é um relatório — que às vezes inclui imagens de vídeo aéreas tiradas por drones — gerado por todos os envolvidos numa missão. Todo mundo, dos pilotos de helicóptero aos analistas de inteligência e Seals, discute tudo que deu certo e tudo que deu errado durante a missão noturna. As AARs eram distribuídas dentro da comunidade para que qualquer um, estivesse ou não participando da missão, pudesse aprender as mesmas lições que a equipe no local tinha aprendido. Também nos dava muito assunto para conversa depois de uma missão particularmente interessante.

A missão de Ray era impressionante. Seu esquadrão tinha estado no Afeganistão. Sua tropa assaltava um grupo de edifícios atrás de um muro de barro. Ray era um dos principais atiradores, e subira no telhado de um prédio vizinho, com visão ampla da propriedade onde o comandante talibã estava escondido, para dar cobertura aos atacantes.

Olhando as imagens, eu distinguia os assaltantes movimentando-se em

silêncio rumo ao objetivo. Eu tinha feito aquilo 1 milhão de vezes, por isso sabia exatamente o que eles estavam sentindo. Só de observá-los eu ainda ficava agitado. Sabia que seus sentidos estavam em alerta máximo, tentando ouvir uma porta que se abria, ou pedras trituradas pelos tênis de chita dos talibãs. Surpreendi-me vasculhando as paredes da propriedade à procura de algum movimento.

Quando Ray se instalou para dar cobertura aos assaltantes, executou cada passo com toda cautela. Tenho certeza de que cada rangido do fino barro o fazia parar, pois ele sabia perfeitamente que qualquer movimento errado denunciaria sua posição para pessoas que talvez estivessem dormindo dentro da casa.

Enquanto a força de assalto se aproximava do objetivo, uma porta diretamente abaixo da posição de Ray foi aberta. Então a forma distinta de um lança-rojão — o cano fino com uma ogiva cônica na ponta — apareceu. Houve uma breve pausa, talvez alguns segundos. Imaginei que alguém dentro do prédio tinha ouvido Ray no telhado, ou os assaltantes patrulhando a propriedade. O combatente talibã provavelmente tentava enxergar os Seals que se aproximavam no escuro. Segundos depois, o foguete disparou, percorrendo uma trajetória em frente aos assaltantes e detonando a certa distância.

A onda de sopro e chamas à retaguarda criada pelo lança-rojão foi forte o bastante para fazer desabar o barro do teto, que partiu-se ao meio como uma boca gigantesca e engoliu Ray, jogando-o bem dentro da casa.

Ray caiu sobre um monte de barro e caibros partidos. Imediatamente viu cinco combatentes talibãs através da nuvem de pó, portando fuzis AK-47 e cartucheiras no peito com carregadores extras. Alguns estavam estendidos no chão, atordoados com a onda de sopro e chamas do lança-rojão.

Ray teve poucos segundos para tomar uma decisão: ficar onde estava e atirar contra os quatro sujeitos ou sair da casa antes que seus companheiros Seals, que talvez não o tivessem visto cair, abrissem fogo contra o edifício.

Ray decidiu sair da casa.

Localizou uma janela e jogou-se contra ela. Nas imagens, vi-o saltar e cair numas coisas amontoadas ao pé da parede. Ele gritou para os companheiros, identificando-se como um dos mocinhos. Esperava que percebessem que não era talibã. Distanciando-se da janela, a filmagem mostrava Ray calmamente puxando uma granada. Agachado debaixo do peitoril da janela, ele jogou a granada dentro da casa. Pelo material gravado pelo drone, achei que Ray

parecia calmo. Todos os seus movimentos eram suaves e fluidos. Ele tinha um jeito de fazer uma coisa louca parecer normal.

Ray rolou para longe da janela aberta e procurou abrigo. A granada explodiu e espalhou uma chuva de detritos pelo buraco no teto. Dentro da casa, os estilhaços derrubaram os combatentes.

Ray, como muitos de nós, tinha servido ao país por mais de uma década em condições bem difíceis. Suas ações reforçavam para toda a equipe os conceitos que nos guiavam, e sei que ver Ray operar no auge de suas aptidões nos tornava mais eficazes, o que ajudou a salvar vidas no futuro.

Sentado no deque do meu amigo, desejei ter mais uma chance de tomar uma cerveja com Ray. Pelo resto da noite, falamos sobre nossos irmãos que tombaram e tentamos esquecer tudo o mais. Pouco importava como tinham morrido. A única coisa que importava é que não estavam mais conosco.

Dias depois, começaram a chegar detalhes sobre a queda. Era importante que aprendêssemos com ela, assim como havíamos aprendido com a missão de Ray. Os rapazes desaparecidos faziam parte de uma Força de Reação Rápida (QRF) naquela noite. A QRF é uma unidade de prontidão que geralmente aguarda nas proximidades de uma missão, pronta para atuar como reforço a qualquer momento, se as coisas forem mal.

Rangers do Exército tinham saído para acertar um alvo na aldeia de Jaw-e-Mekh Zareen, no vale Tangi, na província de Waedak. O alvo tinha sido proposto primeiro para os Seals, que no entanto declinaram, porque a luz da lua era forte naquela noite e eles acharam que seria mais seguro esperar por uma noite mais escura. Quando os Seals recusaram, os Rangers decidiram realizar a missão.

Estavam à procura de um alto líder talibã. Um duelo de fogos começou quase no instante em que os Rangers desembarcaram. Combatentes talibãs, vale acima e abaixo, vieram defender a propriedade. O combate durou pelo menos duas horas, antes que um pequeno grupo de talibãs fugisse. Os Rangers pediram ajuda à Força de Reação Rápida. Temiam que o comandante e seus guarda-costas fizessem parte do grupo de fugitivos, e não queriam perdê-lo.

Quando o helicóptero — indicativo de chamada Extortion 17 — chegou para ajudar os Rangers, o lança-rojão de um dos combatentes talibãs atingiu o rotor de cauda. Ray e os demais não tiveram a menor chance.

Dois dias depois, comandantes no Afeganistão afirmaram que o combatente que disparara a granada propulsionada por foguete tinha sido

morto num bombardeio de F-16.

Isso não ajudava em nada.

Mais tarde, começaram a circular rumores sobre uma elaborada armadilha. Dizia-se que os talibãs haviam atraído os Seals para o alvo e derrubado o helicóptero em retaliação contra o assalto que matara Osama bin Laden. Seja qual for a verdade, o fato é que a queda do Extortion 17 foi uma tragédia. Quando a Força de Reação Rápida é chamada, quase sempre alguma coisa deu muito errado. Estar na QRF é perigoso. Não há elemento surpresa, especialmente quando a gente chega num CH-17 Chinook, que é basicamente um ônibus escolar voador. Às vezes, não há habilidade nem sorte no mundo que valham qualquer coisa quando chega a nossa vez.

Enquanto os detalhes rolavam na tela aquela noite, descobri que mais um bando de companheiros de equipe tinha perdido a vida no Afeganistão. Trinta e oito militares foram mortos quando um lança-rojão atingiu o Extortion 17. Mais de doze eram Seals. O dia da queda foi o mais mortal dos dez anos de guerra no Afeganistão. A visão de caixões envoltos na bandeira dos Estados Unidos a caminho dos serviços fúnebres está para sempre gravada em minha mente.

É claro que Ray não foi o único amigo que perdi em meus catorze anos de carreira como Seal. Na minha lista de contatos telefônicos há quarenta nomes para os quais não voltarei a ligar. O número de Seals mortos desde o Onze de Setembro é bem superior a quarenta, mas esses quarenta foram aqueles que tive a sorte de conhecer e com quem tive a sorte de servir.

Tomando uma cerveja, nunca reviveremos os dias gloriosos de missões passadas. Lá se foram as refeições preparadas ao ar livre e as viagens de treinamento. Todos esses quarenta são mais que colegas de trabalho ou amigos. São irmãos. Sempre que rolo na tela a minha lista de contatos, deparo com um nome e imediatamente esse nome me traz uma lembrança.

Todos nós chegamos a San Diego com o mesmo sonho. Era um vínculo que punha um menino do interior do Alasca na mesma página que um surfista da Califórnia ou um criador de porcos do Meio-Oeste que viu o oceano pela primeira vez no primeiro dia de treinamento.

Persegui esse sonho desde o ensino médio no Alasca até o BUD/S. Quando consegui meu tridente, o emblema que os Seals usam nos uniformes, tentei me destacar em todas as tarefas. Para mim, e para muitos companheiros de equipe, ser um Seal era apenas o começo do sonho. Ser um grande companheiro de equipe, esforçando-se o tempo todo para melhorar, e estar

sempre disponível para o colega da direita ou da esquerda era para nós uma religião.

Nunca me anestesiei contra as perdas. Para mim, elas doíam mais e mais à medida que eu avançava na carreira. Meus companheiros de equipe sacrificavam tudo pelo país. Passavam meses longe da família e dos entes queridos, longas horas sofrendo nas gélidas montanhas do Afeganistão, e alguns, como meu amigo Ray, pagavam o preço mais alto. Nenhum deles se julgava herói.

Tive que tomar uma decisão.

Passei catorze anos tentando ser o melhor Seal possível. Mas agora ou eu me realistava e permanecia na Marinha tempo suficiente para ter direito a uma pensão — mais seis anos — ou saía em busca de um novo desafio.

A decisão me pesou mais do que qualquer coisa na vida. Ser um Seal numa das melhores equipes [redacted] do país era mais do que apenas o meu trabalho. Era minha identidade, e uma das principais formas de dar ordem e significado à minha vida. Não era como se eu pudesse ir ao exterior para participar de missões em tempo parcial. Eu sabia que, se saísse, o trem me deixaria para trás, e a maior parte de tudo aquilo que eu tinha feito e conhecido durante toda a vida adulta mudaria para sempre.

Lutei com a decisão, passei noites examinando minha carreira e os acontecimentos e lições que definiram quem eu sou. Acabei decidindo deixar a Marinha e forjar um novo caminho. Para isso, eu precisaria me reinventar.

A publicação do livro me lançou num mundo novo, no qual milhões de pessoas que eu não conhecia de repente queriam falar comigo, ouvir o que eu tinha a dizer. A maioria delas me dava apoio, mas havia críticas também. Era um novo desafio, para o qual eu não tinha certeza se meu treinamento como Seal me preparara.

Tinham sido necessárias trinta missões em treze anos para fazer de mim o operador que eu era quando saí da Marinha. Saltar do trem em velocidade foi difícil em parte porque eu estava entrando num mundo no qual eu não tinha ideia se minhas habilidades serviriam de alguma coisa.

Quando ouvem falar nos Seals, as pessoas geralmente imaginam que se trata de super-heróis que saltam de aeronaves e atiram contra os bandidos. Fazemos as duas coisas, mas não são essas habilidades que nos definem. Quando cometemos erros, fazemos tudo de novo, muitas vezes, até não cometermos mais. Não somos super-heróis. Somos apenas muito dedicados.

Não existe uma “receita secreta”, mas muito trabalho duro, muita

dedicação, muita motivação.

A realidade é que os Seals não se julgam especiais. Nós simplesmente nos empenhamos em executar extraordinariamente bem as tarefas mais básicas. Um dos melhores líderes que conheço insistia com os mais jovens para que se envolvessem e fizessem parte da equipe.

“Em que nível vocês estão dispostos a participar?”, perguntava.

“Todos juntos o tempo todo”, era a única resposta aceitável.

Aprendíamos, quase sempre por tentativa e erro, a nos distinguir. Distinguir-se significa comunicar-se com os outros, testar, liderar, ouvir, estudar e ensinar, dia após dia, ano após ano. Significa não apenas ser capaz de marchar quilômetros e quilômetros pelas montanhas do Afeganistão carregando 27 quilos nas costas, mas também deixar outros chamarem nossa atenção para os erros inaceitáveis que cometemos. E ser chamado à atenção por nossos companheiros de equipe quase sempre é mais duro do que passar horas nas ondas geladas.

Enquanto enfrentava novos desafios em meu primeiro ano fora da Marinha, passei muito tempo recordando as lições que aprendi durante minha carreira como Seal, e os momentos que vivi e as pessoas que conheci são coisas que vou levar comigo pelo resto da vida. O que percebo é que os momentos importantes para mim não são aqueles que resultaram em manchetes de jornal. São as missões que sequer têm nome, nas quais minha equipe foi testada ao máximo e aprendeu alguma coisa que nos tornou melhores do que éramos. São os erros que cometi, aos quais felizmente sobrevivi, e dos quais tirei lições, para não voltar a cometê-los. Os momentos mais importantes são os que me ensinaram o que realmente significa a irmandade dos Seals.

Este livro trata desses momentos, e das lições de cada um que me definem.

No conjunto, espero que estas histórias ofereçam uma visão íntima da vida e do trabalho de um Seal e das lições que me foram transmitidas pelos companheiros de equipe com quem servi, e pelos que vieram antes de mim.

Ser um Seal não é só um emprego. É o compromisso que assumimos pela vida inteira de desafiarmos a nós mesmos e a nossos companheiros de equipe, para existirmos em constante estado de evolução, examinando nossas decisões e aprendendo com nossos erros, para que nós e nossa equipe possamos ser tão eficazes quanto possível.

As lições que aprendi ao longo da minha carreira constituem o legado dos homens — como Ray — que perdemos e de todos os outros Seals,

reformados ou na ativa, que dedicaram a vida a este país. Muitas delas foram aprendidas da maneira mais difícil, com o sacrifício de amigos. Este livro é dedicado aos meus irmãos.

Os Seals são orientados a aconselhar e treinar a geração mais nova e a transmitir aos mais jovens as lições que aprenderam. Escrevi *Não há heróis* porque é isso que pretendo fazer.

1. O direito de usar a camisa

Propósito

Era só uma camiseta preta.

Tamanho médio, 100% algodão.

Na frente havia um esqueleto num macacão de mergulho rastejando numa praia. Tinha um M-16 nas mãos e uma faca no cinto. O esqueleto saía do mar, as ondas escuras arrebentando atrás. Um tridente dos Seals aparecia no lado esquerdo do peito. O tridente foi a única razão para que eu a adquirisse.

Lembro quando a camiseta chegou pelo correio. Não havia como conseguir uma igual àquela numa loja na aldeia do Alasca onde fui criado. Vesti-a imediatamente, e usava-a praticamente todos os dias. Se estivesse limpa de manhã, eu vestia.

Para as outras pessoas, era apenas uma camisa que eu usava sempre. Mas, para mim, representava um objetivo de vida. Cada vez que eu a vestia, ela renovava minha disposição de me tornar um Seal. Enfiei a camisa na mala, terminei de guardar o resto das roupas — incluindo um terno e sapatos emprestados — e fui para a pista de pouso. Ia assistir a uma conferência na capital, Washington, para "futuros membros militares". Era 1992, e até hoje não sei como fui convidado, mas provavelmente o convite partiu de um dos muitos recrutas com quem falei sobre me tornar um Seal.

A pista de pouso ficava nos arredores da aldeia e era nosso elo com a "civilização", se é que se pode chamar assim qualquer cidade do Alasca. O estilo de vida da fronteira é o que faz as pessoas se mudarem para o Alasca. Quem quiser conforto, que fique em algum outro estado mais ao sul.

Vi o avião passar sobre as árvores no fim da pista e descer para o pouso. Enquanto o piloto e um novo grupo de caçadores descarregavam, abracei meus pais perto da pequena construção de sala única que servia de terminal.

Era a primeira viagem que eu fazia. Era a primeira vez que saía do Alasca sozinho. Era minha primeira visita a Washington. Mas, entre tantas primeiras coisas, a que me deixava mais agitado era conhecer o primeiro Seal.

Todo mundo na minha aldeia sabia que eu queria ser um Seal. Era um assunto do qual eu falava sempre com os amigos, e com o qual sonhava à noite. Li todos os livros que achei sobre os Seals.

Não sabia nada sobre a Equipe Seal [redacted] até ler *Rogue Warrior*, de

Richard Marcinko. “Demo Dick” e “Tubarão da Delta” eram alguns dos seus apelidos. Ele trabalhou no Vietnã e depois criou a Equipe Seal [redacted]. *Rogue Warrior* conta a história da criação da unidade. A acreditar no que diz o livro, todo Seal é capaz de comer vidro e de levantar, deitado num banco, 226 quilos. Mais que tudo, eu queria provar que também podia fazer isso. Fora, talvez, a parte de comer vidro.

Naquela época, eu só pensava que seria legal ser um Seal. Sabia que o treinamento seria duro, mas era jovem demais para avaliar quanto. Certamente não sabia de todos os outros sacrifícios que precisaria fazer. Tudo que queria era ser como os caras sobre os quais tinha lido, e na época isso bastava para me fazer seguir em frente.

Tive sorte. Descobri meus objetivos muito cedo. Não acredito que compreendesse direito no início, mas a partir do momento em que descobri a existência dos Seals, soube que essa era a minha meta, por causa do desafio. Se me perguntassem, na época, *por que* eu queria ingressar, um senso de dever estaria na lista, mas não no topo. No topo estava a necessidade de provar a mim mesmo que conseguiria concluir o mais severo treinamento militar que as forças armadas dos Estados Unidos tinham a oferecer. Por que haveria de querer outra coisa? Se fosse fácil, todo mundo faria. Olhando para trás agora, não sei muito bem por que era tão importante provar alguma coisa a mim mesmo. Tudo que eu sabia era que, depois de ler os livros de história, os Seals se destacavam como os mais difíceis e desafiadores. Acho que eu pensava que, se ia ingressar nas forças armadas, era melhor pensar grande.

O piloto me ajudou a acondicionar minha mala e subi a bordo do avião. Acenei para meus pais do banco apertado na parte de trás, quando taxiávamos para tomar posição na pista. Minha família não era rica, mas meus pais se ofereceram para pagar o bilhete aéreo, e dois veteranos do Exército que moravam na aldeia cobriram as despesas restantes.

No aeroporto de Anchorage, peguei o itinerário da viagem e voltei a examiná-lo. Antes da palestra com os Seals, eu tinha que aguentar visitas aos monumentos nacionais e ouvir palestras sobre o Exército e a Força Aérea.

Mas, para conhecer um Seal, valia a pena.

Cheguei a Washington e imediatamente entrei no ritmo da conferência. Fomos ao Pentágono, que é muito mais legal nos filmes. A rigor, é apenas um edifício de escritórios de formato inusitado. Também vimos os monumentos a Lincoln e ao Vietnã. Naquela época, nada me despertou interesse. O vasto número de nomes no memorial do Vietnã me desconcertou, mas o impacto

foi atenuado porque eu ainda não sofrera perdas como as que viria a sofrer anos depois no Iraque e no Afeganistão. Voltando a pensar no assunto, eu realmente não tinha ideia de que algum dia consultaria uma lista de nomes como a do muro, entendendo o que significa perder amigos íntimos e companheiros de equipe. Ao visitar o muro agora, compreendo a gravidade. Mas, naquela época, eu tinha apenas a ideia fixa de conhecer um Seal.

Tudo estava planejado nos menores detalhes, quase minuto a minuto, e toda manhã, quando eu vestia a roupa, via minha camiseta cuidadosamente dobrada. Guardava-a para a palestra com o Seal.

O encontro era à tarde. Por isso, depois do almoço de sanduíche e biscoito típico dessas conferências, corri para a sala de reunião onde o Seal ia falar. Infelizmente, quando cheguei à porta, fui informado de que a sala estava cheia.

A sala estava apinhada, mas vi ainda algumas cadeiras. Tentei argumentar com a mulher que tomava conta da porta. Ela fizera parte do grupo de acompanhantes e organizadores que estivera conosco a semana inteira. Senti que queria me deixar entrar, mas o número de cadeiras era limitado.

Ela se desculpou, mas não cedeu.

Uma multidão se formava do lado de fora. A palestra com o Seal era o ponto alto do período. Pela porta, vi o Seal de uniforme conversando com os acompanhantes mais jovens. O tempo estava se esgotando. Consultei meu itinerário à procura de outras sessões, mas nada chegava nem perto. Eu não sabia o que fazer. Voara milhares de quilômetros para assistir àquela palestra. Naquele momento, a viagem inteira parecia um desperdício. Eu estava arrasado.

Então, pouco antes de a palestra começar, a senhora da porta me chamou com um aceno. Disse que deixariam mais algumas pessoas entrar e me pôs para dentro. Só havia lugar em pé. Encontrei um canto nos fundos e esperei que o Seal começasse.

O Seal usava um uniforme de camuflagem verde de combate, com uma balaclava preta ajustada até o pescoço. As calças estavam enfiadas em coturnos para combate na selva. Ele tinha cabelos mais longos do que seria de esperar em alguém nas forças armadas. Não desgrenhados, mas não tão curtos como os dos Fuzileiros Navais. Tinha um ar arrogante, fato de que só me dei conta anos depois. Mais arrogante do que confiante, não tinha conhecimento suficiente da própria personalidade para saber que não é legal tentar parecer legal.

Sua apresentação começou com os clichês sobre os Seals. Os Seals são a força básica de operações especiais da Marinha. O acrônimo Seal faz referência à sua habilidade de operar no mar [*sea*], no ar [*air*] e em terra [*land*]. O presidente John F. Kennedy entendeu a necessidade de dispor de forças de operações especiais para travar guerras de guerrilha e criou os Seals com as Forças Especiais do Exército. No discurso de 1961 em que anunciou planos para desembarcar um homem na Lua, Kennedy também anunciou investimentos de 100 milhões de dólares para criar e treinar forças de operações especiais.

Formados de início por membros de equipes de demolição subaquática da Marinha, os Seals foram enviados para o Vietnã, onde trabalharam com a CIA e armaram emboscadas para retardar as linhas de suprimento no delta do Mekong. Ganharam o apelido de "homens de cara verde" por causa da tinta de camuflagem que costumavam usar no rosto em suas missões.

Não perdi uma palavra da apresentação de uma hora. Ele contou histórias sobre o treinamento BUD/S, de Demolição Subaquática Básica. Insistia que era muito difícil; nada no BUD/S era fácil, desde nadar nas águas gélidas do oceano até correr exaustivamente na areia macia da praia. Suas histórias me davam vontade de ouvir mais.

Depois da parte de perguntas e respostas, houve uma breve pausa antes do evento seguinte. Fui correndo ao meu quarto de hotel vestir a camiseta preta dos Seals. Queria tirar uma foto com o Seal. Imaginei que, se ia tirar uma foto, era melhor que estivesse usando minha camiseta predileta. Quando voltei à sala, o Seal ainda estava falando e respondendo a perguntas.

Aguardei pacientemente a minha vez.

"Posso tirar uma foto com você?", perguntei, apertando sua mão.

Ele sorriu e pôs um braço em meu ombro. Se tivesse me mandado raspar a cabeça e andar para trás pelo resto da semana, eu teria obedecido. Pouco antes de um dos acompanhantes tirar a foto, ele se debruçou e sussurrou no meu ouvido.

"Sabia que quando uma pessoa não é Seal e usa uma camiseta dos Seals costuma levar um pé na bunda?", disse.

Sorri e agradeci, mas naquele momento tudo que eu queria era tirar a camisa. Corri para o quarto de hotel e enfiei-a no fundo da mala. Nunca mais a vesti. Quando voltei para casa, guardei-a na gaveta da cômoda. Eu não estava fazendo pose. Só não tivera oportunidade ainda de provar quanto valia. O comentário não só não doeu como aumentou minha paixão por me tornar

um Seal. Eu me sentia como se estivesse me enganando ao usá-la. Foi então que me dei conta de que o desejo de ser um Seal não era fantasia de adolescente. Era a única coisa em que eu conseguia pensar que daria sentido e objetivo à minha vida. Eu queria conquistar o direito de usar a camisa.

Quando compreendi que meu objetivo era me tornar um Seal, nunca mais deixei de tentar alcançá-lo. Olhando para trás, acho que meus pais me ensinaram que ter um objetivo e viver de acordo com ele era importante. Meus pais eram jovens quando seu objetivo os levou para o Alasca, e eu sabia que aquilo havia significado para eles sacrifício e dificuldades.

Meus pais eram missionários. A fé os levou a mudar nossa família da Califórnia para o Alasca, longe de qualquer conforto urbano. Nada era fácil na vida de aldeia, mas isso não importava para eles. Todo mundo ali era pobre, pelos padrões do subúrbio americano, mas na verdade era apenas uma vida mais simples.

Morávamos numa casa de dois andares, a menos de cem metros de um rio. Eu via alces com tanta frequência da nossa porta da frente que já não me espantava. Havia uma estação de TV, nenhuma de rádio. Nossa casa tinha água corrente e eletricidade, mas não havia aquecimento central. Usávamos um imenso fogão de ferro na sala de estar para nos aquecer no inverno. Meu pai se levantava no meio da noite para manter o fogo aceso.

Havia um imenso depósito perto do fogão. Meu trabalho era abastecê-lo de lenha no inverno. Eu rachava as toras e mantinha a pilha de lenha guardada na varanda. Quando a pilha do depósito diminuía, eu ia à varanda pegar outra fornada. Tarefas de rotina não eram para mim uma maneira de ganhar uns trocados. Nunca recebíamos nada. Fazia parte do esforço da minha equipe familiar para sobreviver no Alasca.

Uma das minhas primeiras lembranças na escola primária é de acender fogueiras. Em vez de nos ensinarem apenas a ler ou escrever, ensinavam-nos algumas habilidades básicas necessárias para a sobrevivência. Cada aluno da minha classe do terceiro ano recebia dois palitos de fósforo para acender uma fogueira de sobrevivência usando cascas de árvores do terreno da escola. Tínhamos que acender uma fogueira grande o suficiente para nos manter aquecidos durante todo o dia de inverno. O exercício tinha o objetivo de nos ensinar táticas de sobrevivência para o caso de nos perdermos, ou encalharmos. O inóspito Alasca pode ser um lugar muito perigoso para quem não sabe o que está fazendo, o que torna arriscada a caminhada para a escola e de volta para casa.

Minha escola de ensino médio era um corredor com seis salas. Tinha cerca de setenta crianças, do terceiro ao 12º ano. Minha turma do último ano tinha três alunos. Fui o orador na cerimônia de formatura; não me perguntem, por favor, qual era a minha média. Meus interesses estavam basicamente fora da sala de aula.

Eu caçava sempre que tinha oportunidade. Quando era adolescente, meu pai me deixava levar o barco da família rio acima em longas viagens para acampar e caçar. Eu queria estar fora, em atividade, o que muito provavelmente me levou à concepção de me tornar um Seal. Jamais quis ter que me preocupar com sinais de trânsito, tráfego, usar terno no trabalho todos os dias. A ideia de trabalhar num cubículo era como uma sentença de morte.

Comprei meu primeiro fuzil de assalto na escola, do professor de história. Era um AR-15, versão civil do M-4 das forças armadas. Ganhei o dinheiro para comprar o fuzil fazendo serviços para moradores da aldeia e na construção civil durante o verão. No intervalo das aulas, paguei setecentos dólares ao professor e guardei a arma no armário. Quando o sino tocou, coloquei-a na traseira do meu snowmobile — uma espécie de jet-ski para neve — e parti para casa. Sim, eu ia de snowmobile para a escola no inverno.

Tudo que não conseguíamos tirar da terra, tínhamos de comprar nas duas lojas da cidade, ou durante a visita semestral a Anchorage para estocar. Como vivíamos muito longe de Anchorage, os mantimentos eram caros. Na aldeia, o leite custava seis dólares o galão, por isso meus pais compravam leite em pó, que era mais barato.

O leite em pó era vendido em tonéis imensos, grandes demais para guardar no balcão da cozinha. Para facilitar o uso diário, minha mãe media pequenas quantidades e guardava em sacos plásticos. Fazia o mesmo com o sabão de lavar roupa e com outros artigos comprados por atacado.

Certa manhã, preparei uma imensa tigela de cereal. Minha mãe estava no fogão fazendo panquecas para meu pai. A massa estava efervescendo em grandes e fofas panquecas enquanto eu derramava o leite no cereal.

Sentado à mesa, dei algumas colheradas, mas o gosto não era bom. Mexi o cereal e juro que vi espuma. Eu já ia jogar fora a tigela quando meu pai me deteve.

“Coma”, disse ele. “É só o leite em pó, é esse o gosto.”

Tentei protestar.

“Não é isso”, disse eu. “Tem um gosto azedo. Parece sabão.”

“É só se acostumar”, disse meu pai.

Jamais gostei do sabor de leite em pó, mas havia qualquer coisa de errado com aquele. Engoli toda a tigela, uma colherada de cada vez. Depois de algum tempo, as papilas gustativas deixaram de reagir. Tudo que eu conseguia sentir era aquele gosto azedo, saponáceo. As panquecas de meu pai apareceram logo depois que acabei de comer o cereal. Ele deu uma mordida e cuspiu.

"O que há de errado com estas panquecas?", perguntou à minha mãe.

Minha mãe parou de preparar as panquecas de minha irmã e deu uma mexida na massa. Depois pegou um saco plástico e cheirou.

"Acho que usei detergente de lavanderia em vez de leite em pó", disse, com um sorriso encabulado. "Não admira que elas tenham crescido e formado tantas bolhas."

Minha mãe pôs-se a rir, meu pai também. Quando perceberam que eu tinha comido uma tigela de cereal com água de sabão, riram ainda mais. Tentei rir também, até começar a sentir dor de barriga.

Minha mãe jogou fora a massa e começou tudo de novo. Quando me ofereceu outra tigela de cereal, recusei. Meu estômago dava voltas, e senti as bolhas roncarem pelo resto do dia.

Viver no Alasca era difícil, e nem sempre por causa do sabão líquido em meu cereal. Não havia nada de normal na minha criação, mas meus pais sabiam os sacrifícios que estavam fazendo. Não precisavam engolir aquele leite em pó de gosto horrível, nem morar numa aldeia no interior do estado. Escolheram uma vida mais difícil do que a da maioria porque era a única maneira de alcançarem seu objetivo na vida, o de ser missionários e espalhar sua fé. Eu sabia que sua dedicação me influenciava muito. Ela me deu os valores de que precisava para, no devido tempo, me distinguir na Marinha.

Meus pais me puseram numa direção que não era a norma na aldeia. As pessoas ali não deixavam o lugar. Arrumavam emprego na construção civil durante o verão e viviam de suas economias e da terra durante o inverno. Meus pais insistiam para que eu sonhasse alto, e seguisse meu próprio caminho. Dos meninos com quem cresci, fui um dos poucos com planos de fazer alguma coisa que não fosse permanecer na aldeia.

Meu pai sempre foi justo e nunca me obrigou a fazer nada além do que achava que eu seria capaz de fazer. Por isso, quando me pediu que eu pelo menos tentasse um ano de faculdade antes de me alistar na Marinha, tive que ceder ao seu desejo. Ele era parte da geração Vietnã e não queria que nada acontecesse comigo, mas acho que também compreendia minha paixão por

servir, porque sentia a mesma paixão por seu trabalho missionário.

Assim, fizemos um acordo.

Depois de terminar o ensino médio, matriculei-me numa pequena faculdade no sul da Califórnia e assumi o compromisso de ficar pelo menos um ano. Mas não planejava permanecer um dia a mais. Após o primeiro ano, minha ideia era me alistar e ir para o BUD/S.

Meu primeiro ano passou voando, e meu pai tinha razão. A faculdade era divertida. Conhecer a vida fora da aldeia foi bem legal. Minha média não batia nenhum recorde, mas eu estava me divertindo muito e fazendo novas amizades. Eu havia lhe prometido um ano, mas decidi ficar e terminar o curso.

Minha escola não tinha um programa de Corpo de Treinamento de Oficiais de Reserva da Marinha (ROTC), e os programas circundantes não tinham um acordo de parceria. O programa do Exército na Universidade do Estado da Califórnia, em Fullerton, aceitava estudantes de escolas vizinhas, por isso me matriculei.

O ROTC é um programa baseado nas faculdades para treinar oficiais. Estudantes fazem cursos de ciência militar, trabalham fora e praticam exercícios juntos. Uma vez por semana, tipicamente, estudantes do ROTC vão para a escola fardados. Eu estudava na minha escola durante o dia e depois atravessava a cidade de carro até o edifício de Ciências Militares para assistir a eventos e aulas de ciência militar na Universidade do Estado da Califórnia. Meu objetivo não era vir a ser um oficial, nem ingressar no Exército. Eu só queria estar envolvido em alguma coisa que fosse militar. Eu gostava de usar farda; dava-me um sentimento de orgulho.

Depois do primeiro ano, os instrutores do ROTC me perguntaram se eu queria ir para a Escola de Paraquedistas do Exército dos Estados Unidos em Fort Benning, Geórgia. Eu tinha me destacado no primeiro semestre, e eles imaginavam que esse atrativo não só me manteria no programa, como também me convenceria a pegar uma bolsa para ser um futuro oficial do Exército.

Aceitei a chance de ir para a Escola de Saltos, que é como a maioria das pessoas chama o programa de treinamento de paraquedistas. Tinha lido livros suficientes para saber que os Seals mandam pessoas diretamente do BUD/S para se qualificar como paraquedistas. Imaginei que seria uma oportunidade de completar o curso de três semanas mais cedo. Antes de partir, cortei meu cabelo no estilo do Exército, como os demais colegas de escola.

Na primeira manhã acordamos ao amanhecer e entramos em formação no campo de desfiles perto dos nossos alojamentos. O sol mal despontava entre os pinheiros, e o ar já era úmido e pegajoso. No segundo exercício, minha camiseta cinza do Exército estava empapada.

Todo mundo tinha a mesma aparência — camisas cinza, shorts pretos, cabelo de corte padrão, raspado dos lados e um pouco mais alto em cima —, exceto um pequeno grupo com cabelos mais longos e camisetas marrons. Quando vi o grupo em seus uniformes depois do treinamento físico, percebi que traziam a identificação Marinha dos EUA colada a velcro sobre o bolso esquerdo. Sabia que só podiam ser Seals.

Os Seals mantinham-se juntos durante o treinamento. Vi os instrutores corrigirem um Seal e ordenar-lhe que fizesse dez flexões como castigo. Logo que o Seal começou, os companheiros se jogaram no chão também. Em uníssono, berravam as repetições. "Um, dois, três..." Ninguém se aproximava deles, embora eu quisesse desesperadamente lhes fazer perguntas sobre o BUD/S.

Para ser honesto, eu queria *ser* um deles.

Na segunda semana de treinamento, finalmente consegui falar com os Seals. Era hora do almoço e o único lugar que sobrou foi na minha frente. De início não houve conversa, só um aceno. Eu estava intimidado demais para puxar conversa. Mas, depois de umas colheradas, o Seal finalmente falou.

"Ei, irmão, posso lhe fazer uma pergunta?", disse.

Diferentemente do Seal que conheci em Washington, esse era mais magro, com cabelo mais curto. Era esbelto e tinha um ar de confiança, não de arrogância.

"Claro", respondi.

Eu estava meio agitado por finalmente poder falar com um Seal. Lá no fundo, eu é que gostaria de lhe fazer perguntas. Tinha tantas na cabeça, especialmente sabendo que ele acabava de sair do treinamento. Mas enquanto eu via o meu futuro, o Seal via apenas mais um cadete brincando de Exército durante três semanas.

"Qual é a do corte de cabelo?", perguntou o Seal. "Não consigo entender. Por que vocês cortam o cabelo desse jeito?"

Parei de comer.

Não conseguia acreditar que a pergunta era dirigida a mim. Não é que houvesse malícia ou zombaria. Parecia que ele estava realmente curioso, o que só piorava a situação. Se tivesse zombado de mim, eu pelo menos teria uma razão para ficar furioso.

“Não sei, cara”, disse. “Realmente não sei.”

Tentei mudar de assunto, para falar sobre o BUD/S. Eu de fato não queria conversar sobre uma coisa que, na verdade, não compreendia. E me sentia desconfortável, constrangido.

Antes do fim da conversa, tomei uma decisão. Não queria mais saber do Exército. Voltei para a Califórnia e devolvi as fardas e botas, que já não brilhavam como antes. O cabelo raspado dos lados e mais cheio em cima começou a crescer.

Quando terminei a papelada, um dos oficiais da unidade me segurou.

“Ei, cara, tem certeza de que quer ir embora?”, perguntou. “Precisamos de bons cadetes e seria uma pena vê-lo sair.”

“Não consigo fazer isto”, respondi finalmente.

O instrutor tentou argumentar.

“Você é um ótimo cadete”, disse. “Só mandamos os melhores para a escola de saltos.”

Agradeci o elogio, mas não queria ficar no Exército.

“Quero ser um Seal”, disse. “É meu sonho desde menino.”

Sabia que estava me arriscando. Ao sair do ROTC, eu abria mão da oportunidade de obter uma bolsa. Mas valia a pena, e acho que às vezes só alcançamos o que queremos quando estamos dispostos a arriscar tudo. Um bom exemplo é o de meus pais, que se mudaram para o Alasca, longe da família e de qualquer apoio, para alcançar seus objetivos. Não era mais uma ideia que eu tinha porque achava legal. Agora era o farol que orientava minhas decisões na vida.

Tenho certeza de que muitos dos que se tornaram meus companheiros de equipe eram iguais. Todos nós queríamos ser parte de uma coisa maior. Eu tinha me desviado e desfocado daquilo que realmente desejava.

Quando finalmente assinei meu contrato de alistamento na Marinha, tive que escolher um curso “A”, que basicamente significava decidir que trabalho eu executaria se saísse do BUD/S e não me tornasse um Seal. O recrutador queria que eu fizesse energia nuclear, ou *nuke*, para trabalhar nos reatores que propulsionavam os submarinos e os porta-aviões. O curso durava dezoito meses. Eu sabia que recrutadores provavelmente ganhavam bônus por colocar pessoas nos programas mais difíceis, mas não queria esperar tanto para começar o BUD/S.

“Qual é o curso mais curto que existe?”, perguntei ao recrutador.

Ele folheou seus arquivos e encontrou uma tabela com detalhes sobre todos

os cursos. Correndo o dedo pela lista, parou e ergueu os olhos.

"Torpedeiro. Sete semanas", disse, já conformado com o fato de que não me colocaria no *nuke* nem ganharia pontos.

Em vez disso, eu ficaria engraxando torpedos durante dois meses antes de, com sorte, ter chance de fazer o BUD/S. Não perdi muito tempo pensando no que aconteceria se falhasse. Teria enlouquecido se ficasse quatro anos como torpedeiro, e talvez saísse da Marinha. Para mim, naquela altura, não havia plano B.

Estabeleci objetivos mais altos do que a maioria das pessoas achava possível para um menino do Alasca, mas sabia, instintivamente, que ou venceria ou morreria tentando. Não queria chegar à velhice arrependido por não ter tentado.

Havia algum conforto em finalmente trabalhar pelo objetivo de me tornar um Seal. Eu aprendera a fazer sacrifícios com meus pais. Eles me mostraram o que significava viver por alguma coisa maior do que eu mesmo. Ao me matricular no ROTC, eu havia me desviado. Foi preciso aquele almoço na escola de saltos para me trazer de volta aos trilhos. Quando olhei no espelho, o que vi foi alguém com a motivação e a disciplina para fazer as coisas acontecerem. Vi alguém com um objetivo. Eu só precisava de uma oportunidade para provar que estava à altura. Sabia que nada na vida pareceria certo se pelo menos não tentasse com vontade.

"Sete semanas", eu disse. "Pode me matricular."

2. Como nadar cinquenta metros debaixo d’água sem morrer

Confiança

Gelo flutuava na água do lado de fora da minha janela de hotel enquanto eu fechava o zíper da minha roupa seca.

Eu estava olhando pela janela desde que vira a ensanguentada carcaça de um leão-marinho na praia aquela manhã. O corpo do animal tinha um imenso talho no lado, e o gelo ao redor estava vermelho de sangue. Uma orca fizera o corte, ou pelo menos foi o que os moradores nos contaram. Eu teria apreciado a cena por mais tempo, mas em menos de uma hora meus companheiros Seals e eu deveríamos entrar na mesma água para plantar uma bomba num navio da Marinha dos Estados Unidos.

Consolava-me um pouco saber que pelo menos a orca estava de barriga cheia.

Eu era um Seal recém-formado, depois de concluir o BUD/S apenas nove meses antes, e era bom estar de volta ao Alasca para treinar. O cenário era bem simples. Meu pelotão Seal foi designado para desempenhar o papel de OPFOR — jargão militar para “força de oposição”, ou bandidos. Nossa tarefa era atacar um navio de assalto anfíbio ancorado no píer em Ketchikan, Alasca. Sorrateiramente, tínhamos que chegar perto o bastante do navio para instalar dispositivos de rastreamento. Alguns tripulantes, assim como um pequeno contingente de soldados do Exército, estariam guardando o navio e as áreas adjacentes. Sua tarefa era defender-se de ameaças como nós.

Havia trinta centímetros de neve no píer e a temperatura da água oscilava um pouco acima do ponto de congelamento enquanto nos preparávamos. Esfreguei tinta preta no rosto e enfiei dentro do traje seco todas as roupas quentes que eu tinha.

Um dos meus companheiros de equipe bateu à porta; peguei o resto do equipamento e saí. Encontramo-nos no estacionamento do hotel, e quatro de nós, da equipe de assalto OPFOR — todos vestindo roupa seca e com o rosto pintado —, subimos na carroceria de um caminhão da U-Haul. Éramos os calouros do pelotão.

Como se a água escura e fria e as orcas devoradoras de leões-marinhos já

não fossem suficientemente assustadoras, tínhamos de nos preocupar também com Flipper, um golfinho assassino que nos esperava de tocaia nas profundezas.

Não estou brincando.

A Marinha tem golfinhos treinados para atacar mergulhadores. Os golfinhos eram parte do Programa de Mamíferos Marinhos da Marinha dos Estados Unidos, que treinava tanto golfinhos como leões-marinhos para detectar minas e proteger portos e navios. Tanto os Estados Unidos como a Rússia gastavam milhões nesses programas de treinamento, e os golfinhos foram usados em combate durante a Guerra do Golfo, em operações na costa do Iraque. O programa russo foi desmantelado no fim dos anos 1990, e corria o boato de que seus golfinhos assassinos tinham sido vendidos para o Irã.

A Marinha tinha levado três golfinhos por via aérea de San Diego para o Alasca em tanques aquecidos, para que pudessem nos caçar. Um golfinho estava estacionado numa jaula em cada ponta do navio que era nosso objetivo, e o terceiro ficava nadando solto. Os golfinhos da jaula eram treinados para usar seu sonar na detecção dos mergulhadores. Ao sentir nossa aproximação, deveriam subir à superfície e tocar um sino preso à jaula. Os instrutores então informariam pelo rádio que o golfinho tinha ouvido alguma coisa e os barcos-patrulha viriam nos procurar.

Quando localizava um mergulhador, o golfinho solto o atacava, obrigando-o a emergir. Tínhamos que lidar com um gigantesco golfinho nadando a toda velocidade na água escura e golpeando-nos repetidamente com o nariz até subirmos à superfície. Não tem graça alguma ir para a água fria e escura como breu no meio da noite, sejam quais forem as circunstâncias, mas a constante possibilidade de um golfinho nos abalroar a toda velocidade acrescentava um pouco de ansiedade à missão.

Poucas horas antes de cairmos na água, dois companheiros de equipe vestidos à paisana abriram caminho numa doca próxima com um par de tanques de oxigênio. Quando chegaram perto do navio, abriram a válvula do topo dos tanques apenas o suficiente para permitir que saísse uma quantidade de ar para criar bolhas. Meus colegas amarraram os tanques e os soltaram num dos lados do píer, prendendo a corda da âncora à balaustrada antes de se afastarem. As bolhas eram “ruído branco” subaquático para cobrir nossa aproximação.

Com os tanques na água, saímos do hotel e seguimos para o rio que corre da cidade para o canal. Sacolejamos pelas estradas irregulares de Ketchikan

na carroceria do caminhão da U-Haul. Eu ouvia nosso equipamento chacoalhar quando os tanques batiam contra a lateral. Ninguém falava. Eu estava nervoso. Nunca fora um grande nadador, e navegar dentro da água escura como breu enquanto era caçado por um golfinho não seria nada fácil. Mas não eram os golfinhos nem as orcas que me assustavam mais. Era o nado até o navio.

Boa parte da cidade era construída numa doca de madeira onde o navio estava atracado. A abordagem convencional seria nadar pelo canal principal, que era onde os golfinhos estavam estacionados. Mas decidimos nos esgueirar por debaixo da imensa trama do píer. Se chegássemos do rio, os grandes pilares que sustentavam o píer disfarçariam nossos movimentos. Mas isso significava nadarmos na mais completa escuridão pelo labirinto de pilares e detritos. Não podíamos usar lanternas para não atrair os golfinhos lá embaixo, ou os guardas que patrulhavam a doca acima de nós. Teríamos que encontrar nosso caminho silenciosamente, às apalpadelas, de pilar em pilar. O nado seria todo ele tátil, enquanto avançávamos pela água.

O caminhão desceu de motor desligado e parou, e ouvimos o motorista — outro companheiro de equipe — falar com um guarda. O ritmo do coração acelerou e contivemos a respiração. Se inspecionassem o caminhão, a missão estava acabada. Ficamos sentados alguns segundos, provavelmente porque o tráfego engarrafara um pouco no ponto de fiscalização, mas foram alguns segundos muito longos. Finalmente, o motor voltou a roncar e seguimos para a beira do riacho.

Senti o caminhão diminuir a marcha e parar. O motorista desligou o motor e, segundos depois, abriu a porta traseira. Saltei com os outros três mergulhadores, e caminhamos com dificuldade pela neve até a água.

Aos pares, prendemo-nos uns aos outros com uma corda para que ninguém se perdesse. Eu jamais estaria a mais de um metro e vinte do meu colega de nado. Entramos na água, andando. Respirei longa e profundamente duas vezes, pus meu regulador e deslizei para dentro do riacho. Com nossos óculos de proteção e equipamentos de mergulho prontos, trocamos sinais de encorajamento com o polegar para cima e começamos a submergir na água gélida. Tive que abafar um suspiro quando a água fria como gelo cobriu meu rosto e cabeça. Em poucos segundos, estava tudo escuro como breu.

“Detesto mergulhar”, pensei.

Estava nervoso. Era uma das minhas primeiras missões — treinamento, claro, mas estávamos num ambiente não controlado, e os perigos eram reais

— e eu não me sentia totalmente à vontade dentro d’água. Sabia que ser um Seal significava participar de operações subaquáticas, mas morria de medo delas. A parte da água no BUD/S foi difícil para mim. As longas corridas e flexões durante o BUD/S nunca me preocuparam, mas os testes aquáticos sim. Eu não chegava a ser um surfista. Na verdade, também não era nadador. Nunca fiz muita natação quando menino no Alasca.

Lembro que meu pai certa vez me desafiou, quando eu já era quase adolescente, a atravessar a nado o rio em frente à nossa casa. A corrente me arrastava enquanto eu ia nadando devagar. Quando cheguei à outra margem, estava uns quatrocentos metros abaixo de onde tinha saído. Foi o nado mais longo que fiz antes de começar o BUD/S. Quando chegou o momento de nadar os cinquenta metros debaixo d’água durante o BUD/S, tive a mesma sensação nervosa que experimentei ao me preparar para mergulhar debaixo da doca no Alasca.

O nado de cinquenta metros dentro d’água é um dos primeiros testes do BUD/S em que ou se passa ou se é reprovado. Lembro que era um ensolarado dia de junho, as nuvens tinham sumido para revelar um céu azul. A piscina ficava em frente à área de treinamento na Base Naval de Coronado, do outro lado da baía de San Diego.

Minha turma do BUD/S correu para a piscina de manhã. Já tínhamos passado horas na água gelada do mar dando pernadas e correndo quilômetros na areia. Todos sabíamos que haveria um teste, e uma energia nervosa tomou conta de nossas fileiras. Juntamo-nos à beira da piscina, com nossos calções marrom-claros, sem camisa e descalços, e ouvimos as instruções de segurança.

“Se quiserem continuar neste treinamento, vão ter que nadar”, disse o instrutor, enquanto nos amontoávamos no deque. “O truque é ficar o mais relaxado possível.”

O nado era cronometrado. Nadar cinquenta metros na piscina de 3,6 metros de profundidade — ir e voltar num fôlego só. Nadadores salva-vidas ficavam posicionados acima e abaixo de nós enquanto nadávamos. Médicos e uma ambulância aguardavam perto da piscina em caso de emergência.

O teste era simples, no papel. Mas isso antes de os instrutores acabarem com quaisquer vantagens. Nada de pular da beira. Deveríamos avançar até sermos capazes de dar um salto mortal para a frente debaixo da água, e começar a nadar até a outra ponta da piscina sem dar um impulso inicial.

O nado subaquático era parte da primeira fase do BUD/S, que inclui um fatigante trecho de cinco dias e meio chamado Semana do Inferno. Durante a

Semana do Inferno, cada candidato dorme apenas cerca de quatro horas no total, mas corre mais de 320 quilômetros e faz treinamento físico por mais de 24 horas por dia.

O BUD/S é essencialmente sobre treinar a mente e o corpo para alcançar mais do que julgávamos possível. É o primeiro teste no treinamento e na carreira de um Seal. O lema dos Seal, “O único dia fácil foi ontem”, ia se tornar muito claro para nós.

Acho que não me dei conta na época, mas o BUD/S é uma série de blocos de construção, que começa com o nado de cinquenta metros e a Semana do Inferno na primeira fase, prossegue com o treino de mergulho na segunda e, então, o treinamento de armas de fogo e explosivos na fase final. Basicamente, começamos dando passos de bebê e terminamos fazendo coisas que podem matar, se não forem feitas corretamente. É preciso ser aprovado em cada fase para continuar. Basta falhar uma vez para estar fora.

Mas, vindo do Alasca, eu sabia que nadar seria o meu ponto fraco. Meu colega Seal na faculdade me ensinou nado de peito e nado lateral, tudo que eu precisava saber. E por um semestre eu me exercitei com a equipe da faculdade. Mas de todos os testes do BUD/S, era esse o que me preocupava. Eu sabia que era tudo ou nada. Sabia que não poderia deixar a dúvida, por mais cansado, nervoso ou assustado que estivesse, penetrar na minha cabeça. Eu tinha que conseguir.

Depois das instruções de segurança, sentamo-nos em fila em nossos calções marrom-claros. Atrás de mim, eu escutava o barulho de água espirrando quando meus colegas pulavam na piscina. Na noite anterior, os companheiros tinham dado muitas dicas e conselhos. Conversamos sobre tentar permanecer no fundo. Eu não queria ficar apenas trinta centímetros dentro da água, para não ceder à tentação de levantar a cabeça. Tinha decidido tentar permanecer a mais ou menos dois metros de profundidade.

Não houve conversa enquanto eu esperava que chamassem meu nome. Poucos minutos antes de ir até a beira da piscina, respirei fundo duas vezes. Queria desacelerar tudo em minha cabeça, numa tentativa de me relaxar e concentrar.

“Isto é fácil”, disse a mim mesmo enquanto andava para a beira da piscina. “Todos os instrutores o fizeram. Não é impossível. Relaxe.”

Quando chegou a minha vez, enfiei primeiro os pés na piscina e desapareci sob a superfície. Empurrei a cabeça para baixo e impulsionei as pernas para um salto mortal. Senti a água subir pelo nariz, forçando-me a soprar o último

fôlego. Sentia-me desconfortável desde o início.

Pus as mãos para cima e usando o nado de peito parti para o outro lado da piscina. Parecia estar a mais de 25 metros de distância. Eu sabia que o teste era uma luta de distância, não de tempo. Não me apressei. Em vez disso, concentrei-me em braçadas lentas, deliberadas. Há um ditado segundo o qual "suave é lento, e lento é rápido". Eu era a prova viva disso enquanto flutuava sob a superfície.

Eu me sentia bem fisicamente, mas não conseguia impedir a cabeça de pensar em quanto a parede parecia longe. No fundo da piscina, localizei um dos instrutores. Tinha um regulador na boca conectado ao tanque de oxigênio. Vi que nos seguia desde o fundo, pronto para avançar e nos socorrer se começássemos a nos afogar.

Acima de mim, outro instrutor com uma máscara de mergulho e snorkel mantinha o ritmo. Parecia um predador pronto para mergulhar atrás da presa.

O nado inteiro leva apenas de quarenta e cinco segundos a um minuto, mas parecia muito mais. Meus pulmões continuavam me lembrando que eu precisava de ar, e minha mente me suplicava que emergisse. Quando alcancei a parede, dei a volta e ajeitei as pernas para empurrar com toda a força que tinha. Era bom contar com um bom impulso na volta para o lugar de onde partira.

Àquela altura era impossível ignorar a queimação nos pulmões. Eu sabia que logo estaria "de pescoço pendurado". Era o primeiro passo para desmaiar. É como o reflexo de vomitar quando se toca alguma coisa atrás da língua. Eu sentia a cabeça subir e descer enquanto o corpo tentava forçar a respiração. Os primeiros sentimentos de pânico começaram a formigar, mas rapidamente os empurrei de volta para o fundo da mente. E me concentrei em minha lenta e deliberada braçada, enquanto a parede crescia na minha direção.

Apenas continue nadando, supliquei a mim mesmo. Continue nadando.

Mas não parava de arquejar. Não era só mental. Era o corpo em revolta. Os pulmões estavam ardendo, ameaçando sair do peito. A cabeça começou a entrar em pânico e a concentração diminuiu. Não é natural negar ar ao próprio corpo. Fomos programados para sobreviver, e precisamos de ar para isso.

Mas me esforcei para controlar a mente. Concentrei-me na parede que ficava cada vez maior. Comprometi-me comigo mesmo a permanecer debaixo da água. Recusei-me a desistir. Aquele era o primeiro teste para

valer. Se eu não conseguisse fazer aquilo numa piscina limpa, aquecida, na ensolarada San Diego, o que faria no Atlântico Norte durante uma tempestade?

A tendência a pender o pescoço acabou parando e cada braçada me levava para mais perto da parede. Mas eu sentia que estava perdendo a consciência. A visão ficava indistinta na periferia. A cada braçada, a escuridão turvava a visão. Como uma neblina, a sombra começou a invadir minha visão periférica e eu sabia que dentro de alguns segundos poderia desmaiar.

Eu tinha que estar perto da parede. Estirei a mão para tocá-la. Mãos ásperas me seguraram debaixo dos braços. Os instrutores me puxaram da água como um troféu de pesca. Desabei no deque na piscina e respirei fundo. Sentia que os pulmões enchiam profundamente, e o corpo relaxou. Respirei fundo mais algumas vezes e tentei me levantar.

"Fique deitado", ouvi um dos instrutores berrar.

Encostei a cabeça de volta nas tábuas quentes. Instrutores do BUD/S raramente nos permitem descansar, e eu ia aproveitar aquilo da melhor maneira. Um a um, meus colegas de turma terminaram. Vi os instrutores jogarem o corpo mole de um deles no deque. Estava inconsciente. Depois de respirar rápido algumas vezes, ele pôs água para fora e, tossindo, recuperou a consciência. No momento em que o fez, perguntou ao instrutor mais próximo:

"Consegui?"

O fato de estar inconsciente segundos antes parecia um detalhe sem importância. Compreendi, porque eu também, como ele, não queria falhar. O fracasso era quase pior do que a morte.

"Fique deitado", disse um instrutor. "Relaxe."

Era bom sentir o sol nas costas. Era o paraíso, por alguns segundos. Os instrutores viram que eu estava bem.

"Levante o rabo daí e vá para aquela fila. Você conseguiu." Era ótimo ouvir aquelas palavras.

Ninguém que tenha sido aprovado no BUD/S jamais duvidou que fosse passar. O BUD/S era implacável e obrigou-me a usar todas as minhas reservas. Nunca duvidei de mim. Sabia que seria aprovado. Acho que as pessoas confundem a confiança dos Seals com arrogância. Mas depois do nado de cinquenta metros, da Semana do Inferno e do treino de mergulho em que os instrutores fazem tudo para nos afogar, conhecemos nossos limites e sabemos como ir além deles. Durante o BUD/S superei dezenas de obstáculos que pareciam intransponíveis na época, e isso me deu a confiança de saber que poderia

voltar a fazê-lo.

Mas, boiando num rio quase congelado no Alasca, tive que me esforçar muito para invocar essa confiança. Não tinha certeza de que conseguiria, mas, amarrado ao meu companheiro e chegando perto da abertura para o píer, eu não tinha muita escolha.

Em poucos minutos eu já não conseguia sentir o rosto. Deixamos a corrente nos levar para o porto. No ponto mais largo, Ketchikan Creek tem no máximo seis metros, e um metro e meio de profundidade, por isso balançamos na superfície até passar a primeira ponte. Nosso equipamento de mergulho era Draeger, que usa oxigênio puro. Não há bolhas quando exalamos, o que nos mantém mais silenciosos.

Quando passávamos pela primeira ponte, ouvi os pneus dos carros triturarem a neve. Em algum ponto lá em cima, eu sabia que guardas faziam a patrulha. Holofotes do navio vasculhavam a água escura procurando por nós.

A água ficava mais funda debaixo da ponte e antes de atravessarmos por baixo mergulhamos sob a superfície. Era difícil ver qualquer coisa na água escura. Nadamos para a margem direita e começamos a procurar uma abertura nos pilares que levasse para baixo do píer.

Eu sentia o puxão da corda em meu cinto enquanto o companheiro nadava perto. Apalpei o primeiro pilar, calculei a direção para onde deveria seguir e mergulhei mais fundo no escuro. Mantendo a mão estirada na frente, passei lentamente pelo primeiro pilar. Minha mão encostou nele, afundando na alga verde agarrada à madeira.

A qualquer minuto, eu esperava ser golpeado pelo nariz do golfinho tentando me empurrar para a superfície. Esgueirávamo-nos mais do que nadávamos, enquanto seguíamos nosso caminho pelo labirinto de pilares cobertos de algas.

O fundo estava coberto de detritos. Várias vezes minhas nadadeiras encostaram em metal ou lixo. Sempre que nos aproximávamos de um pilar, era preciso cuidado especial para evitar pregos. Se rasgássemos nossa roupa seca, seria mais do que simplesmente frio, poderia ser fatal, porque a água encheria a roupa, tornando impossível emergir. Afogar-se era uma possibilidade real.

Eu sabia que meu companheiro de nado estava perto por causa da tensão na corda. Era tão escuro que me lembro de ter levantado a mão, colocado na frente do rosto e não ter visto nada. Além da escuridão, havia o frio. Além do frio, tínhamos que nos preocupar com os golfinhos, e além dos golfinhos era

preciso ter cuidado para não nos perdermos debaixo de uma cidade construída sobre pilares. Era claustrofóbico.

Eu mal conseguia enxergar o suficiente para ler a bússola brilhante no pulso. Tentava manter um passo firme e constante pela direita, mas a cada intervalo de poucos centímetros era preciso contornar um pilar. Levamos uma hora para chegar ao navio. Foi um alívio finalmente atingirmos o casco do navio. É surpreendente, quando estamos nadando numa escuridão de breu com as mãos estendidas à frente, depararmos com o casco maciço de um navio de guerra. Sentimo-nos pequenos. Meu sentimento de satisfação logo desapareceu quando me dei conta de que estávamos apenas na metade do caminho. Para completar a missão, deveríamos colocar o dispositivo e voltar para nossos caminhões sem ser descobertos.

Da linha de flutuação, o navio parecia imenso. Passei a mão enluvada sobre o aço áspero e esperei que meu companheiro retirasse a vareta dobrável presa às minhas costas. A vareta era como as usadas para trocar letras de uma placa de posto de gasolina. A ponta da vareta tinha ímãs e rodas. Tirei um de dois falsos dispositivos de bomba de uma sacola em meu cinto e prendi-o na ponta. Passei a mão nas rodas para me certificar de que giravam sem problemas e dei um tapinha nas costas de meu companheiro. Ele colocou as rodas no revestimento do navio e lentamente deslizou o dispositivo pela lateral, deixando-o rolar pelo casco até ser instalado. O dispositivo prendia-se ao navio por meio de ímãs. Quando passava pela linha de flutuação, deixamos os ímãs chegarem perto demais do revestimento do navio. Senti o dispositivo prender-se ao casco com uma “pancada”. Empurrei a vareta para trás e para a frente até a bomba soltar-se. Tive receio de que o barulho do ímã puxando o dispositivo para o casco houvesse dado uma pista sobre a nossa localização.

Fechei os olhos e tentei me concentrar. Eu fazia tudo só pelo tato. Não conseguia ver coisa alguma, e minha cabeça me traía. Eu continuava a ver movimento na água turva. A cada vez meu coração disparava, esperando que um golfinho ou uma orca me atingisse do lado em alta velocidade.

Polegada a polegada, deslizamos o dispositivo pelo casco do navio até alcançar a linha de noventa centímetros.

Depois de colocarmos os dois dispositivos no lugar, meu companheiro me ajudou a dobrar a vareta. Prendeu-a nas minhas costas e começamos a longa e fria viagem de volta para onde o caminhão nos deixara. Foi um alívio total quando passamos nadando por baixo da ponte. Dessa vez, havia menos carros

passando, e por uma lâmpada que havia ao lado da estrada vi que voltara a nevar. Eu estava cansado, com os nervos em frangalhos, depois de trabalhar na mais completa escuridão por mais de duas horas. Lá no fundo, porém, sabia que o único alívio estava riacho acima e dentro da carroceria do caminhão da U-Haul.

Minhas pernas tremiam quando fiquei em pé em terra firme. Alguém jogou um cobertor em cima de mim e me ajudou a arrastar o equipamento para o caminhão. Eu mal conseguia falar, porque o rosto ainda estava anestesiado. Minutos depois, achava-me de volta no escurinho do caminhão, rolando barulhentamente de volta para o hotel. Não conseguia sentir o rosto, mas sei que sorria.

Éramos um bando de sujeitos recém-saídos do BUD/S e acabávamos de terminar a missão. Era uma missão de treinamento, mas mergulhar debaixo do píer não foi fácil. Já tínhamos participado de outras missões de treinamento, mas dessa vez nosso oficial confiou em nós o suficiente para permitir que planejássemos e executássemos tudo sozinhos, e tivemos êxito. Era bom merecer confiança.

“Alguém viu algum golfinho?”, perguntou um companheiro de equipe.

“Que nada”, respondi. “Não vi porra nenhuma.”

“Toda vez que sentia a água se mover eu ficava tenso e me preparava para levar uma surra”, disse meu companheiro.

O que aconteceu foi que os golfinhos soltos localizaram uma grande variedade de peixes no porto e lá se foram. Os dois da jaula — acostumados às águas mais quentes da baía de San Diego — ficaram perto da superfície e a cada dez minutos tocavam o sino para conseguir um peixe. Os golfinhos não queriam estar na água fria mais do que nós. O barulho constante dos tanques disfarçou nossa aproximação, e ninguém viu ou ouviu quando plantamos os dispositivos de treinamento. Na verdade, tínhamos cumprido nossa missão.

Fiquei nervoso o tempo todo. Mas usei, para realizar essa missão, exatamente o mesmo foco que utilizara no nado de cinquenta metros debaixo d’água no BUD/S. Minha confiança aumentava, mas ainda não era 100%. Quando entrei em combate poucos anos depois, eu não pensava nos aspectos negativos — o escuro, a água fria, os golfinhos assassinos. A ideia de falhar ou desistir tem que ser zerada quando a luta começa. Olhando para trás, vejo que minha confiança se fortalecia a cada nova experiência, em treinamento e em combate. A noção de perseguir um objetivo, que aprendi com meus pais, me fez dar o primeiro passo, e quando minha confiança começou a funcionar,

fui me tornando um agente eficiente e um patrimônio para a equipe.

É claro que ainda tinha muito que aprender.

3. O mundo de noventa centímetros
Medo

Meu corpo estava paralisado de encontro à lisa face de pedra.

Não conseguia me mexer, por mais que tivesse vontade de continuar. Sentia os braços tremerem com o peso do corpo. Suor descia-me pelo rosto e a palma das mãos estava úmida, dificultando ainda mais a tentativa de me segurar. Os olhos viraram para a direita e captaram, ao longe, um vislumbre da Strip de Las Vegas. Fechei-os rapidamente, sacudindo a cabeça e esperando que, quando voltasse a abri-los, estivesse num lugar melhor.

Quando finalmente abri os olhos, ainda estava a mais de 45 metros de altura, mal conseguindo me segurar nos pontos de apoio das mãos e dos pés. Havia uma corda presa ao meu corpo, mas eu não tinha a menor intenção de testar a sua resistência, porque isso significava cair, e cair era o que eu mais temia, para começo de conversa.

Eu já era um Seal havia quatro anos, mas ainda não aprendera a controlar o intenso medo de altura. A face de pedra parecia uma lâmina de vidro marrom, sem lugar para apoiar as mãos. Mente e corpo encontravam-se em estado de total guerra civil. A mente gritava para prosseguir, mas o corpo se recusava. Tudo que eu podia fazer era aguentar, e me amaldiçoar por ter perdido totalmente a concentração.

Mas nesse ponto inicial da minha carreira eu tinha participado de uma missão de treinamento no Pacífico e meu pelotão estava treinando para o próximo rodízio, que seria no Iraque, também a minha primeira oportunidade de entrar em combate. Quando nos aproximávamos do fim do ciclo de treinamento, uma das últimas viagens foi ao cânion Red Rocks, nos arredores de Las Vegas. Eu tinha feito outra escalada, onde aprendi o básico, mas nessa viagem íamos aprender como conduzir uma escalada e instalar nossa proteção.

Nunca fui fã de altura e com certeza não pensava em cair ou em meu medo de altura quando me inscrevi para a viagem. Só estava pensando naquele tempo de inatividade forçada em Vegas e em queimar energia antes de seguir para o Iraque.

Na noite em que chegamos, saímos para a rua e nos divertimos com tudo que Las Vegas tinha a oferecer. Depois de algumas horas de sono — na

verdade, mais um cochilo — fomos de carro para o lugar da escalada. Contratamos instrutores civis e eles ficaram olhando cheios de admiração quando tiramos nosso equipamento novo, de ponta, dos carros alugados. Eu dispunha do melhor equipamento que o dinheiro podia comprar, e o comando contratara os melhores instrutores do mundo, mas eu não tinha nenhuma habilidade. Definitivamente estava fora da minha alçada, especialmente quando comparado a instrutores profissionais.

Os cinco instrutores formavam um grupo perto do estacionamento quando chegamos. Usavam bermudas surradas, camisas e sandálias. Alpinistas são basicamente pobres, sobretudo os bons, porque tudo que fazem na vida é escalar. Não têm qualquer outro hobby. Vi que a mesma coisa acontece com os paraquedistas. Todo o dinheiro que têm vai diretamente para a compra de equipamento e para a prática do esporte que amam. Nossos instrutores vieram nos ajudar com o equipamento, cumprimentando-nos com apertos de mão e dando-nos as boas-vindas ao cânion. Tinham mãos calosas, por causa das horas passadas na face das rochas.

Nos dois primeiros dias não houve problemas. Foi mais uma reciclagem, sem nada muito alto ou difícil de escalar. Só precisávamos ter certeza de que todo mundo se lembrava das precauções de segurança e do básico que tínhamos aprendido anteriormente, antes da próxima escalada e mais exigente no último dia.

Dividimo-nos em duplas, cada qual com seu próprio instrutor. Formei dupla com Jeff, um dos mais novos Seals do pelotão. Ele também não era fã de alturas. Não havia possibilidade de eu demonstrar medo, e Jeff também se esforçava para esconder de mim seu nervosismo. Se um companheiro de equipe percebe uma fraqueza em você, o assunto não tem mais fim.

Nosso instrutor nos conduziu até uma das trilhas de escalada. Era baixo e atarracado, com pele curtida e um longo cavanhaque. Tinha o aperto de mão mais forte que eu já vira. Um gorro North Face cobria seus cabelos castanhos desgrenhados. Ex-presidiário, cumprira pena por agressão. Dera uma surra no sujeito que pegou na cama com sua mulher, ou pelo menos foi o que nos contou durante uma pausa para descanso.

Ficou decidido que eu iria primeiro, enquanto Jeff daria a segurança. Mantive uma constante trilha sonora do que estava fazendo enquanto avançava, centímetro a centímetro, pela face da rocha. Nada do que eu dizia tinha sentido. Eram balbucios meio sem significado, mas me davam certo conforto. Tenho certeza de que irritavam Jeff.

“Ah, sim, came da sorte número quatro”, eu disse, segurando o came na mão aberta. “Azul da sorte número quatro.”

Cada came tinha uma cor diferente, baseada no tamanho. Instalei minha própria proteção à medida que galgava a rocha. Isso significava que cabia a mim fazer tudo certo, porque, se eu caísse — coisa em que tentava não pensar naquele momento —, a corda esticaria nos cames. Fomos instruídos a prender os cames mais ou menos a cada três metros em fendas e saliências na face da rocha. Se eu caísse com o came mais próximo a três metros de distância, despencaria um total de seis metros antes que a corda me segurasse. Se prendesse o came no lugar errado, não queria nem pensar em cair até o came seguinte, abaixo daquele.

Decidi colocá-los a intervalos de um metro e meio enquanto subia, numa tentativa de me sentir mais à vontade.

“Sim, a cada metro e meio funciona muito bem”, disse a mim mesmo, enquanto prendia outro came na face da rocha.

Cheguei ao fim da primeira seção sem problema e dei segurança a Jeff enquanto ele subia. Jeff liderou a próxima etapa e fiquei abaixo dele para lhe dar segurança. Depois que cada um de nós pôde praticar várias vezes as técnicas de liderar a subida, o instrutor nos levou para uma parede maior. A sombra do paredão parecia estender-se por quilômetros. Tentei não olhar para o topo do penhasco, que bloqueava o sol.

“Você primeiro”, ordenou o instrutor.

Não tive muito que dizer dessa vez. Estava nervoso demais para falar. Aquela face de rocha era muito maior e mais plana do que as outras que eu tinha escalado. Havia metade dos pontos de apoio para mãos e pés, e teríamos que nos concentrar muito para escolher uma via limpa na face.

Escalei rápido de início, encontrando facilmente pontos onde apoiar mãos e pés. Enquanto escalava, ia instalando minha proteção em fendas e reentrâncias nas rochas. Mantive um ritmo tão bom de escalada e colocação das proteções que nem percebi que tinha usado quase todos os cames, que estavam quase no fim. Ao prender o último deles numa grande fenda na rocha, fiquei oficialmente empacado. Não poderia subir mais. Para ser franco, não queria subir mais.

Pela primeira vez desde o começo da escalada, desviei os olhos da face rochosa diante de mim para olhar em volta. Eu estava alto pra caramba. Dava para ver a avenida de Las Vegas e o deserto se estendendo até o horizonte. Olhei para baixo e vi Jeff, agora muito menor. Parecia um anão de jardim.

Senti que se esvaía qualquer possibilidade de controlar o medo, assim como de me agarrar na pedra.

Eu queria estar em qualquer outro lugar do mundo quando ergui os olhos para o céu cristalinamente azul. Estava nervoso e senti que perdia o foco sobre onde minhas mãos e pés deveriam se apoiar. Perdi o "foco da massa de mira". Quando um Seal atira, é preciso manter o foco na massa de mira da pistola pouco antes de puxar o gatilho, porque se estiver alinhado com o alvo e em foco, a bala acerta. Se perdemos esse foco de massa de mira, simplesmente erramos.

Mas eu só conseguia pensar na face fria da rocha, em como estava acima do chão e no instrutor que vinha subindo na minha direção sem corda. Além disso, dava para ouvir Jeff no chão gritando para mim.

"Quer que eu suba aí para salvá-lo?", perguntou ele de um jeito engraçadinho.

Esforcei-me para encontrar um novo ponto de apoio para as mãos, mas os dedos estavam cansados.

"Estou quase escorregando e caindo", pensei.

À minha esquerda, ouvi qualquer coisa arranhar a pedra. Estava tão concentrado em minha situação que me esquecera completamente do nosso instrutor. Eu o vira escalar de um lado a outro como o Homem-Aranha, enquanto esperava que eu prendesse o próximo came. Vê-lo me deixava nervoso, porque ele não usava corda.

O instrutor finalmente correu na minha direção. Pendurados num arnês em seu peito havia meia dúzia de cames. Aquele maluco tinha descido para recolher todos os cames desnecessários que eu prendera, e me entregou para que eu pudesse continuar escalando. E tinha feito tudo isso sem corda ou qualquer proteção, escalando livremente à minha volta sem pensar duas vezes. Por alguma razão aquilo não era reconfortante.

Um cigarro pendia dos lábios dele enquanto se mantinha agarrado perto de mim. Com uma das mãos na face da rocha, o instrutor deu uma tragada e soprou uma nuvem de fumaça azul. Era óbvio que eu estava me debatendo.

"Ei, amigo", disse ele, numa voz lenta e rouca. "Fique em seu mundo de noventa centímetros."

Eu estava a uns sessenta metros de altura na face da rocha e mal conseguia pensar, quanto mais decifrar aquele conselho enigmático.

"De que diabos você está falando, irmão?"

"Apenas concentre-se em seu mundo de noventa centímetros", disse ele.

“Concentre-se naquilo que você pode afetar. Você fica olhando para os lados, e nada disso pode ajudá-lo agora, não é?”

Concordei com um aceno de cabeça.

“Você deve estar calculando até onde vai cair”, disse o instrutor. “Está olhando para Jeff lá embaixo, mas ele não virá aqui ajudá-lo. Está olhando para a avenida em Vegas. O que vai fazer, uma aposta cujo prêmio é chegar ao topo? Não olhe para mim. Eu também não vou ajudá-lo. Isso é com você. Você está escalando esta pedra. Fique em seu mundo de noventa centímetros.”

Jamais esquecerei essas palavras: “Fique em seu mundo de noventa centímetros”.

Para mim era a única maneira de sair daquela face de rocha. Agora reabastecido de cames, concentrei-me em enfiar um deles na fenda mais próxima. Passei a corda pelo mosquetão e voltei a escalar. Meu foco nunca ia além do próximo ponto de apoio de pé ou mão. A beleza do deserto ou Las Vegas reluzindo ao longe de nada me serviam. Mas eu poderia lhes dar notícia de todas as rachaduras na pedra. Estava tão concentrado que levei um susto quando minha mão tocou na borda do penhasco no topo da escalada.

Terminei a escalada aquela semana com uma nova perspectiva. Ficar em meu mundo de noventa centímetros tornou-se um mantra para mim. É libertador livrar-se de coisas que não podemos controlar. Parece que funciona em praticamente qualquer situação. O mundo de noventa centímetros me ajudou a passar por tudo, desde escalar e saltar de paraquedas a mergulhar à noite quando o único jeito de manter o rumo é conservando o foco na bússola brilhante que levamos no pulso.

É claro que outro aspecto da profissão de Seal que torna o medo de altura um tanto problemático é saltar de paraquedas. Eu tinha estado numa escola de saltos mesmo antes de ingressar na Marinha, mas me sentia pouco à vontade toda vez que saltava, e levei anos para aprender a gostar.

Lembro-me de um salto, logo depois do curso de Seleção e Treinamento. Minha tropa fazia uma viagem de treinamento militar de queda livre no Arizona. Eu era “carne nova”, isto é, o recém-chegado. Tive que saltar com todo o equipamento que os mais veteranos não queriam levar, como escada dobrável, marretas e munição extra.

O interior do C-130 era iluminado por lâmpadas vermelhas. Eu não conseguia ficar em pé direito quando entrei no avião. Estava quente lá dentro ao decolarmos e ganharmos altitude, até atingir 6 mil metros acima do

deserto do Arizona. Eu tinha a boca seca e a respiração entrecortada. A mochila com a qual ia pular era nova, e muito maior do que a trouxa que costumava usar. Coloquei-a a meus pés, cheia de munição e equipamento extra. As correias do resto do meu equipamento de 27 quilos cortavam-me a pele.

Tentei ajustar o peso do fardo, esperando equilibrá-lo melhor, mas não tive sorte. O corpo doía de arrastar o fardo, o tanque de oxigênio e os paraquedas para dentro do avião. Virei o pescoço, para ver se me curava da cãibra provocada pelo capacete pesado e pelos óculos de visão noturna presos à cabeça. Não me sentia nem um pouco confortável. Em vez de me concentrar no que tinha de fazer, queixava-me a mim mesmo, dizendo que era tudo uma merda. O que eu queria agora era saltar logo, pois pelo menos me livraria mais depressa do equipamento.

A maior parte do tempo usamos tanto equipamento que isso acaba, literalmente, com a graça de qualquer coisa. Saltar numa área de salto para civis, usando um "paraquedas esportivo", pode ser muito divertido. Para nossos saltos de trabalho, eu carregava no mínimo trinta quilos de equipamento pessoal de combate presos ao corpo. Acrescentem-se 45 quilos do paraquedas, uma garrafa de oxigênio e uma máscara, e prenda-se mais uma mochila de trinta quilos de equipamento extra especial para "carne nova" na minha frente, e lá estava eu sob o peso de mais de cem quilos de equipamento, dobrando meu peso.

Toda a minha atenção estava concentrada no desconforto que eu sentia, quando deveria estar concentrada na tarefa a ser executada, uma saída adequada da aeronave e o resto do salto. Realizávamos um salto noturno numa área de salto desconhecida, o que significava que não tínhamos estado ali antes. Eu estudara o mapa — uma interseção de duas estradas de terra perto da base de uma montanha —, mas não poria os olhos nela enquanto não estivesse sob o velame do paraquedas olhando através dos óculos de visão noturna. Tudo que eu tinha que fazer era sair do avião; depois de vários segundos, abrir o paraquedas; alinhar-me atrás do líder do salto; e, se tudo corresse bem, aterrissaríamos juntos. Todos tínhamos a área de aterrissagem programada no GPS em nosso pulso, caso não conseguíssemos nos alinhar ao saltador da frente, mas quase sempre isso era um plano de emergência não acionado.

Era função do saltador líder guiar todo o bando em segurança até o chão. Quando se salta com paraquedas dobráveis no meio do céu noturno com mais

de vinte Seals, isso é mais fácil de falar do que de fazer. Como os paraquedas não são rígidos como as asas de um planador ou de um aeroplano, se dois paraquedas se chocam, os velames entram em colapso ou se enroscam um no outro, o resultado é um mergulho para a morte.

Vasculhei a cabine à procura de meus companheiros de equipe, que não passavam de sombras no lusco-fusco vermelho das luzes da rampa. A maioria estava sentada em silêncio, de vez em quando ajeitando o peso sobre as pernas. Era impossível ver rostos ou expressões, mas ninguém parecia tão nervoso quanto eu.

Eu mexia no meu tanque de oxigênio, e reposicionei o fuzil pela terceira vez. Estava tão envolvido em minha própria desgraça que a lufada de ar, quando a rampa lentamente se abriu, me assustou. O mestre de salto fez o sinal de “Rampa” e depois de “Levantem-se”. Meus companheiros, como velhos sob o peso do equipamento, levantaram-se devagar e se arrastaram até a rampa.

O vento era ensurdecedor. Amontoamo-nos perto da borda e esperamos a luz verde para saltar. Por um segundo, me ocorreu que eu estava em um dos filmes que vi quando menino. Parecia surreal quando eu olhava para meus irmãos em fila diante de mim. Eu tinha ralado muito para estar ali.

Será mesmo que tinha conseguido?

As estrelas balançavam enquanto o avião se ajustava a uma altitude de cruzeiro. Naquela altitude, o céu negro estava atulhado de estrelas, tão densamente que era difícil distinguir umas das outras. Abaixo de nós, as nuvens deslizavam, abrindo-se de vez em quando para revelar o deserto negro lá embaixo. Era tão escuro que ficava difícil perceber a diferença entre as luzes dos edifícios em terra e as estrelas que fulguravam no céu noturno. Verifiquei os números verdes do meu altímetro.

O mestre de salto fez a chamada de “um minuto” e minha cabeça disparou. Perguntava-me a mim mesmo se seria capaz de lidar com o que me aconteceria em seguida. As perguntas do tipo “e se” começaram a circular na minha cabeça.

“E se eu me atrapalhar na saída?”

“E se eu não tiver dobrado o paraquedas direito e ele não abrir como deveria?”

“E se eu não conseguir achar o saltador líder e me perder no céu noturno?”

Então a luz verde de “vá” se acendeu.

“Luz verde. Saltador, vá!”

Meus companheiros de equipe marcharam bamboleando e desapareceram na rampa. Exatamente como no nado subaquático de cinquenta metros, eu precisava expulsar todos os “e ses” da cabeça e me concentrar. Quando minhas botas atingiram a borda da rampa, a cabeça ainda girava. Eu não estava concentrado.

Ajeitei os pés na rampa com os dedos um pouco para fora da borda e fui em frente. Nada em minha saída foi relaxado ou gracioso. Eu estava rígido ao sair e minha posição corporal era ruim desde o início. A cabeça deveria estar levantada e os braços e pernas controlando o ângulo do corpo. Mas logo que atingi a corrente de jato emitida pela aeronave comecei a rodar. Rodar é a última coisa que se pode desejar ao saltar de uma aeronave, especialmente com todo o peso extra do equipamento.

As estrelas eram apenas um borrão de luz enquanto eu girava como um pião. Esforcei-me para me orientar. Um sentimento de pânico encheu meu peito. Eu engolia vento enquanto agitava os braços numa desesperada tentativa de parar de rodar. Estava numa situação difícil, mas não conseguia limpar a cabeça e pensar, o que só agravava os problemas.

Em vez de me preocupar com a posição do corpo, em vez de me preocupar em me controlar e adotar uma posição estável, barriga voltada para a terra, eu só conseguia pensar em como me salvar.

“Isto não está bom, não era isto que deveria estar acontecendo agora.” A frase ia e vinha dentro da minha cabeça.

Por puro instinto, motivado pelo medo, apalpei e puxei a alça para soltar o paraquedas principal. Era cedo demais para isso, e eu estava girando descontroladamente; era a última coisa que deveria ter feito, mas não havia como voltar atrás. Senti o paraquedas descolar-se das minhas costas quando ele saiu da mochila. Na fração de segundo em que esperei o puxão do paraquedas enchendo-se de ar, repreendi-me por estar tão desconcentrado. Eu sabia que tinha feito tudo errado. Estragara a saída da aeronave. Minha posição corporal era rígida, e provoquei o movimento de rotação. Não consegui parar de rodar antes de puxar o paraquedas. Entrei em pânico e simplesmente parei de pensar e agir, e cometi outro erro ao não adotar a posição correta antes de puxar. Não deveria ter cometido tantos erros.

Senti o puxão do paraquedas, e o movimento de rotação começou a desacelerar, mas quando olhei para checar o velame não consegui levantar a cabeça. Os risers que iam dos arreios ao paraquedas a bloqueavam. Eu sentia as tiras grossas dos risers pressionarem o pescoço. Sacudi a cabeça para a

frente e para trás esperando me livrar delas, mas isso só aumentava a pressão na nuca.

Havia alguma coisa muito errada.

Tudo que eu conseguia ouvir era minha respiração pela máscara de oxigênio e a vibração do paraquedas acima de mim. Dei uma rápida olhada no altímetro. Finalmente começava a me lembrar das regras básicas do salto de paraquedas que me haviam ensinado.

“Esteja sempre atento à sua altitude.”

Eu estava a 5500 metros, portanto dispunha de altitude e tempo suficientes para resolver o problema do paraquedas. Mas não muito tempo se quisesse ficar junto dos outros. Naquele momento, meus companheiros de equipe deveriam estar acima de mim, calculei, e com bons paraquedas certamente voavam na direção do objetivo.

Ouvi o paraquedas estalar em cima de mim quando comecei a me inclinar numa volta lenta. De início era um vagaroso círculo, mas a segunda rotação ganhou velocidade. Eu tinha visto vídeos sobre sujeitos de paraquedas enrolados como cigarros rumando para a destruição. Meu paraquedas tinha alguma sustentação, porque eu não estava caindo como um meteoro. Mas eu não tinha habilidade para controlá-lo, e a rotação ficava cada vez mais rápida. Temi que, se o giro se tornasse violento demais, eu perdesse a consciência.

Eu precisava agir.

De repente minha cabeça começou a se concentrar em procedimentos de emergência, despertando-me para o mundo de noventa centímetros. Até aquele momento, eu estava preocupado com o meu conforto, imaginando que os mais velhos zombariam de mim porque estragara minha saída. Mas nada disso pertencia ao meu mundo de noventa centímetros. Aquelas preocupações não me ajudariam em nada a resolver o problema do mau funcionamento do paraquedas.

Uma estranha calma sobreveio, levando o pânico e o desconforto. Primeiro eu precisava descobrir um jeito de ver meu paraquedas disfuncional.

Ao me virar, estirei o pescoço e consegui enxergá-lo. Um lado estava gordo e cheio de ar. O outro se agitava murcho, como a asa quebrada de um pássaro. Eu provocara o mau funcionamento ao puxar a alça no meio de uma rotação descontrolada. Estava tão fora de controle que o paraquedas pequeno, que tira o paraquedas principal de dentro da mochila, enroscara-se nas cordas de navegação no velame. O pequeno impedia o grande de abrir-se adequadamente.

Não havia como salvar aquele paraquedas. Minha única chance era me libertar do paraquedas principal e abrir o reserva. Eu ganhava cada vez mais velocidade. As constantes revoluções me deixavam tonto. Era impossível concentrar-me na linha do horizonte.

Recebemos instruções sobre como utilizar o paraquedas de reserva repetidas vezes, até os movimentos se tornarem memória muscular. Respirei fundo, olhei para baixo, para o pino de desconexão, e puxei. Senti o paraquedas principal se separar e por uma fração de segundo voltei a cair em queda livre. Quando o paraquedas principal se foi, uma corda estática puxou o paraquedas de reserva. Ele desabrochou e me freou com um puxão.

Imediatamente chequei se tinha um bom velame de reserva. Era bom que tivesse, porque não temos outra reserva. Há o principal e o reserva, e é tudo. Acima de mim, o paraquedas de reserva estava aberto e inflado. Agitava-se suavemente com a brisa. Puxei os batoques para ter certeza de que tudo estava funcionando. Antes de sintonizar o rádio para falar com o saltador líder, tirei uma fração de segundo para desfrutar o silêncio. Era um silêncio louco, que só se pode experimentar flutuando na noite debaixo de um paraquedas.

Ouvi o saltador líder se apresentar, consultei o GPS e o altímetro e me situei. Eles já se dirigiam para a zona de aterrissagem.

“Aqui é o saltador 12”, falei pelo rádio. “Tive uma desconexão. Estou a cinco mil e quinhentos metros e minha distância do objetivo é de dez quilômetros. Não consigo vê-los.”

“Câmbio, saltador 12”, disse o saltador líder. “Estamos a seis mil metros. Nossa distância do objetivo é de oito quilômetros. Minha posição é 145 graus.”

Puxei os batoques de navegação e descrevi um vasto arco para entrar em sintonia com o objetivo e os demais saltadores. Desacelerei a descida e não me desviei mais. Logo avistei ao longe os paraquedas dos companheiros de equipe. Consegui me juntar novamente ao grupo enquanto nos aproximávamos da área de aterrissagem. Quando tocamos o chão eu estava bem no meio dos outros saltadores.

Estendi o paraquedas no chão e juntei minha tralha. Todos os camaradas à minha volta estavam animados, felizes com o salto. Mas eu estava chateado por ter cometido erros tão primários. Fui tomado pelo medo. Não me concentrei e poderia ter morrido.

Quando chegou a hora da patrulha, entrei na fila e marchei para o ponto

onde os ônibus nos aguardavam. Arrumei meu equipamento e me sentei no fundo, ainda reprisando o salto mentalmente. Eu era o recém-chegado e não podia me dar ao luxo de cometer erros estúpidos. Para piorar, tinha cometido mais um. Percebi que meu salto fora menos do que perfeito já no início. No momento em que subi no C-130 eu estava preocupado com meu desconforto, em vez de me concentrar no que ia fazer. E se isso acontecesse durante um tiroteio? Eu sabia muito bem que um ferimento de bala seria muito mais desconfortável do que uma mochila mal acomodada. Estava preocupado demais com coisas que não poderiam me afetar diretamente, naquela noite, em vez de me concentrar em tudo que eu poderia controlar, e que poderia me matar.

Eu precisava conhecer melhor meu equipamento. A partir daquele dia, concentrei-me em me certificar de que tudo que usasse coubesse direito, e que eu me sentisse sempre à vontade, ou pelo menos tão à vontade quanto cem quilos de equipamento preso ao corpo me permitissem. A obsessão ia além dos saltos. Todos os meus uniformes e kits cabiam em mim e eram confortáveis. Tornei-me especialista em garantir que se alguma coisa não se ajustasse bem, eu tiraria um tempo para que ficasse quase perfeita. E não era só com o equipamento que recebi que eu estava obcecado, mas também com o equipamento que ajudei a projetar.

Mas sentir-me desconfortável no avião foi só o primeiro problema. Quando fiz merda na saída, comecei a entrar em pânico. Esse é um erro que costuma ser fatal. Quando me limitei a permanecer em meu mundo de noventa centímetros, voltei a acertar. Em vez de tentar resolver um problema olhando para os lados, concentrei-me nas coisas que podia controlar.

Os ônibus nos deixaram no aeroporto, onde desempacotamos as coisas e nos reunimos para uma Revisão Pós-Ação. Todos que participaram do salto se sentaram à mesa na sala de instruções. O saltador líder começou a analisar a missão. Cada saltador colaborava com qualquer assunto. Finalmente chegou a minha vez.

“Tive uma saída ruim”, disse. “Meu paraquedas principal não funcionou direito. Precisei usar o reserva.”

Depois do debate sobre a missão, um dos líderes de equipe me puxou de lado.

“Ei”, disse ele. “Qual foi a causa do mau funcionamento?”

“Saí mal”, respondi.

“Eu sei”, disse o líder de equipe. “Por quê? Qual foi a causa da saída

ruim?”

“Não tive uma boa posição corporal”, falei. “Quando comecei a rodar, fiquei nervoso e puxei o principal. Foi por estar muito instável quando puxei o paraquedas principal que acho que provoquei o mau funcionamento.”

Sentamo-nos por alguns minutos, conversando sobre o salto. Agora sei que ele queria ter certeza de que eu tinha aprendido com meus erros.

“Repasse a colocação do equipamento”, disse ele. “Repasse os procedimentos dentro da aeronave, sua posição corporal ao sair, seus procedimentos de emergência. Por fim, mas não menos importante, repasse mentalmente tudo que vai fazer quando estiver flutuando debaixo do velame.”

O líder de equipe insistiu na necessidade de repassar mentalmente o salto inteiro antes de fazê-lo. É uma coisa que faço agora toda vez que salto.

As pessoas acham que os Seals são destemidos. Deveriam pensar de novo. Ninguém vive sem medo; altura era o meu calcanhar de aquiles. Eu provavelmente deveria ter pensado nisso antes de aproveitar a oportunidade de ir a Las Vegas por conta da Marinha. Deveria ter usado aquele medo para dominar os procedimentos de salto de paraquedas desde o início. Acho que precisava escapar por um triz para aprender uma lição inesquecível.

Em vez de pensar no medo e ter medo, aprendi a me concentrar no que posso controlar. Controlo meu equipamento. Controlo meus ensaios e controlo minha mente e minhas escolhas.

Agora, quando ouço o zunir das hélices do C-130, fico agitado. Sou aquele que conta piadas e que pensa nas vistas que verá, enquanto silenciosamente flutuo debaixo do velame para a zona de salto.

Levei muito tempo para me sentir tão à vontade. Para tanto, encarei o medo. Ofereci-me como voluntário para todas as excursões de salto que pude no começo da carreira. Não gostava, mas sabia que se quisesse melhorar precisava saltar sempre que houvesse oportunidade. O lema dos Seals da Marinha é “O único dia fácil foi ontem”, e durante toda a minha carreira assim foi. Sempre exigi o máximo de mim, e nunca me sentei para descansar. Exigi o máximo de mim toda vez que a oportunidade surgiu, e tentei melhorar. Para mim, hoje era sempre mais difícil do que ontem.

Lentamente aprendi a superar o medo de saltar. Ainda não sou grande fã das alturas, mas saltar de paraquedas já não me preocupa.

Na viagem de volta para o hotel, depois da rotação descontrolada, comecei a me sentir bem, e sabia que me sairia melhor na mesma situação da próxima

vez. Não pude deixar de pensar naquele dia em que me achava no penhasco, muitos anos antes, e no conselho simples que recebi do instrutor de escalada, bem antes de ter participado de combates e de saber o que de fato era o medo.

“Ei, amigo, fique em seu mundo de noventa centímetros.”

4. O capuz na caixa

Estresse

Eu estava na mais completa escuridão.

Sentia o peso dos múltiplos pares de olhos que me fitavam. O suor escorria-me pela testa, fazendo o tecido do capuz agarrar-se ao rosto. As pessoas passavam em redor e falavam, mas eu não conseguia entender o que diziam. Todos os meus sentidos — exceto a visão — estavam hipersensíveis, enquanto eu me esforçava para captar qualquer coisa que me pudesse ser útil quando tirassem o capuz.

Eu participava da minha segunda missão — incluindo um rodízio no Iraque — antes de ser escolhido para o curso de Seleção e Treinamento. Quando chegou a minha vez de entrar na caixa, enfiei na arma um carregador cheio de Simunitions, um cartucho de tinta desenvolvido pela General Dynamics que pode ser disparado por nossos fuzis, e andei até o centro da sala. Luzes pendiam do teto inacabado e uma passarela cruzava a sala, permitindo que os instrutores observassem a ação do alto. O piso de concreto estava limpo. Havia uma caixa quadrada presa com adesivos ao chão num dos lados. Fiquei em pé no meio da caixa, e os instrutores baixaram o capuz sobre a minha cabeça. Não poderíamos sair da área demarcada pelas fitas no chão, ou o exercício seria suspenso.

O capuz e uma corda presa a ele estavam ligados a um sistema de polias. Quando os instrutores puxavam a corda, o capuz saía e eu tinha que reagir ao cenário diante de mim. Debaixo do capuz, eu não sabia se teria de reagir a uma situação com reféns, lidar com passantes desarmados mas violentos ou com indivíduos complacentes que numa fração de segundos poderiam ficar hostis. O cenário poderia ser alguma coisa que eu jamais tinha visto antes.

Diferentemente do BUD/S, que testava a força de vontade do candidato mais do que qualquer outra coisa, o curso de Seleção e Treinamento era sobre aptidões, controle mental e capacidade de tomar a decisão correta sob imenso estresse e pressão. Eu teria que saber avaliar rapidamente a situação, priorizar as ameaças, e agir de modo apropriado, tudo isso enquanto instrutores observavam da passarela e catalogavam cada ação. Tudo estava regulado nos mínimos detalhes: um erro poderia significar uma saída antecipada do curso e a volta para a Equipe Seal Cinco.

Respirei fundo duas vezes e fechei os olhos quando o capuz desceu até meus ombros. Soltei os dedos e agarrei o punho do fuzil, o dedo no alojamento do gatilho. Tentei relaxar. Sabia que se ficasse tenso e não pensasse com clareza cometeria um erro. Não pensava sobre nenhum “e se”. Estava certo de que saberia o que fazer. A dúvida era se seria capaz de tomar a decisão de vida ou morte apropriada, com rapidez suficiente e na ordem correta. O curso de Seleção e Treinamento nos força a ir além do nosso mundo de noventa centímetros.

Medo e estresse são coisas diferentes.

Ficar no seu mundo de noventa centímetros é um dos segredos para administrar o medo. Mas o estresse é mais difícil de controlar, porque geralmente vem de fora da nossa área de controle. Os instrutores fazem o possível para jogar em cima de nós mais estresse do que conseguimos aguentar.

À medida que os segundos tiquetaqueavam debaixo do capuz, ficava cada vez mais difícil manter a concentração. Era como se a intenção dos instrutores fosse acabar comigo, obrigando-me a esperar. Talvez quisessem apenas ver quanto tempo eu era capaz de permanecer de prontidão. Ou quem sabe estivessem lá, parados, rindo de mim debaixo daquele capuz. Soltei as mãos e mais uma vez transferi o peso do corpo de um pé para o outro, tentando não deixar a mente divagar.

Eu sabia que não deveria levar mais do que alguns segundos, um minuto no máximo, mas cada segundo debaixo do capuz parecia um ano.

Então, sem aviso, o capuz foi tirado.

A luz me atingiu como o disparo de um flash. Comecei imediatamente a vasculhar a sala com o fuzil levantado e pronto. A não mais de três metros de distância havia uma bela loura. Vi que me fitava com seus suaves olhos castanhos. Usava jeans e camiseta. Sorriu para mim como se soubesse de alguma coisa que eu desconhecia.

Como não vi nenhuma arma em suas mãos, continuei a vasculhar. Avistei de relance um atirador, usando boné, camiseta e calças largas com bolsos externos, por cima dos ombros da moça. Estava no canto direito dos fundos, apontando uma pistola negra semiautomática para a cabeça de um homem. O refém mantinha a cabeça baixa, e não consegui ver seu rosto.

Sem nem pensar no que estava fazendo, minha arma já estava encostada no ombro e os olhos mirando pelas alças de mira. Ele não falou nada quando fixei o ponto vermelho da mira óptica EOTech em sua cabeça.

“Ei, amigo”, ouvi uma voz por cima do meu ombro. “Ei, babaca!”

“Puta merda”, pensei, eu não tinha sequer dado uma olhada atrás de mim. “Caramba, já estou rodopiando fora de controle.” Não tinha nem mesmo lançado uma olhada geral na sala. Estava concentrado demais nas duas ameaças à minha frente.

Levantei o dispositivo de segurança e disparei dois tiros rápidos. As balas de tinta explodiram no peito do atirador. Eu sabia que precisava cuidar primeiro da ameaça imediata com refém. Ainda que houvesse pessoas armadas atrás de mim, na minha cabeça, naquele momento, a situação com refém era a mais alta prioridade. Vi o atirador deixar cair a pistola e cair, ele mesmo, no chão perto do refém, numa lamentável tentativa de se fingir de morto.

Embora o atirador estivesse morto, senti que tinha estragado tudo. Eu sequer avaliara a situação geral na sala. Fui apressado demais. No começo da minha carreira, tive muita dificuldade para diminuir o ritmo, porque fomos treinados para agir com a maior rapidez possível.

Durante minha primeira missão no Iraque com a Equipe Seal Cinco, corríamos para a porta e pela escada com muitos berros e gritaria em todos os reides. Mas quando chegamos ao Iraque ninguém em meu pelotão tinha experiência de combate. Era a primeira missão para a maioria. Basicamente, íamos inventando à medida que avançávamos.

Armamos acampamento atrás de um palácio que ocupava uma imensa colina artificial nos arredores do Aeroporto Internacional de Bagdá. Do telhado do palácio, dava para ver o aeroporto espalhado diante de mim. Aviões militares — grandes C-130s e C-17s cinzentos — movimentavam-se pesadamente pelas pistas. Parecia haver um constante zunir de motores e batidas surdas de rotores de helicóptero. O Aeroporto Internacional de Bagdá era um imenso ponto de distribuição das forças da Coalizão. Humvees e caminhões LMTV levantavam poeira nas estradas de terra que iam do aeródromo para as cidades de tendas onde viviam as tropas. Construtores corriam de um lado para o outro em caminhões 4x4 e todo dia um novo campo de reboques modulares surgia para servir de dormitório ou escritório para as diversas empresas.

Uma equipe das Forças Especiais ocupava o palácio principal. Uma imensa e maciça porta de madeira dava para um saguão com piso de mármore. Escadas conduziam às salas do segundo andar. Havia um refeitório construído nos fundos e o centro de operações instalou-se numa das salas do

térreo. Percorrendo o palácio, eu contemplava os desenhos no mármore ou a fina arte do corrimão. Mas saqueadores tinham roubado a maior parte dos objetos valiosos antes de chegarmos. Por toda parte havia enormes buracos nas paredes. Durante a invasão corria o boato de que o palácio de Saddam tinha canos de ouro, por isso os ladrões abriram buracos nas paredes na esperança de conseguir algum dinheiro.

Lá fora havia grandes antenas verde-oliva e uma parabólica. Geradores zuniam perto da piscina, que separava o palácio principal de nossos alojamentos. Ocupamos as casas dos empregados, perto do motor da piscina. Como o palácio, os alojamentos tinham piso de mármore. Mas os pisos não eram ornamentados, e havia menos indícios de riqueza. Isso não impedia que os ladrões abrissem buracos nas paredes ali também.

A área da piscina tornou-se o centro do acampamento. Tanto os Seals como as Forças Especiais descansavam à beira da água nos intervalos das missões. Era começo da primavera, e o calor opressivo ainda não tinha chegado. Mas à tarde a temperatura chegava aos trinta. Trabalhávamos principalmente à noite, por isso não havia muita coisa para fazer além de comer, dormir, malhar e ficar sentado à beira da piscina até recebermos uma missão.

Poucas semanas depois de chegarmos, nos transformamos numa equipe SWAT em Bagdá, fazendo incursões em propriedades de suspeitos de insurgência com a ajuda da CIA. A agência tentava prender líderes insurgentes, na maioria antigos membros do partido Baath. A CIA recebia uma informação e na mesma noite atacávamos a casa.

Mais ou menos na metade do tempo da missão, fomos chamados para deter um antigo oficial de inteligência da Força Aérea iraquiana. Reunimo-nos no centro de operações. Nosso contato na CIA, trajando camisa polo escura, calças cáqui e coturnos de deserto, expôs com cuidado e clareza as informações da inteligência. O alvo estava organizando ataques contra soldados americanos na cidade. Um informante da CIA avisou a Coalizão e as informações foram repassadas pelo sistema até nós. O oficial iraquiano era alto e magro, sem pelos no rosto, coisa rara no Iraque.

O informante ia de carro na frente do nosso comboio e apontou para a casa. Fomos atrás, arrombamos o portão e invadimos a residência. Não havia muita elegância em nosso jeito de agir, só uma gritaria danada e muitas explosões.

Reunimo-nos por volta das onze da noite para os detalhes finais da missão e saímos do local pouco depois da meia-noite. O funcionário da CIA e seu

informante estavam bem à frente de nós, num surrado sedã feito de partes incompatíveis. Viajávamos em três Humvees com metralhadoras montadas. Eu e um companheiro de equipe tínhamos soldado estribos e apoio para as mãos no teto, para que os rapazes pudessem se equilibrar nas laterais e saltar com mais rapidez quando chegássemos ao objetivo, arranjo muito parecido com o que eu tinha visto uma equipe SWAT usar no centro de Los Angeles.

Eu ia no veículo da frente. As ruas estavam desertas. Eram estreitas, com um emaranhado de fios cruzando-se no alto. As antenas do caminhão viravam para trás quando atingiam os fios, e o ronco gutural do motor dificultava a audição. Ruídos de transmissão radiofônica atravessavam o barulho do motor.

"O.k., é isso aí", ouvi o oficial encarregado da missão dizer. "Luzes químicas à esquerda."

O motor do Humvee girou mais rápido e o veículo avançou, parando na frente da propriedade. Saltei do caminhão praticamente antes de ele parar. O portão principal estava escancarado, e corri pelo pequeno pátio até a porta de entrada. Não tentei girar a maçaneta para ver se estava trancada. Meu companheiro de equipe enfiou uma carga de rompimento na fechadura, e ambos rolamos para o lado da porta.

"Fogo no buraco", berrou meu companheiro. Poucos segundos depois ele ativou a carga, e a explosão arrancou a porta das dobradiças e a arremessou para o interior. Não esperei que a fumaça desaparecesse. Eu estava lá dentro segundos depois da porta, de arma levantada e pronto para atirar.

Podia ouvir o clamor de meus companheiros de equipe atrás de mim. Éramos como tubarões atacando freneticamente uma presa. Eu sentia a adrenalina dificultar minha concentração. O calor da primavera, mesmo à meia-noite, ainda era abafado, e eu sentia o suor acumular-se nas luvas enquanto explorava o ambiente à procura de um alvo.

A casa era legal, com chão liso e escadas de mármore. Tapetes orientais cobriam os pisos dos cômodos do térreo dos dois lados do corredor. A cozinha ficava nos fundos, à direita de uma escada que levava ao segundo andar.

Atrás de mim, eu ouvia meus companheiros de equipe desobstruindo os cômodos do térreo. Continuei avançando para a escada.

"Desça daí, porra", disse um companheiro.

"Nós o pegamos", disse outro. "Peguem a mão dele."

O oficial da Força Aérea iraquiana estava na sala de estar embaixo.

Entregou-se imediatamente, e meus colegas prenderam suas mãos. Vi quando o empurraram pela porta para os veículos esperando lá fora. Ouvi uma mulher e pelo menos uma criança soluçarem na sala de estar, enquanto o resto da equipe se espalhava.

O chefe do nosso pelotão ficou no centro do corredor como o "chefe do corredor" e berrou suas instruções para os diferentes cômodos que desobstruíamos.

"Desobstruir à esquerda!"

"Desobstruir à direita!"

"Andando!"

Comecei a me dirigir ao pé da escada com um companheiro de equipe para fazer a segurança do lugar.

Quando me aproximava do pé da escada, o saguão explodiu numa barragem de tiros de AK-47. As balas atingiram o piso de mármore, arrancando lascas. Eu ouvia companheiros berrando e correndo para se proteger, enquanto as balas estalavam nas paredes apenas cerca de trinta centímetros à minha frente.

Rapidamente recuei da escada. Sentia o mármore chover em cima de mim enquanto me esquivava da explosão. O rugir do AK-47 ecoava pelo primeiro andar da casa e uma densa fumaça com forte cheiro de pólvora enchia o ar, tornando impossível ouvir ou raciocinar. Alguém espalhava bala escada abaixo. O atirador menos mirava do que apontava o cano em nossa direção, mantendo o dedo no gatilho. Os disparos não eram certeiros, mas isso não importava muito, com o atirador a apenas cinco metros de nós.

Virei-me e comecei a atirar escada acima com minha M-4, esperando obrigar o atirador a buscar proteção.

Pelo menos três de nós revidavam os tiros quando o chefe do nosso pelotão chegou e começou a organizar-nos para um assalto escada acima. O atirador estava em vantagem. Não conseguíamos ver onde ele estava escondido. Não sabíamos direito se era apenas um ou vários. Precisávamos de apoio aéreo de um jato ou AC-130, mas estávamos no centro de Bagdá. O risco de provocar baixas civis era alto demais. Nossa única escolha era atacar escada acima e desobstruir o segundo andar.

A densa fumaça dificultava a visão.

O chefe pediu granadas "Flash-Crash". Elas não eram letais, só faziam um enorme barulho, atordoando o alvo por alguns segundos. Esperava-se que as granadas atordoassem o atirador tempo suficiente para atacarmos pela escada.

Tínhamos meia dúzia de granadas. Pareciam pequenos tubos prateados com furos. Puxamos os pinos e jogamos as granadas no segundo andar. Como o AK-47, os estrondos e estampidos soavam como se fosse o fim do mundo. Meus ouvidos zumbiam e comecei a berrar para me comunicar com o companheiro perto de mim.

Meu companheiro de equipe e eu trocamos olhares rápidos enquanto os lampejos e estampidos começavam a diminuir. Sabíamos que era hora de subir a escada. Respirei fundo duas vezes e tentei relaxar e concentrar-me no que precisava fazer.

As granadas estilhaçaram as janelas do segundo andar e cacos de vidro cobriram os degraus e o piso de mármore. Uma fumaça branca forte e ácida encheu o corredor. Ambos disparamos na direção da densa fumaceira no topo da escada enquanto subíamos. Era uma débil tentativa de oferecer fogo de cobertura.

Fiz uns quatro disparos e estava na metade da escada quando minha M-4 negou fogo. Não dava tempo de consertar, por isso a deixei cair. Meu fuzil pendia no peito quando tirei a pistola do coldre preso à perna.

O suor escorria do meu rosto, entrando nos olhos. Esforcei-me para focar a massa de mira enquanto avançava pelo corredor, tentando não pisar em vidro. Sabia que a qualquer momento o atirador poderia pular e começar a atirar. Não havia abrigo no corredor. Se ele mostrasse a cara, levaria chumbo.

Havia três quartos no segundo andar da casa, e uma sacada no fim do corredor. Meus companheiros de equipe estavam bem atrás de mim. O Seal do lado desobstruiu o primeiro quarto à direita com mais alguns camaradas. Estava coberto de colchonetes. Continuei a avançar lentamente pelo corredor na fumaça espessa.

Quando nos aproximávamos da segunda porta à direita do corredor, passei adiante e meus companheiros de equipe entraram no quarto. Ao chegarmos à última porta à esquerda do corredor, meus companheiros arrombaram-na e invadiram. Escutei os gritos dos camaradas no segundo quarto à direita do corredor. Encontraram um AK-47, mas nem sinal do atirador.

Bem na minha frente, no fim do corredor, ficava a porta para a sacada. Tentei a maçaneta. Estava trancada. Meus companheiros tinham encontrado um AK-47, mas ninguém sabia para onde o atirador tinha ido. Tive uma ideia.

Pensei nos riscos. Será que ele estava usando um colete com bombas? Será que havia mais de um atirador? Ainda não havia sinal dele dentro. Comecei a ficar nervoso. Como é que o desgraçado já tinha conseguido escapar?

Ele não poderia descer a escada. Peguei uma ferramenta e rapidamente desemperrei minha M-4. Destranquei a porta da sacada e a abri lentamente. Talvez ele estivesse escondido do lado de fora. Não me ocorreu que não seria possível ele sair e trancar a porta por dentro. Tudo acontecera tão depressa e havia tanta coisa acontecendo à minha volta que era difícil prestar atenção nas pequenas coisas, como a porta da sacada trancada por dentro. Eu obviamente estava um pouco confuso. Toda aquela luta era como estar num acidente de carro.

Quando sofremos um acidente de carro, provavelmente a memória retém os últimos dois ou três segundos antes do choque. Se sofremos outro acidente de carro, depois outro, começamos a lembrar cada vez mais detalhes sobre a causa de cada acidente, porque ficamos mais familiarizados com as visões, os cheiros, os sons, os ritmos e a velocidade dos acidentes.

Tiroteios são como acidentes de carro, de certa forma. São coisas que tentamos evitar, e que sempre nos surpreendem quando acontecem. Por causa da adrenalina, pode ser difícil manter a concentração e tomar boas decisões. Aquele foi um dos meus primeiros tiroteios e eu estava tendo dificuldade para me concentrar.

Com minha M-4 desemperrada, e de volta à ação, abri a porta e fiz uma varredura da sacada.

Não havia ninguém. Onde diabos ele se metera? Andei até o fim da sacada, examinando o pátio lá embaixo e o telhado em cima. Vi nossos veículos com o motor funcionando na frente da casa. Ele não poderia ter saltado e fugido. O atirador tinha desaparecido.

No fim da sacada, espiei pela janela do quarto onde o AK-47 tinha sido encontrado. Vi meus colegas em pé no quarto. Davam a impressão de ter inspecionado debaixo das camas e no armário de madeira do outro lado do quarto.

Eu já me preparava para entrar novamente na casa quando vi pela janela um homem adulto dentro do quarto com meus companheiros. Estava encolhido no peitoril da janela, escondido atrás de um móvel. Tinha vinte e poucos anos, usava camiseta sem mangas e bermuda. O cabelo era uma bagunça, e tinha uns fiozinhos de barba no queixo. Pressionava os joelhos contra o peito e tentava mexer-se o mínimo possível. Tinha os olhos fechados e não fazia ideia de que eu pudesse vê-lo.

Ergui minha M-4, mas não pude atirar. Ele estava desarmado, e, além disso,

meus companheiros estavam atrás dele, e uma bala perdida poderia atingi-los. Grossas barras de metal cobriam a janela. Enfiei o cano do fuzil entre as barras e quebrei o vidro. O barulho de vidro quebrado assustou o atirador e ele se virou de frente para mim.

Endireitei o corpo e enfiei a boca do cano do fuzil em seu rosto. Sua cabeça se inclinou para trás e os lábios se partiram, fazendo o sangue escorrer pelo queixo para a camiseta suja. Ele rosnou e caiu do peitoril da janela no chão do quarto. Alguns dos meus companheiros o agarraram, viraram-no de bruços e o algemaram com uma braçadeira de plástico. Descobriríamos depois que era filho do oficial iraquiano. Ele se livrara do AK-47 antes de se esconder no peitoril.

Não consegui me concentrar quando voltamos para a base aquela noite. Continuei a repassar a missão na cabeça. Os rapazes que encontraram o AK-47 deveriam ter encontrado o filho do oficial iraquiano, mas nenhum de nós lidou muito bem com o estresse da situação.

Só dois anos mais tarde, e depois do teste do capuz na caixa, comecei de fato a pensar numa maneira de administrar o estresse. Aprendi ali que o truque era priorizar todos os fatores individuais de estresse e então agir. Reduzi tudo a pequenas coisas que eu pudesse administrar. Não me preocupava com os fatores de estresse que não podia afetar. Os que estavam ao meu alcance, eu simplesmente ia resolvendo um de cada vez. Em muitos sentidos, tudo remontava ao BUD/S e ao elefante.

Sabe como é que se come um elefante? Uma dentada de cada vez.

O teste do capuz na caixa tem o objetivo de confundir. É feito para nos forçar a tomar decisões muito difíceis, certas ou erradas, de vida ou morte, em questão de segundos. Enfrentamos o mesmo desafio em combate. Sempre tentei simplificar ao máximo. Ninguém quer que fiquemos paralisados quando nos vemos diante de múltiplas ameaças. Mas também não querem que comecemos a atirar imediatamente, sem avaliar a situação. Veja o que tem diante de si, avalie a situação, priorize, e reduza tudo a pequenas tarefas que você sabe que é capaz de realizar, ou eliminar, ou consertar imediatamente. Pela prática constante, pela repetição e pela experiência, a maioria dos Seals consegue priorizar os fatores de estresse com a rapidez necessária para que tudo pareça mais instinto do que processo.

Quando isso acontece, tudo começa a desacelerar.

Vejamos o exercício do capuz na caixa, do curso de Seleção e Treinamento. Eu atirei duas vezes contra o homem que fazia uma loura de

refém segundos depois de os instrutores tirarem meu capuz. Ele era o primeiro item da minha lista de verificação. O segundo item eram os homens atrás de mim. Eu me virei e gritei para eles.

“Mostrem suas mãos”, berrei, com o fuzil apontado e pronto para atirar. “Para trás, porra!”

Os homens estavam vestidos como atiradores, com calças largas com bolsos externos e camisetas. Mas estavam desarmados, e ergueram as mãos na mesma hora. Ambos recuaram lentamente, com passos miúdos, deliberados. Quando estavam a alguns metros, ordenei que se jogassem no chão.

“Encostem o rosto no chão”, disse. “E abram os braços.”

Eles fizeram o que mandei, e voltei a me virar para encarar a loura, mas ela tinha uma pistola e a enfiou na minha cara.

“Que porra você está fazendo?”, gritou um instrutor na passarela acima de mim.

Os instrutores puseram-se todos a gritar comigo, por não ter agido rápido o suficiente. Fui lento demais. Não passei de uma ameaça a outra com a velocidade necessária, e isso teve um custo. Felizmente, quase todo mundo fracassou na primeira vez. Acidente de carro número um terminado, e não foi nada bom.

Amaldiçoei-me por ter sido tão lento. Gastei tempo demais com os homens e esqueci a mulher. Não a vi como ameaça, mas no exterior muitas mulheres, sobretudo no Iraque, escondiam no corpo telefones celulares e armas. Na minha primeira missão com a Equipe Seal Cinco, revistamos uma mulher depois de prender seu marido e encontramos vários telefones e armas. Na mesma missão, quatro mulheres foram presas usando cintos de atentado suicida em Bagdá. Poucos meses depois das prisões em Bagdá, uma terrorista-suicida — vestida como homem — detonou uma bomba nos arredores de Tall Afar, no norte do país. Os insurgentes sabiam que não revistávamos mulheres. Depois disso, passamos a revistar todo mundo.

Fracassei no meu primeiro teste do capuz na caixa no curso de Seleção e Treinamento, mas não esqueci a lição aprendida. Avalie, priorize e aja. Eu passaria por esse “acidente de carro” centenas de vezes em minha carreira, enfrentando novos estresses mais rapidamente do que teria imaginado durante meu treinamento, disparando balas de verdade em vez de balas de tinta não letais, com minha vida e a de outros em jogo. A cada vez aprendi alguma coisa vital.

5. Voltar a salvo não está garantido

Mentalidade

Pus o fuzil atrás de mim e comecei a subir a escada de metal. Ouvia-o raspar na lateral do prédio enquanto tentava alcançar o próximo degrau.

À minha frente, meu companheiro já tinha alcançado o telhado e vencido a pequena mureta do parapeito. Cheguei ao telhado segundos depois, carregando mais de trinta quilos de coletes à prova de balas e equipamento. Abaixo, vi meus companheiros de equipe tomarem posição lentamente à porta de entrada do alvo.

Éramos a "equipe de telhado", o que significava vigiar do alto. Estávamos em vias de atacar o refúgio de um insurgente e a tarefa da minha equipe era subir ao telhado e dar cobertura ao assalto. Se conseguíssemos entrar no prédio pelo telhado, assaltaríamos o andar de cima enquanto o elemento terrestre assaltaria o de baixo. Teoricamente, capturaríamos os vilões no meio do caminho, antes que tivessem tempo de oferecer resistência — ou assim esperávamos.

Era 2006, o Iraque era a grande prioridade. A unidade do Exército que fora destacada para atuar no país sofrera sérias baixas e precisava de reposições. Eu estava havia mais ou menos um mês na minha primeira missão, com minha própria unidade, quando minha equipe de seis homens foi mandada do Afeganistão para ajudar no Iraque. De início, achávamos que nossa equipe seria anexada como uma unidade completa, mas ao chegar fomos separados e enviados para diferentes equipes.

Tomamos o avião para a seção militar do Aeroporto Internacional de Bagdá e seguimos de carro para a Zona Verde, área murada da capital ocupada pelas forças da Coalizão. Eu tinha estado no Iraque com a Equipe Seal Cinco, de modo que tudo me pareceu familiar. Já no fim daquela missão, eu tinha operado em Bagdá. Nessa época, éramos todos novatos, com pouca ou nenhuma experiência de combate. Mas ao desembarcar em Bagdá agora, a sensação era diferente. Havia uma energia no ar, uma confiança que impregnava os militares por causa da nossa experiência coletiva de combate.

Eu ainda era muito novo em minha equipe e nunca tinha trabalhado com o Exército, mas ouvira rumores de que as duas forças não se davam bem. Havia sempre uma competição, provavelmente motivada por nosso afã de sermos os

melhores. Havia competições de tiro e outros exercícios que sempre pareciam jogar as duas unidades uma contra a outra. Na minha cabeça, eu esperava ver ou viver essa tensão, mas ela nunca se manifestou. Todo o velho drama sobre qual das unidades era melhor desapareceu quando a guerra começou. Éramos uma só equipe. E a equipe se abriu, puxou-me para dentro e fez de mim um dos seus. Ninguém queria saber qual das unidades atirava melhor quando estávamos todos juntos lutando contra um inimigo comum.

Quando desembarquei, Jon, meu novo líder de equipe, veio falar comigo no centro de operações e me levou para o meu quarto. Também me mostrou o refeitório e a sala de ginástica e me apresentou aos demais companheiros de equipe. Minha nova equipe parecia formada por pessoas muito parecidas com os Seals da velha equipe. Usávamos o mesmo equipamento, as mesmas táticas e a mesma estrutura de comando. Eles eram Exército, eu era Marinha, e havia algumas diferenças culturais, mas a constituição básica de todos era bem familiar.

Jon me deu as boas-vindas e me incluiu em todos os planejamentos. Nunca houve um momento em que eu não me sentisse parte da equipe, e, mais importante ainda, eu tinha a impressão de que Jon e os demais estavam dispostos a ouvir minha opinião.

Certa vez, estávamos planejando uma missão poucas semanas depois que cheguei. Minha equipe fora designada para descer no telhado do alvo num MH-6 Little Bird e desobstruir a partir dali. Jon estava preparando o manifesto, a lista dos companheiros que participariam da missão.

“Desta vez o espaço é apertado, rapazes”, disse Jon.

Ele estava reduzindo os números para ter certeza de que ficaríamos dentro do limite de peso. Eu esperava ser eliminado da missão. Era o recém-chegado e, ainda por cima, Seal. O planejamento foi concluído e o resto da equipe deixou o centro de operações. Peguei meu caderno e voltei para o quarto.

“Ei”, disse Jon, quando eu ia saindo. “Você está dentro hoje à noite.”

Mais tarde, vi Jon conversar com o outro cara novo na equipe. Ele ia sobrar. Da vez seguinte que ultrapassamos o limite de peso, fiquei de fora. Jon sempre tomou o cuidado de fazer trocas entre mim e o outro recém-chegado e garantir que eu recebesse tanto amor quanto o resto de sua equipe. Sim, eu ainda era considerado novo na unidade e nas equipes do Exército, mas era bom saber que Jon pensava em mim como parte da equipe.

Depois das primeiras missões, eu me integrei ao grupo, deixando de ser visto como o Seal que fora mandado como reposição simbólica. Era apenas

um companheiro de equipe, um dos dois recém-chegados.

Eu acabara de conhecer aqueles sujeitos, mas já confiava neles absolutamente, e eles por sua vez tinham a mesma confiança em mim. Eu sabia que seriam capazes de arriscar a vida para salvar a minha, e faria o mesmo por eles. Atribuo a Jon o mérito de ter tornado a transição tão suave. Foi um dos melhores líderes com quem trabalhei nas forças armadas. Não contava com o respeito de sua equipe e dos outros só porque era o chefe. Conquistou o respeito de todos pelo caráter, pela capacidade de liderança e pela calma em combate. Parecia que nada o perturbava. Imediatamente passei a ver nele alguém que valia a pena imitar.

Percebi, ao longo da minha carreira, que toda unidade de operações especiais tinha a mesma mentalidade. Éramos todos feitos do mesmo material. Começamos com um sentido de objetivo. No passado, e em tempos de paz, havia uma rivalidade entre as unidades. Mas, quando o fogo começou, essa rivalidade foi descartada em favor do trabalho de equipe, porque, se havia uma coisa indiscutível para nós, era a necessidade de completar a missão e voltar para casa a salvo.

Se compararmos uma equipe de operações especiais — Seals, Forças Especiais, Rangers e o comando de salvamento de paraquedistas e controladores de combate da Força Aérea — a um barco, todo mundo rema. Dos oficiais aos recém-chegados, todos são treinados para cuidar da equipe em primeiro lugar, e fazer o que for necessário para realizar a missão. Vi a mesma mentalidade quando trabalhei nas unidades de operações especiais internacionais.

Toda unidade em que trabalhei ou treinei tinha isso em comum. Alguns equipamentos ou táticas podiam ser um pouco diferentes. Algumas unidades tinham brinquedos melhores, mas no fim das contas não fazia diferença ter o fuzil mais caro ou treinamento especial. Todos nos oferecemos como voluntários para participar dos treinamentos mais duros que podíamos encontrar em nossos respectivos países. Todos aprendemos a ir bem além dos nossos limites mentais e físicos.

Unidades como os Seals e outras unidades de operações especiais existem desde que a guerra foi inventada. Os gregos tinham unidades especiais, e o exército de George Washington usou atiradores especiais durante a Revolução Americana.

Mas só depois da Segunda Guerra Mundial os oficiais começaram a inventar maneiras de selecionar e treinar forças de operações especiais. E o

primeiro passo foi sempre encontrar pessoas com a mentalidade certa para alcançar o objetivo comum da equipe. Mentalidade é o denominador comum.

Charlie Beckwith, quando chegou ao Vietnã em 1965, foi posto no comando do "Projeto Delta — Destacamento B-52". A unidade de reconhecimento foi criada para obter informações de inteligência na Trilha Ho Chi Minh e no Vietnã do Sul. Beckwith dispensou a maioria dos soldados da unidade quando assumiu o comando e começou a recrutar reposições usando um folheto de propaganda.

> PRECISA-SE: De voluntários para o Projeto Delta. Garantia de medalha, ou saco de defunto, ou ambos. Requisitos: precisa ser voluntário. Precisa estar no país há pelo menos seis meses. Precisa ter um CIB (Crachá de Infantaria de Combate). Precisa ter pelo menos a patente de sargento — do contrário nem apareça para falar comigo.

Ele queria encontrar sujeitos como os meus companheiros de equipe, que tinham persistência suficiente para nunca desistir e o impulso obsessivo de cumprir a missão. Partindo da mentalidade do folheto, Beckwith mais tarde criou [redacted] com base no que aprendera com o SAS [Serviço Aéreo Especial] britânico. Mas os militares não são o único exemplo. Ernest Shackleton, que liderou três expedições britânicas à Antártica nos anos 1900, pôs, segundo consta, um anúncio num jornal londrino procurando homens dessa espécie.

> Precisam-se de homens para viagem perigosa. Salário baixo, frio terrível, longas horas de completa escuridão. Voltar a salvo não está garantido. Honrarias e reconhecimento em caso de êxito.

Eu teria me candidatado ao Projeto Delta de Beckwith e à expedição de Shackleton.

Nunca quis fazer nada normal. Não posso ser mediano. Ninguém que esteja envolvido em operações especiais pode ser mediano, porque nossas missões nunca são fáceis ou corriqueiras. Tanto Shackleton como Beckwith buscavam um senso de objetivo comum, e uma mentalidade comum entre os seus homens. Se alguém, em suas tripulações, não estivesse ali pelos motivos certos e para satisfazer as necessidades da equipe, havia uma grande possibilidade de insucesso. E o fracasso na comunidade de operações especiais jamais é tolerado.

Na maioria das noites no Iraque eu vivia pendurado no trem de pouso de um Little Bird — um helicóptero MH-6 utilizado pelo 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais — deslizando rapidamente sobre telhados. Eu prendia uma corda no telhado de um prédio e desobstruía os andares superiores, enquanto meus companheiros de equipe nos veículos na rua

desobstruíam os inferiores. As missões eram exatamente aquilo que eu me candidatara a fazer, mas eu as executava com o Exército e não com Seals. Travávamos uma campanha colossal para desmantelar a al-Qaeda no Iraque.

Nós a chamávamos de "SWAT de Bagdá".

Mas certas noites não dispúnhamos dos Little Birds. Se tivéssemos que subir ao telhado, só escalando.

Quando alcancei o alto do parapeito, olhei por cima do ombro e vi que Jon chegara ao telhado. Virei a cabeça para o canto oposto, à procura de alvos. Havia uma cobertura de telhas e um pequeno parapeito de sessenta centímetros de altura que se estendia por toda a borda. A porta ficava no meio do telhado e havia uma floresta de antenas parabólicas de todos os modelos e marcas instaladas nos cantos do edifício. Fardos espessos de fios elétricos negros passavam de um prédio a outro, vergando-se sobre a rua e as vielas.

Eu tinha o mapa da área na cabeça, e sabia que o alvo olhava para nós do outro lado do telhado. Pelo rádio, ouvi a equipe de solo procurar a porta certa. O refúgio do inimigo era um duplex, mas pelas conversas do rádio a equipe de solo não sabia bem que porta deveria arrombar para entrar.

Do meu poleiro três andares acima, eu via os veículos da equipe de solo. Ouvi uma explosão surda e os operadores do Exército em solo começaram a se dirigir para a casa. Fiquei de sentinela esperando qualquer sinal de movimento.

Então a notícia chegou pelo rádio. Os rapazes tinham atacado o lado errado do duplex, e agora estavam indo para o lado certo. Ouvi uma saraivada de AK-47 e alguns gritos.

"Temos fujões", ouvi pelo rádio.

Do nosso ponto de observação, eu sabia que os fugitivos deveriam estar perto, mas fora do nosso campo de visão. Não conseguíamos enxergar a viela ao norte de onde estávamos, por causa do prédio diante de nós. Precisávamos passar para o outro edifício, mas não havia tempo para descer até o térreo, seguir para o edifício vizinho e depois subir três andares desobstruindo tudo até o telhado.

Perto de mim, no telhado, vi uma escada. Parecia suficientemente comprida para chegar à mureta do parapeito do outro prédio. Daquele telhado, teríamos um perfeito ângulo de visão da viela que os combatentes inimigos estavam usando para escapar.

Olhei para Jon, mas ele estava operando o rádio, atulhado de relatos sobre combatentes em fuga. Os companheiros dentro do edifício também haviam

encontrado um esconderijo de armas e explosivos.

Eu queria entrar em ação, por isso corri para a escada. Era feita de sobras de madeira presa com pregos. Um único prego e um pedaço de arame seguravam alguns degraus no lugar. Pus a escada no ombro e corri para a borda do edifício onde meus companheiros aguardavam.

“Acha que esta escada é capaz de nos aguentar?”, perguntou meu companheiro de equipe.

Estávamos a três andares de altura. Fiquei em pé na beira da mureta do parapeito e examinei o espaço entre os edifícios. Tinha uns quatro metros e meio de largura.

“Se a colocarmos deitada e rastejarmos, acho que sim”, respondi, mais esperando do que acreditando estar certo.

“Seja como for, logo vamos descobrir”, disse ele, com um sorriso forçado.

Ambos desejávamos entrar na luta e impedir que os fugitivos escapassem, ou, pior, preparassem uma emboscada. Suavemente, empurramos a escada por cima da viela. Meu companheiro foi na frente. Deitado de barriga, deslizou pela escada, enquanto eu a segurava e vigiava o outro edifício. Quando chegou a minha vez, ajeitei o fuzil, de modo a apoiá-lo nas costas, e comecei a rastejar.

Minha mente voltou ao gelo fino do Alasca. A única maneira de atravessar gelo fino é espalhando o máximo possível o peso do corpo. Se ficarmos em pé, todo o peso do corpo se concentra num único ponto, e, de repente, quando nos damos conta, já estamos mergulhados na água gélida. Assim como atravessar gelo fino, rastejar pela escada era muito perigoso. Estávamos três andares acima do chão, combatentes inimigos corriam de um lado para o outro e confiávamos que aquela porcaria de escada iraquiana nos impediria de cair.

No Alasca, pelo menos, eu não estava usando trinta quilos adicionais de equipamento.

Respirei fundo duas vezes e tentei manter a concentração. Foi uma das muitas ocasiões em que permanecer dentro do meu mundo de noventa centímetros me ajudou a prosseguir, porque eu ainda odiava a altura.

Palmo a palmo rastejei sobre a viela. Vi lá embaixo um imenso monte de lixo. A maior parte parecia lixo de cozinha com comida podre e vasilhas de alimento. Sacolas de plástico estavam amontoadas em volta do lixo e parecia que um carro ou caminhão tinha atingido o monturo, espalhando lixo até o meio da viela.

Avancei sem parar e finalmente cheguei ao outro edifício. Novamente em pé, corri para o canto procurando os fugitivos. Os combatentes inimigos teriam facilmente escapado se tivéssemos hesitado ou decidido não usar a escada. Vi-os numa corrida desabalada justo quando alcançamos a borda do edifício e olhamos para a viela. Os dois homens portavam fuzis.

Vi o laser de meus companheiros de equipe parar sobre o combatente à esquerda. Mirei no combatente à direita. Ambos abrimos fogo e os derrubamos antes que alcançassem a saída da viela. Eles haviam tido sorte quando a força em solo chegou pelo lado errado do duplex, mas foi aí que a sorte deles acabou.

No outro edifício, Jon ouviu tiros. Pelo canto do olho, vi-o andar às pressas para onde tínhamos deixado a escada. Virei-me para a viela e continuei vasculhando. Meus companheiros de equipe na casa ainda estavam desobstruindo cômodos e procurando armas, mas não sabíamos quantos combatentes havia no refúgio.

Acima de mim, ouvi AH-6 Little Birds cruzarem o céu. Estavam armados com foguetes e metralhadoras, prontos para entrar em ação se tivéssemos alguma dificuldade. Depois das primeiras notícias sobre fugitivos, eles começaram a voar descrevendo círculos cada vez mais largos em torno do alvo, procurando combatentes que pudessem ter escapado.

Então ouvi um chamado urgente pelo rádio.

“Temos um homem caído”, disse o piloto do Little Bird.

Poucos segundos depois, o piloto repetiu o chamado.

“Temos um homem caído.”

De início pensei que a força em solo tinha sofrido uma baixa quando acabava de desobstruir o edifício. Então o piloto voltou com mais informações.

“Temos um homem caído mais ou menos cem metros ao sul do edifício-alvo”, disse ele.

Não fazia sentido. Eu estava a cem metros do alvo, com Jon e minha equipe. Fizemos contato, mas o piloto não podia estar se referindo a nós. Estávamos bem. Os combatentes nem chegaram a disparar.

Olhei de relance para meu companheiro de equipe. Ele deu de ombros. Virei-me para ver se Jon estava em nosso telhado e lhe perguntar sobre o chamado no rádio.

Jon tinha desaparecido.

“Para onde foi o Jon?”, perguntei a meu companheiro. “Ele estava aqui

falando no rádio.”

“Cadê a escada?”, meu companheiro perguntou.

Porra.

Corremos até a borda do edifício. A escada não estava mais lá. Olhei de cima e vi Jon deitado no monte de lixo. O capacete estava virado de lado e ouvi um débil gemido, enquanto ele se revirava de dor.

“Câmbio, tenho um visual”, eu disse pelo rádio. “Ele está na viela entre os prédios bem ao sul do alvo.”

O helicóptero o viu cair e deve ter comunicado aos camaradas em solo. Agora os paramédicos queriam saber como chegar onde ele estava.

“Consulte o GRG e vamos falar com alguém para ir buscá-lo”, disse meu companheiro. “Precisamos descer lá agora.”

Ainda estávamos recebendo notícias sobre mais combatentes na área. Se encontrassem Jon, ele estava morto. Tirei meu GRG — um pequeno mapa com os edifícios da área identificados por números — e comecei a orientar os companheiros em solo até onde estava Jon.

Os GRGs geralmente são feitos com fotos de satélite da área e usados para pedir ataques aéreos fornecendo aos pilotos e aos camaradas em solo o mesmo ponto de vista.

“Fiquem na escuta”, falei pelo rádio. “Ele está lá embaixo na viela, na interseção de Echo 4 e Delta 8.”

A força em solo imediatamente mandou sua equipe de paramédicos para o lugar usando as coordenadas do GRG. Ficamos no telhado dando cobertura até que nossos companheiros entraram na viela. Então começamos a procurar um jeito de sair dali. Não dava para voltarmos ao edifício original, porque a escada estava no chão da viela, partida em dois pedaços. O telhado do novo edifício era idêntico, com uma porta que levava às escadas. Estava destrancada.

Tentei me concentrar e ficar calmo. Estava muito preocupado com Jon. Durante os meses que trabalhamos juntos, ele se tornara um mentor e amigo. Era como se ele e os outros companheiros de equipe fossem meus irmãos, um sentimento parecido com o que me ligava aos colegas Seals. Eu ficaria muito chateado se alguma coisa lhe acontecesse. Do meu poleiro no telhado, seu estado não parecia nada bom, mas eu o ouvia gemer, e, com o treinamento médico que tinha, sabia que isso pelo menos era bom sinal.

“Vamos”, sussurrou meu companheiro, e nos dirigimos à porta que levava às escadas.

Desci devagar, com o fuzil erguido e pronto para atirar. Era sempre um pouco chocante entrar nos prédios de Bagdá. De fora era difícil saber como era lá dentro. Muitas vezes, chegávamos a uma casa que parecia arruinada, e o que encontrávamos em seus cômodos eram bons móveis e acessórios.

Eu não fazia ideia de que estávamos numa casa ao atravessar tremulamente a escada poucos minutos antes. A escada dava para um corredor no terceiro andar da casa de alguém. Minhas botas chiavam no piso de mármore enquanto andávamos para a escada no fim do corredor. Dei uma olhada superficial em cada cômodo por onde passávamos. Queria ter certeza de que não havia combatentes, só isso. Não estávamos de fato desobstruindo a casa inteira. Só precisávamos abrir caminho até a saída para chegar onde Jon estava.

Descemos a escada de mármore do terceiro para o segundo andar. A escada continuava até o térreo. Estávamos a caminho do segundo andar quando vi um homem parado no patamar logo abaixo. Trajava uma *dishdasha*, a longa túnica usada pelos homens árabes, e sandálias. Tinha os braços abertos e meio levantados, como para se certificar de que eu visse que não estava armado.

“Precisam de ajuda?”, disse ele em inglês, com leve sotaque.

Eu já ia gritar para que se jogasse no chão, mas o inglês quase perfeito me confundiu.

“Precisamos chegar lá embaixo”, eu disse.

“Sigam-me”, disse ele.

Aproximei-me e mantive o fuzil apontado para suas costas enquanto ele nos guiava escada abaixo para o segundo andar. Não confiava nele, mas também achava improvável que mantivesse combatentes na casa. Tive a impressão de que ele só queria ter certeza de que não íamos quebrar sua casa tentando achar a saída.

“Sou professor”, disse ele.

Não respondi. A rigor, não fazia diferença. Eu só queria sair da casa e chegar onde Jon estava. Minha missão fora um sucesso no começo, mas quando Jon se feriu tudo mudou.

O professor nos conduziu até a porta da frente e tirou as trancas. Abriu a porta e ficou de lado para passarmos. Meu companheiro de equipe pediu ao professor que ficasse longe da porta e não se mexesse. Parei na soleira e dei uma espiada, procurando por outros combatentes. Certo de que estávamos a salvo, saí na frente pela porta na direção da viela.

Ali, vi um paramédico ajoelhado ao lado de Jon. Ele estava acordado e ainda gemia. Caíra de uma altura de três andares na viela e aterrissara num monte de lixo. Foi provavelmente a primeira vez que um monte de lixo iraquiano salvou alguém. O tempo todo eu me preocupava com as bombas plantadas nos monturos que ladeavam as ruas e os becos da capital iraquiana.

Quando me aproximei, o paramédico conversava com Jon.

"Consegue se levantar?", perguntou ele.

"Sim", disse Jon.

Jon não tinha um osso quebrado. Emitiu um longo gemido quando o ajudamos a se levantar e caminhar até os veículos à nossa espera. Ele afundou na parte de trás e emitiu um profundo suspiro. Sentia dores, mas não queria demonstrar.

"Porra. Que merda. A porra da escada quebrou", disse Jon.

Jon não viu quando pusemos a escada iraquiana, e naquele momento, na pressa de descobrir nossa posição depois de ouvir os tiros, pensou que fosse uma das escadas de metal que levávamos conosco para todos os alvos. Só pensara em chegar onde estávamos para nos ajudar no que pudesse.

Decidiu atravessar andando, em vez de rastejar nos degraus de barriga e distribuindo o peso, como fizemos. Tentou pisar em cada degrau do começo ao fim da escada que tinha sido amarrada com arame velho e pregos enferrujados. Estava a uma altura de três andares, com mais de trinta quilos de equipamento, e olhando através dos óculos de visão noturna. Mesmo os nossos óculos, dos melhores que existem, dificultam a percepção de profundidade.

A proeza já teria sido difícil durante o dia, e até mesmo numa escada de metal, mas Jon tentou de noite, em combate. Chegou à metade da travessia, e provavelmente teria percorrido toda a distância sem cair se a escada não tivesse cedido no meio, sob seu peso.

Fiquei espantado com a história que ele contou. Era preciso ter colhões para atravessar a escada andando, de noite, durante um tiroteio. Brinquei dizendo que a escada tinha quebrado por causa do peso de seus testículos.

Encerramos o assalto logo em seguida e voltamos para o palácio. Jon gemia sempre que o veículo atingia um sulco na estrada, e no Iraque todas as estradas têm sulcos. Quando chegamos, ele não foi para o hospital. Assistiu sentado à Revisão Pós-Ação antes de ir para a cama. Tirou dois dias de folga e voltou à plena atividade. Sofrera algumas contusões, mas nada sério.

Fiquei aliviado ao vê-lo dois dias depois no trem de pouso de um Little

Bird voando para um novo alvo, mas não tanto quanto ele. Não havia dúvida de que perder uma missão sabendo que correríamos riscos sem ele era pior do que as dores da queda.

Até hoje mantenho contato com Jon. Na verdade, estive na festa que ele deu quando se aposentou. Foi uma festa íntima, só para os mais chegados. Jon ainda tinha um tronco robusto, porém não mais a barba. Como eu, parecia envelhecido. Não por causa dos anos, mas da quilometragem. Dedicou mais de vinte anos de serviço ao seu país.

Jon me chama de "meu Seal favorito". É uma distinção da qual muito me orgulho, não só porque ele foi um dos melhores líderes de equipe com quem trabalhei durante todo o meu tempo com os Seals, mas também porque se tornou um amigo para toda a vida. Mesmo depois que voltei daquela missão no Iraque, e apesar de nossa agenda movimentada, conseguimos manter contato. As conversas iam sempre além dos simples comentários de assuntos da atualidade; costumávamos comparar as últimas táticas e técnicas usadas por nossas respectivas unidades. A competição entre o Exército e a Marinha tinha oficialmente terminado para nós, e éramos uma grande equipe, apoiando-se e ajudando-se reciprocamente. Jon era meu companheiro de natação no lado "verde".

Quando cheguei a Bagdá era um novato muito nervoso, que não tinha certeza se conviveria bem com o pessoal do Exército. Mas aprendi, quase já no primeiro dia, que tínhamos a mesma mentalidade. Partilhávamos um objetivo comum, e isso me permitiu ser um membro da equipe. Não nos enredamos numa rivalidade sem sentido baseada nas cores das nossas fardas. Usamos equipamentos diferentes, temos nossos próprios cursos de seleção, mas a cabeça é a mesma.

Todos nos oferecemos como voluntários para participar das missões mais perigosas, onde, como dizia Beckwith, "uma medalha, um saco de defunto, ou ambos" são comuns. Podemos aceitar "salário baixo, frio terrível, longas horas de completa escuridão", como prometia Shackleton, porque todos preferimos a morte ao fracasso.

Mas, principalmente, sempre colocamos a equipe acima do indivíduo e nunca aceitamos nada menos do que o melhor de que cada um é capaz. É fácil escrever e dizer estas palavras, o difícil é viver de acordo com elas. Mas são esses os homens com quem servi na comunidade de operações especiais, homens que compartilham um senso de objetivo e uma mentalidade quase idêntica.

6. A armadilha
Confiança

Fiquei no centro de operações fitando a imensa tela plana de um aparelho de TV. Ao meu lado, Scott cofiou a barba e sacudiu a cabeça.

"Há qualquer coisa nisto que não parece certo", disse ele.

Scott era um dos mais velhos da equipe. Estava nesse trabalho havia tempo suficiente para saber o que era "certo".

Mais ou menos nove anos tinham transcorrido desde aqueles primeiros dias de treinamento e minha primeira missão de combate no Iraque. Eu tinha participado de centenas de missões e atacado todo tipo de alvo. Já fazia isso havia tempo suficiente para saber o que era um bom alvo, e nada a respeito daquele alvo em particular fazia sentido.

A propriedade mostrada no monitor por imagens filmadas por drones era parecida com qualquer outra casa marrom-clara do Afeganistão. Os muros — de pedra e adobe — tinham de três a três metros e meio de altura, com um portão de metal. A construção ficava no meio de um campo aberto, com terras cultivadas em redor. Uma fileira de árvores bordejava os campos de um lado. Havia diversas propriedades menores a menos de um quilômetro de distância.

Não havia crianças brincando no campo. Não víamos nenhuma mulher trabalhando do lado de fora, no pátio. Ninguém entrava ou saía da casa. Não havia cabras nem vacas pastando. Não se viam homens nos campos vizinhos. A casa parecia deserta, apesar de sabermos que talvez abrigasse um comandante de alto nível da al-Qaeda.

Naquela altura da guerra, era raro encontrar um comandante da al-Qaeda no Afeganistão. Na maior parte dos casos, caçávamos e matávamos pequenos combatentes talibãs, que dividiam seu tempo entre o trabalho no campo e a continuação do seu jihad. Os grandes líderes talibãs tinham suas bases do outro lado da fronteira, no Paquistão, longe apenas o suficiente para ficarem fora de alcance. Um verdadeiro vilão seria esperto o bastante para não cometer esse tipo de erro. Se havia um comandante da al-Qaeda escondido dentro da casa, quem cuidava da sua segurança pessoal? Ninguém aparecia para receber ordens ou para visitá-lo. Por que um comandante da al-Qaeda atravessaria a fronteira sem segurança pessoal para passar o tempo numa casa

deserta?

Não fazia sentido. Scott estava certíssimo. Esse alvo só podia ser uma armadilha.

Era uma conclusão a que qualquer um de nós poderia chegar, devido a nossa experiência comum. Nos últimos anos, forças de operações especiais tinham caçado comandantes e fabricantes de bombas dos talibãs e da al-Qaeda. Determinávamos o padrão de seus movimentos e aguardávamos a oportunidade perfeita para atacar. Uma vez estabelecida a localização do alvo, entrávamos e os tirávamos. Sempre que decepávamos a cabeça de uma célula, outro líder aparecia. Não contínhamos a insurgência; estávamos apenas matando-a aos pedaços. Uma insurgência não precisa vencer. Basta que sobreviva.

Eu só me preocupava com questões práticas — a segurança da minha equipe, o provável número de combatentes, nossa rota de entrada e saída. Àquela altura, tínhamos bastante prática no jogo, e uma mudança de padrão como aquela era um grande sinal vermelho para todos nós. A estratégia de 9 mil metros não tinha muita importância para mim quando eu vigiava um objetivo. Estratégia era coisa de almirantes e políticos, não de soldados em ação.

O comandante do nosso teatro decidiu que deveríamos atacar a casa. Era um coronel dos Rangers do Exército, num rodízio de três meses, e enxergava ali uma oportunidade de matar ou capturar um alto comandante da al-Qaeda.

“Ele quer ticar o quadradinho ao lado de ‘matou um comandante da AQ’ para poder ser promovido a general”, brincou Scott. “Vão lá pegá-los, rapazes, certo?”

Naquela época, a ordem me aborreceu. Derrubar um comandante de alta patente utilizando uma unidade sob seu comando sempre produz grande efeito. Mas suspeito que o coronel dos Rangers era capaz de interpretar um padrão de movimento tão bem quanto nós, e só queria ter certeza de que não havia nenhum comandante da al-Qaeda na casa. Todos nós combatíamos o mesmo inimigo, e ele fazia o que achava que precisava ser feito. É extremamente difícil não se deixar levar pelo sentimento numa situação como aquela, sobretudo quando as pessoas não confiam em nós e os riscos são muito altos.

Quando fui amadurecendo ao longo da carreira, aprendi que comunicação era uma das coisas mais importantes que poderia oferecer a líderes e subordinados.

O comandante de nossa tropa fez o possível para explicar nossos problemas com a missão ao coronel do Exército, mas não funcionou. O comandante de tropa era nosso oficial de mais alta patente. Embora fosse importante para nossa unidade, ele provavelmente tinha acabado de sair do processo de treinamento. O chefe de tropa, por sua vez, estava com o comando havia mais tempo do que o oficial na própria Marinha. O chefe de tropa era o mais graduado Seal recrutado na tropa. Era mais ou menos como um chefão da Máfia. Sendo a experiência o que mais importa, os camaradas mais graduados é que chefiavam o comando.

Tanto o comandante de tropa como o chefe de tropa disseram ao coronel dos Rangers que tínhamos visto algumas casas parecidas com aquela em missões anteriores. As casas estavam aparelhadas para explodir quando chegássemos.

Por dividirmos o Afeganistão com os Rangers, o comandante encarregado do teatro fazia um rodízio a cada três meses entre um Seal e um oficial dos Rangers. Não era a solução perfeita porque, culturalmente, Seals e Rangers estavam em lados opostos do espectro, e assim um lado ou o outro estava sempre tentando se adaptar a um oficial comandante com um estilo muito diferente daquele ao qual as tropas estavam acostumadas. Todos tínhamos os mesmos objetivos, mas nosso jeito de executar as tarefas era muito diferente.

O Exército tem certas maneiras institucionalizadas de agir, assim como a Marinha. É fácil resumir a diferença: os Rangers pensam e planejam de cima para baixo, os Seals pensam e planejam de baixo para cima.

Tipicamente, quando planejamos um assalto, os líderes de equipe e chefes de tropa recrutados assumem a liderança. Somos treinados para pensar livremente, não como robôs. Os Rangers eram bem o oposto. O comandante dos Rangers diria: “Quero atacar o alvo hoje à noite”. Já um comandante dos Seals talvez dissesse: “Tudo bem, rapazes, o que vocês acham? Será que vale a pena atacar esse alvo hoje à noite?”.

Todos os meus companheiros de esquadrão estavam na comunidade dos Seals havia pelo menos cinco anos. Nossos camaradas eram mais velhos, muito mais experientes, e tínhamos desenvolvido um alto grau de confiança, para cima e para baixo na nossa cadeia de comando, durante anos de combate.

É claro que os Rangers também estavam cumprindo missões e aumentando sua experiência de combate, mas eram, tipicamente, muito mais jovens. A maioria tinha 25 anos, ou menos, em comparação com a média de idade da

equipe dos Seals, que era de 31.

A maior diferença era a confiança, que até aquela altura não tinha sido desenvolvida.

Minha equipe examinou o alvo e o misterioso sinal estacionário de telefone celular, e nada fazia sentido. Nosso instinto nos mandava continuar monitorando o alvo antes de executar um assalto. Não havia qualquer movimento significativo no alvo. Mas nada que dissemos encontrou eco no coronel dos Rangers. Ele parecia não confiar em nosso discernimento, apesar de acharmos que tínhamos feito por merecer confiança, e deu ordem para lançarmos e executarmos o assalto.

"Puta merda, outro zagueiro de gabinete nos dizendo o que fazer a quilômetros de distância", disse um dos líderes de equipe.

"Pelo menos não é questão de vida e morte", eu disse, com um sorriso forçado, ao sair da sala.

Naquele momento, a confiança que depositávamos no coronel dos Rangers acabou. Ele não ouvia o que tínhamos a dizer. Qualquer argumento lógico que apresentássemos, para aguardar e monitorar o alvo por mais tempo, era ignorado.

Reunimo-nos no centro de operações para repassar o plano mais uma vez. Geralmente, quando recebíamos uma missão, havia certa agitação. Dizíamos em tom de brincadeira que as missões eram como uma sentença numa prisão de segurança mínima, porque ficávamos presos num acampamento, comíamos a mesma porcaria de comida que os detentos comiam nos Estados Unidos e não podíamos deixar a base sem autorização. Qualquer oportunidade de sair da base era melhor do que ficar sentado no acampamento, ainda que significasse correr o risco de levar um tiro.

Quando entrei no centro de operações para as últimas instruções, era como se uma nuvem pairasse sobre aquela missão. Imaginei que, na melhor hipótese, aquilo não daria em nada ou seria perda de tempo. Na pior, seria uma armadilha e íamos cair numa emboscada.

"Tudo bem, rapazes", disse o chefe de tropa. "Vamos desembarcar no Y em vez de patrulhar a propriedade. Nossa esperança é que o barulho provoque certa comoção lá dentro e possamos ver algum sinal de vida."

"Desembarcar no Y" significava ir de helicóptero até um lugar perto do alvo, mas fora do alcance de lança-rojões. Em vez de aterrissarmos onde não nos ouvissem, e nos aproximarmos furtivamente, esperávamos que o barulho dos helicópteros assustasse as pessoas dentro da casa, obrigando-as a fugir.

É claro que, ainda que detectássemos movimento, isso não significava que as pessoas dentro do alvo não estivessem todas usando coletes suicidas. O plano não nos despertava muito entusiasmo, mas não tínhamos escolha.

“Este é o mundo em que vivemos, este é o nosso trabalho e vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para acertar, e para que ninguém seja ferido”, disse o chefe de tropa.

Ouvi um dos meus mentores Seals dizer que havia regras sobre tarefas desagradáveis. Ele disse que todos tinham o direito de manifestar seu descontentamento com uma missão ou seu trabalho durante cinco minutos. Depois daqueles cinco minutos era calar a boca e mãos à obra. Tivemos nossos cinco minutos antes de seguir para os helicópteros em dois ônibus pequenos.

Não tive tempo de pensar muito na decisão do comandante enquanto o ônibus sacolejava pela estrada de cascalho que levava à linha de voo. Na verdade eu não pensava no coronel dos Rangers. Não pensava no quanto estava puto com ele por nos obrigar a fazer aquilo e nos colocar numa posição difícil. Simplesmente tentava me concentrar em meu mundo de noventa centímetros. Minha função não era reclamar, minha função era desobstruir aquela propriedade seguindo as ordens que recebemos. Poderíamos falar mal da péssima decisão do coronel depois que sobrevivêssemos à missão; se nos distraíssemos com ela agora, poderíamos não sobreviver.

Sentei-me com minha submetralhadora HK MP7 no colo. A meu lado, levava um lança-granadas M79 reduzido. Nossos armeiros tinham cortado um pedaço dos canos, reduzido a corona a um cabo de pistola e instalado uma luneta para dar maior precisão. Eu sempre carregava o MP7, ou “arma de pirata”, quando levava o mais leve e menos letal M79. Se tivesse que travar combate com um inimigo a mais de 150 metros, teria que usar o M79.

Todo o meu equipamento consistia na camuflagem digital de deserto, ou, como a chamávamos, AOR1. Minhas tendências de transtorno obsessivo-compulsivo me faziam “coordenar cores” em tudo. Eu havia aprendido a lição com meu salto de paraquedas malsucedido anos antes. Ficara preocupado com o equipamento que não se ajustava direito e deixara de me concentrar no salto. Naquela noite, muitos anos depois, era como se meu equipamento fizesse parte de mim. Justo, limpo, simplificado.

Sentados na minha frente no helicóptero, os atiradores tinham escadas dobráveis a seus pés. As escadas permitiriam que subissem os muros que

cercavam a propriedade e oferecessem fogo de cobertura. Tudo arranjado. Estávamos prontos. Eu só esperava ouvir, quando aterrissássemos, relatos dos drones voando acima de nós dizendo que tinham visto uma movimentação qualquer no alvo.

Ouvi os motores gemerem quando começamos a aterrissar. A rampa já estava aberta enquanto esperávamos, ansiosamente, que o helicóptero parasse. Houve uma trepidação antes que isso acontecesse, quando as rodas tocaram no chão em meio a uma imensa nuvem de poeira. O chefe e o comandante de tropa escutavam o rádio com o drone circulando no alto.

"Movimento negativo", ouvi o chefe de tropa dizer no canal da equipe. "Repito, nenhum movimento no alvo."

"Ou os talibãs tinham adquirido muita disciplina ou não havia ninguém em casa", pensei, enquanto descia a rampa às pressas.

Minha cabeça latejava quando saí do helicóptero com meus companheiros. Eu estava pronto para a briga. Meio que esperava ouvir o conhecido matraquear de fogo de AK-47, ou o "uuushsh" de um lança-granadas-foguete. Quando atravessei a nuvem de poeira dos rotores do helicóptero, fiz uma pausa e esperei.

Formamos um grande "L" em volta da propriedade e ficamos escutando o barulho do helicóptero. Não havia nada além de silêncio depois que a última batida do rotor desapareceu. Ninguém correu. Não houve gritaria. Tudo que fazíamos era lento e metódico. Não havia pressa.

Por que correr para um duelo de fogo ou uma emboscada?

Havia um pouco de luar, mas pelos nossos óculos de visão noturna a área parecia uma verde paisagem lunar. Eu via os muros da propriedade a uns duzentos metros de distância. O chão estava sulcado, seco e poeirento. Parecia que nenhum agricultor trabalhara no campo ultimamente. Meus olhos seguiram o muro da propriedade até a esquina, e depois a linha do mato. Com frequência achávamos combatentes entre as árvores, mas nenhum dos drones localizou ninguém, fosse antes de chegarmos ou depois que os helicópteros partiram. Eu meio que esperava encontrar os combatentes escondidos num lugar qualquer do lado de fora, aguardando para nos emboscar quando atacássemos a casa. Se aquele era mesmo um alvo legítimo, os guarda-costas do comandante da al-Qaeda estariam definitivamente por perto.

Em cima de nós, os drones ainda não viam movimento algum. A única atividade eram duas fontes de calor — pessoas, provavelmente homens — num telhado a mais de quinhentos metros de distância. Os homens poderiam

ser apenas agricultores inocentes, despertados pelo barulho dos helicópteros, ou observadores para uma possível emboscada.

Vi quando nossos atiradores rastejaram através do campo rumo aos muros da propriedade. Ao chegar ao pé do muro, estenderam as escadas e subiram para suas posições de vigilância. Dali, podiam ver do outro lado e nos dar cobertura enquanto nos aproximávamos.

Mantivemos nossa posição até que, um por um, todos os atiradores checassem pelo rádio. Todos diziam a mesma coisa: “Movimento negativo na propriedade”.

“Atiradores, entendido”, ouvi o chefe de tropa dizer pelo rádio. “Elemento de assalto, começar assalto.”

Eu era parte da equipe de assalto e estava quase na frente da formação. Vi Scott diante de mim. Lentamente, comecei a me mover na direção da propriedade. Escolhi meu caminho pela terra solta e pelas imensas pedras.

“Nenhum movimento ainda”, disse o chefe de tropa, repassando informações dos drones e atiradores.

Junto ao muro, segui meus companheiros de equipe para a frente da propriedade. Scott foi o primeiro a chegar ao portão. Ao me aproximar dele, vi que o portão tinha sido deixado entreaberto, o suficiente para nos tentar. Àquela altura, só faltava mesmo o tapete de “Seja bem-vindo” estendido no chão para limparmos os pés.

Scott fez uma busca perto do portão à procura de armadilhas. Deu uma rápida olhada no pátio para ter certeza de que não havia ninguém esperando e então, lentamente, abriu um pouco mais o portão, sempre vasculhando o pátio.

Não havia razão para conversa, menos ainda para algum tipo maluco de sinal de comando com a mão e o braço. Trabalhávamos juntos havia tanto tempo que sabíamos que Scott estava preparando sua mágica e, quando estivesse pronto, nos diria. Finalmente, fez um aceno para que avançássemos, e então entramos na propriedade, atravessando suavemente o batente.

Passei por ele e entrei no pátio. Depois do portão, à esquerda, havia duas portas que conduziam a uma pequena casa principal de um andar. À esquerda, no outro canto, ficava um cercado para animais. Estava vazio.

Atravessei o pátio e segui meus companheiros em direção à casa. À minha frente, um companheiro empurrou a porta de madeira da primeira sala. Vi a luz que jorrava do quarto quando segui para a segunda porta.

“Se estão de luz acesa é bom sinal”, pensei. Tipicamente, isso queria dizer

que havia alguém em casa. Não são muitas casas no Afeganistão que têm eletricidade, menos ainda o suficiente para que as luzes fiquem acesas quando não há ninguém por perto.

Parei junto à segunda porta e esperei um beliscão de um dos meus companheiros de equipe confirmando que estava atrás de mim.

“Tome”, sussurrou ele, apertando meu ombro.

Com a mão esquerda, abri lentamente a porta de madeira. Estava agarrada em suas velhas dobradiças e emitiu um rangido forte quando a abri. A casa cheirava a pó, e não à costumeira mistura afegã de esterco animal e óleo de cozinha. A sala estava completamente escura.

Antes de entrar tentei detectar algum movimento. A sala estava vazia. A maioria das casas afegãs contém trastes espalhados por toda parte. Há sempre objetos — cobertores, caixas com peças enferrujadas, latas de óleo de cozinha vazias — em qualquer cômodo em que se entre. Aquela sala estava completamente vazia, a não ser por um pedaço de papelão no meio do piso.

De início não tive certeza de que era papelão. Era difícil identificar através dos óculos de visão noturna. Só parecia fora de lugar, especialmente levando em conta que era um pedaço de papelão novo. É raríssimo ver qualquer coisa nova no Afeganistão; por isso, encontrar o que parecia ser um pedaço de papelão muito novo e limpo numa sala vazia era um tremendo sinal vermelho.

“Esperem um pouco”, sussurrei para os companheiros atrás de mim.

Abaixei-me e levantei uma borda. O papelão cobria uma espécie de buraco. Vi as bordas quando levantei um pouco mais o papelão. Era difícil enxergar dentro do buraco. Uma fina aleta atraiu meu olhar, e eu a segui até o corpo gordo de uma bomba.

A bomba era cinzenta, com advertências e marcações americanas. O buraco era fundo o suficiente para que as aletas na parte de trás da bomba ficassem niveladas com o chão. Soltei o papelão e me afastei do buraco.

Antes de poder falar qualquer coisa, ou sequer alertar meus companheiros, ouvi alguém começar a gritar lá fora no pátio principal.

Eu estava a milésimos de segundos de gritar eu mesmo, depois de ter encontrado a bomba. Pelo que entendi, ela estava preparada para ser acionada por controle remoto.

Descobri depois que meus companheiros na primeira sala com a luz acesa tinham entrado noutro quarto vazio. Uma única lâmpada pendia do teto. Diretamente embaixo da luz havia um tapete no chão. No centro do tapete

havia dois lança-granadas-foguete dispostos em “x”.

Mais ou menos no momento em que descobri a bomba, eles encontraram os lança-granadas-foguete.

Havíamos caído numa armadilha.

Atrás de mim vi meus companheiros correrem para o portão principal da propriedade. Nós, que tínhamos entrado lenta e silenciosamente, saíamos em atitude oposta.

Scott ainda estava no portão quando cheguei. Ficara ali para cuidar da segurança quando viu um par de fios ligando o portão ao solo. O portão estava preparado para explodir se fosse aberto completamente. Fiquei feliz por ele só ter aberto até onde era necessário. O portão confirmou o que já sabíamos.

O telefone.

Os foguetes.

O portão.

A propriedade era uma bomba colossal preparada para explodir quando chegássemos.

Scott começou a chamada quando viu os fios presos à parte de trás do portão. Não queria abandoná-lo porque alguém poderia, inadvertidamente, acionar a bomba. Enquanto cada assaltante saía depressa da propriedade, ele controlava o portão com o maior cuidado, para mantê-lo na posição mais segura possível.

Esgueirei-me cautelosamente pelo portão aberto e saí disparado para o campo. Acho que nunca corri tão rápido na vida. Era a velocidade do medo. Cheguei ao ponto onde tínhamos saltado do helicóptero e fiz uma pausa perto de uma valeta. Minha boca estava completamente seca, e tomei um trago do meu CamelBak, enxaguando a boca e cuspindo a água no chão. Scott ficou dirigindo o tráfego até que todos deixaram a propriedade. Foi o último a passar cuidadosamente pelo portão e sair correndo da propriedade.

“Preciso fazer uma contagem”, disse o chefe de tropa, percorrendo a fila.

Eu era parte da equipe Alfa. Vi meu líder de equipe andando de um lado para o outro num esforço para identificar cada membro da equipe. Pelos óculos de visão noturna, éramos todos parecidos, por isso fui até lá ajudá-lo. Ele me fez sinal de que estava tudo bem e foi para junto do chefe de tropa.

“Alfa está pronta”, disse meu líder de equipe.

Apresentei-me ao líder de equipe e voltei para meu lugar na valeta rasa. O rádio ressuscitou e consegui ouvir o bate-papo entre o comandante e o chefe

de tropa, que começaram a tomar providências para a aprovação de ataques aéreos com nosso controlador de ataque terminal conjunto (JTAC).

Acima de nós, dois caças de ataque A-10 voavam em círculo. Ouvi o distante estrépito de seus motores enquanto eles se alinhavam para bombardear. O JTAC os orientava, dando aos pilotos a localização da propriedade e pontos de referência, para se certificar de que as bombas atingiriam o alvo desejado.

Só nos restava explodir as bombas do lugar. Desativá-las seria perigoso demais. A casa estava deserta, e não haveria danos colaterais. As outras casas ficavam longe, o que significava que mulheres, crianças e outras pessoas inocentes na área estariam a salvo.

"Distância das bombas, dez segundos", ouvi nosso JTAC informar pelo rádio.

Repassamos o aviso. Enquanto nos enterrávamos o máximo possível na valeta, eu ainda não conseguia pensar direito que tínhamos escapado por um triz. Meu pensamento naquele momento se limitava a esperar que o coronel dos Rangers tivesse aprendido uma lição.

"Cinco segundos."

Deitados de barriga, tentávamos ficar tão encolhidos quanto possível, porque ainda estávamos relativamente perto do alvo. O inconfundível guincho do motor do A-10 aumentou de intensidade. Mesmo com o capacete na cabeça e o rosto enfiado na valeta, vi o céu escuro como breu iluminar-se quando a propriedade explodiu numa gigantesca bola de fogo. Segundos depois, a explosão de duas bombas de duzentas libras guiada por laser ecoou pelo vale. Atrás de mim, os A-10 se inclinaram e ganharam altura, enquanto o estrondo diminuía.

Eu começava a me levantar da minha posição de cobertura quando outra bola de fogo cresceu como um cogumelo, consumindo o que sobrara dos muros da propriedade. A bomba preparada para nos matar tinha explodido, espalhando detritos em arco no meio do terreno. Nacos de lama e rocha caíam com uma "pancada" na terra à nossa volta. Deslizei de volta para dentro da valeta, tentando manter a cabeça baixa. Senti alguma coisa cutucar minha coxa e mudei de posição. De início achei que tivesse rolado em cima de uma urze, ou de um espinho, mas alguma coisa continuava espetada em minha perna. Afastei-me um pouco da minha posição para ver se encontrava urzes na valeta, mas só havia terra. Esfreguei o lugar cutucado e senti de novo.

Enfiei a mão enluvada no bolso e tirei um fragmento de estilhaço. Não era maior do que uma moeda de dez centavos. Em forma de adaga, tinha uma

borda irregular, que me perfurava a perna. O metal estava tão quente que derreteu os plugues de orelha que eu sempre levava no bolso esquerdo. Girei o fragmento de estilhaço entre os dedos quando esfriou. Não fazia ideia de como aquilo fora parar no meu bolso, mas o fato é que tivera uma sorte danada, porque podia ser maior e estar girando mais rápido quando me atingiu.

"Que merda, hein", ouvi um companheiro de equipe dizer quando começamos a caminhada de volta para a área de aterrissagem. "Eu adoraria estar presente quando o comandante de tropa disser para o coronel: 'Bem que eu avisei'."

Eu me sentia do mesmo jeito. Estávamos todos furiosos. O coronel dos Rangers deveria ter confiado em nosso discernimento. O certo teria sido retardar a ação por um dia para obter mais informações de inteligência. Sabíamos que o sinal de telefone do alvo estava ligado, mas estacionário. Por que tanta pressa para atacar a propriedade? Dávamos a isso o nome de "paciência tática", coisa de que o coronel dos Rangers carecia muito.

A volta de helicóptero foi longa. Vi que meus companheiros de equipe ferviam de raiva nos bancos perto de mim. Fazia barulho demais para falarmos, mas nossa linguagem corporal traía nossa raiva. Ninguém gostara da missão desde o início. Manifestáramos nossas preocupações, mas elas caíram em ouvidos moucos. O oficial que ordenara o assalto tinha provavelmente assistido a tudo de sua escrivaninha, numa base a centenas de quilômetros de distância, enquanto nós arriscávamos o pescoço.

Aprendi vezes sem conta com os Seals que a confiança é a base de qualquer relação. Nossos comandantes precisavam confiar em nossa capacidade de executar a missão, mas por outro lado deviam confiar em nós quando víamos que alguma coisa estava errada. Tem que ser uma relação de mão dupla, ou não funciona. Eu sabia, ao deixar a rampa do helicóptero, que jamais voltaria a confiar numa ordem daquele coronel dos Rangers.

Depois da missão, analisamos longamente as preocupações que tínhamos manifestado antes. O comandante dos Rangers, é claro, não estava presente. Tinha voltado para o seu quartel em Bagram. Uma das lições mais difíceis que aprendi nos meus primeiros anos de Seal foi não me exaltar, ainda que soubéssemos que tínhamos razão. Durante a Revisão Pós-Ação, lembro-me de ter dito várias vezes a mim mesmo para me acalmar, enquanto examinávamos todos os aspectos do planejamento e da ação no alvo.

Enquanto falávamos, eu girava o fragmento de estilhaço entre os dedos.

Era um lembrete de algo mais do que a sorte que tive. Era um lembrete de que poderíamos facilmente ter sido mortos porque um inexperiente coronel do Exército não quis dar ouvidos aos especialistas no assunto sob seu comando.

"E então, que porra vamos fazer a respeito disso?", um dos companheiros de equipe deixou escapar durante a Revisão Pós-Ação.

"É sério, ele poderia ter matado a gente", disse outro.

Finalmente nosso chefe de tropa falou.

"Tudo bem, rapazes, estamos muito agitados agora", disse. "Estamos todos exaltados, e não poderia ser diferente. Mas vamos juntar todas as lições aprendidas nesse caso e refletir sobre elas por um ou dois dias."

O chefe de tropa estava certo. Não havia razão para irmos correndo até o coronel dos Rangers resmungar e reclamar porque ele quase nos matara. A exaltação serviria apenas para minar uma mensagem que seria mais efetiva quando nos acalmássemos. É improvável que ele fosse muito receptivo se voltássemos para nos queixar de forma pouco profissional.

Dias depois, nosso comandante de tropa teve o prazer de falar com o coronel dos Rangers e explicar, da forma mais minuciosa, polida e calma possível, por que sua decisão de assaltar aquele objetivo fora mal inspirada. Tendo esperado, e deixado a emoção esfriar, o comandante foi capaz de passar seu recado. Se não deu em nada, pelo menos demonstrou ao coronel que ele sempre poderia contar com nossa honesta avaliação de uma missão, e que era bom negócio confiar em nossa capacidade de avaliar um alvo com precisão. Essa conversa deu ao nosso líder de tropa a oportunidade de começar a estabelecer uma relação de confiança com o coronel. É claro que continuávamos agitados e chateados, mas esse não era o primeiro rodeio de nosso líder. Lembro-me de ter ficado impressionado com a serenidade da reação de meu chefe e meu comandante de tropa. Eles já sabiam que um ataque de nervos não ajudaria ninguém. Mas seu comportamento calmo, sua avaliação honesta e sua clareza de comunicação foram essenciais para criar um clima de confiança. Outra coisa que me impressionou foi vê-los tratarem o coronel do mesmo jeito que tratavam o Seal mais novo da tropa. Esforcei-me para adquirir essa habilidade durante toda a minha carreira, ou pelo menos para não ficar muito exaltado.

Confiança é uma dessas coisas complicadas que patente e título não compram. Tem de ser desenvolvida por tentativa e erro, experiência compartilhada e comunicação constante. O coronel dos Rangers perdeu

minha confiança durante aquela missão, e se a quisesse de volta teria que conquistá-la, definitivamente. Esperávamos que, com a resposta e a avaliação de nossos líderes, ele confiasse em nossa tropa da próxima vez que tivéssemos dúvidas sobre uma operação. É claro que minha confiança em Scott e em todos meus companheiros de equipe só aumentou.

7. Revisão Pós-Ação

Comunicação

Sufoquei um longo bocejo enquanto voltava para nosso quarto e tirava o equipamento, ensopado de suor e poeira. Estava cansado depois da adrenalina do combate, e sentia a dor de ter perdido nosso alvo.

Reunimo-nos na sala de instruções perto do nosso centro de operações no leste do Afeganistão. Era o verão de 2010. O calor oprimia, exigindo que carregássemos uma quantidade extra de água em todas as missões. O bom era que eu bebia quase tudo, e quando a missão terminava o fardo estava bem mais leve.

Eu conseguia vislumbrar o sol despontando no alto das montanhas. Tinha sido uma noite longa, e eu sabia que a Revisão Pós-Ação, que para encurtar chamamos de AAR, seria difícil.

Tínhamos seguido os passos de um comandante talibã ao norte de Khost. O vale era um dos diversos refúgios onde eles escondiam armas e explosivos. Começamos a segui-lo via ISR, os veículos aéreos não tripulados conhecidos como drones e responsáveis por missões de Inteligência, Observação e Reconhecimento. Quando eles finalmente pararam de mudar de uma aldeia para outra e se estabeleceram num complexo de edifícios no fim do vale, nós atacamos.

Mas depois de aterrissarmos fora do alcance dos lança-granadas-foguete do complexo, recebemos várias informações sobre fugitivos escapando do alvo. Empreendemos uma perseguição durante horas, mas o alvo escapou. De volta à base, eu sabia que haveria muitas perguntas diretas sobre que porra tinha acontecido, por que o inimigo escapara. Queríamos fazer nosso trabalho da forma mais limpa e perfeita possível, mas as regras de engajamento nos impediram de agir, e deixamos nosso alvo escapar. Uma coisa era chegar a um lugar e descobrir que não havia nada, mas dessa vez sabíamos que o sujeito estava lá e não conseguimos matá-lo nem capturá-lo. Não arriscamos a vida para fracassar.

Francamente, depois de uma longa missão, quando estamos exaustos, frustrados e furiosos com o fracasso, sentar para conversar a respeito é o que menos temos vontade de fazer. Mas eu vira a AAR funcionar durante toda a minha carreira e sabia que era parte vital da nossa cultura.

A AAR é um jeito de corrigir erros. Era hora de fazer perguntas e ter certeza de que estávamos trabalhando direito. O clima nas AARs pode se tornar exaltado, frustrante, prolixo, até mesmo chato, mas, seja lá qual for a opinião das pessoas a respeito delas, o fato é que são absolutamente essenciais.

Eu achava que tínhamos tomado a melhor decisão possível, levando em conta a situação e as regras de engajamento. Todos concordávamos que desembarcar no "Y" para essa operação foi a decisão correta, mas obviamente tinha dado errado. Por mais que nossos egos fossem maltratados, era importante investigar cada possível explicação para o fracasso da operação. Precisávamos corrigir o erro, e as AARs mais importantes são justamente as mais difíceis. Imaginem se as forças armadas não tivessem feito uma AAR depois da Operação Garra de Águia, a fracassada operação para libertar os reféns americanos no Irã em 1980?

A investigação que veio depois daquela operação fracassada revelou falhas no planejamento de missões militares, desde a falta de coesão entre as forças armadas até a necessidade de melhores equipamentos. Foi especificamente por causa daquele fracasso que [redacted] se tornou o êxito que é hoje.

A AAR é onde lições são assimiladas e políticas alteradas ou descartadas, tudo com vistas a melhorar a equipe. Esse tipo de diálogo garante aceitação do topo à base da cadeia de comando. O fundamental é reunir na sala o maior número possível de participantes. A AAR só funciona se todos deixarem o ego de lado e se dispuserem a ouvir uma crítica honesta.

A caminho da reunião, deparei com meu camarada Walt. Baixo, ele mal chegava à altura do meu ombro, mas sua atitude, arrogante com um ar de superioridade, compensava esse déficit. Ele tinha uma saudável dose da síndrome do homenzinho e uma quantidade desmesurada de pelos no corpo. Era um dos meus melhores amigos, e sempre honesto e direto quando se tratava de manifestar sua opinião.

Walt estava coberto de lama da cabeça aos pés. A lama era tão grossa que seria impossível passar um pente na sua barba. Sorri ao vê-lo. Ele se limitou a sacudir a cabeça, permitindo que um sorriso forçado enrugasse seus lábios. Consegui discernir seus dentes brancos através do monte de pelos emaranhados debaixo do queixo.

"Não diga porra nenhuma", disse ele. "Foi uma merda. Precisamos descobrir um jeito de sair desta. Não podemos continuar voando e dando de bandeja nossa posição. Especialmente se não nos deixarem soltar bombas."

Os comandantes talibãs devem ter ouvido a turbulência dos rotores ecoar

pelas paredes do vale poucos minutos antes de aterrissarmos. Foi como um sistema de alerta precoce. Ao ouvir os helicópteros, eles fugiram.

Walt e seus companheiros de equipe tinham tentado capturar os combatentes que saíram correndo dos edifícios, mas os perderam de vista nas montanhas. A caminho da reunião de instruções, todo mundo parecia abatido, furioso e frustrado. Não havia dois Seals com a mesma aparência na sala. Cada um de nós usava uma farda diferente, incompatível, alguns operadores traziam barbas crescidas, outros tinham cabelos longos. Todos bebemos alguma coisa — café, água, energético. Ia ser uma longa conversa.

Walt e eu nos sentamos em duas cadeiras. Um dos companheiros de equipe de Walt, que usava camiseta preta do Van Halen em vez da camisa de camuflagem, juntou-se a nós. O logo do Van Halen estava brilhante e limpo porque ficara debaixo do colete à prova de balas. Como Walt, tudo o mais nele estava coberto de lama.

"Você fica bem assim", eu disse, sorrindo.

Ele não devolveu o sorriso.

Nenhum de nós queria arriscar a vida para fracassar. Se era para fazer nosso trabalho, precisávamos encontrar uma maneira de agir dentro das regras de engajamento, porque os talibãs também conheciam as regras, e as usavam contra nós. Sabiam que se depusessem as armas e corressem, não poderíamos atirar. Sabiam que se se misturassem à população civil poderiam desaparecer. Se fosse apenas uma questão de jogar bombas, ou atirar contra sujeitos que sabíamos ser maus, a guerra teria sido muito mais fácil. Dito isso, não éramos desse tipo, e nenhum de nós ia atirar contra pessoas desarmadas. Além disso, se saíssemos da linha, ainda que remotamente, uns trinta advogados, ou pelo menos assim nos parecia, todos trabalhando para oficiais acima na cadeia de comando, viriam nos dizer.

Porra, na minha última missão mal nos deixavam entrar numa estrutura ou prédio no Afeganistão sem prévia aprovação dos chefões. Travar uma guerra assim era quase impossível.

Walt e eu estávamos entre os últimos a chegar para a AAR. Antes de começar a reunião, tirei um minuto para me concentrar e acalmar. Deixei a frustração de ver os combatentes escaparem se esvair. Não há lugar para emoção numa AAR. Ela atrapalha a boa comunicação. Respirei fundo duas vezes e afastei da mente os pensamentos sobre o fracasso. Aprendera a compartimentalizar as coisas e sabia que ia precisar de uma cabeça lúcida nessa conversa.

Colado do lado da tenda havia um pedaço de papel, do tamanho de um

pôster, com os tópicos a serem examinados na AAR.

Planejamento da Missão
Infiltração
Ações no Alvo
QT (Questionamento Tático)
Retirada
Coms (Comunicações)
Inteligência
QG

Cada um de nós falou de seu papel na missão. Como líder de equipe, eu começaria falando por minha equipe, e meus camaradas entrariam na conversa se tivessem alguma coisa a acrescentar. Todos não só tinham liberdade de falar, como eram incentivados a fazê-lo.

O chefe de tropa deu início à sessão falando sobre o planejamento. Desse ponto em diante, discutimos cada parte da operação, a partir da infiltração. Chegamos em dois helicópteros CH-47 usando a estratégia de infiltração chamada "voar para o Y".

Voar para o Y não tinha sido diferente das missões anteriores. Conversas sobre fugitivos explodiram no rádio assim que começamos a aterrissagem. Eu estava logo atrás do meu batedor quando descemos a rampa correndo e nos separamos para o flanco direito da nossa formação, a fim de conseguir um bom ângulo dos edifícios.

Pelo rádio, ouvi Steve, o líder de equipe de Walt, confirmar o recebimento da mensagem para dar caça aos combatentes. Eles seguiram o balizador a laser do drone além dos edifícios até os morros. Esperei a ordem para começar o assalto ao complexo de edifícios. Equipes individuais começaram imediatamente a sair de formação para assumir posições de flanco e fornecer uma base de fogo.

"O.k.", disse o chefe de tropa pelo rádio. "Vamos tomá-lo."

Partimos rumo ao alvo. Vi outras equipes e comandos afegãos desaparecerem num emaranhado de prédios. Minha equipe cercou um edifício e parou. Instalamo-nos à porta e tentamos o trinco. Estava destrancada. O batedor empurrou e abriu.

Do lado de fora, vi alguns comandos afegãos montando guarda para algumas mulheres e crianças. Pelo rádio, Steve ainda corria atrás dos combatentes em fuga. Vi o laser do drone acompanhar os combatentes morro acima. Bem atrás deles iam Steve e sua equipe. Vi piscarem os estroboscópios infravermelhos de seus capacetes. Eles descreviam um zigue-zague pela encosta enquanto tentavam alcançá-los.

“Não estou gostando nada disso”, disse a um companheiro de equipe que os observava comigo. “Parece muito ruim. Espero que consigam pegá-los.”

Pelo rádio, Steve pedia apoio aéreo mais intenso. Queria que o helicóptero armado AC-130 abrisse fogo, mas não conseguiu autorização. Finalmente, depois de mais de uma hora perseguindo os combatentes na encosta da montanha, e cada vez mais dentro de território desconhecido, o comandante e o chefe de tropa interromperam a missão. Não fazia sentido continuar a perseguir os combatentes, sobretudo quando nossa equipe não chegava mais perto deles, nem conseguia autorização para lançar bombas.

O comandante de tropa pediu retirada e o primeiro helicóptero pousou perto do complexo de edifícios. Subimos a rampa e nos jogamos nos assentos dobráveis. Segundos depois, senti o helicóptero decolar e tomar a direção da base.

O outro helicóptero seguiu para o ponto onde se achava a equipe de Steve, incluindo Walt. Eles estavam longe demais para voltar andando, e não tínhamos tempo para esperar sentados enquanto desciam a montanha. Não se tratava de colinas suaves. Estávamos falando de montanhas com picos nevados no inverno. Uma retirada de helicóptero no lugar onde Steve se encontrava não ia ser fácil.

Steve e sua equipe precisaram de ajuda na montanha o tempo todo, enquanto aguardavam a chegada do helicóptero. O CH-47 de dois rotores não poderia pousar, por isso o piloto do 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais voou até depois do penhasco, pairou no ar e lentamente recuou para a encosta aberta na borda das rochas. Os rotores giravam a poucos metros da face da rocha. Os pilotos do 160º são os melhores do mundo. Só eles conseguiriam executar aquele tipo de retirada. A equipe de Steve ficou olhando os pilotos recuarem o helicóptero do tamanho de um ônibus de volta para a face do penhasco. A corrente de ar provocada pelas hélices espalhava detritos e cobria os Seals de pedras e lama.

Os pilotos manobraram a rampa do helicóptero até alguns centímetros do penhasco. Um a um, Steve e sua equipe saltaram das pedras para a rampa.

“Cara, vocês ainda estariam descendo aquela montanha se os pilotos não conseguissem executar essa retirada”, disse eu a Walt, quando ele descrevia o pulo para alcançar a rampa.

“Fomos atingidos por pedras durante pelo menos cinco minutos”, disse Walt. “Não sei o que era pior, se a caminhada de volta descendo a montanha ou as vergastadas que recebi no corpo todo.”

“Talvez a camisa do Van Halen tenha trazido má sorte”, disse outro Seal.

“É, Walt, talvez o peso da barba suja de lama tenha retardado você”, falei.

Achávamos graça porque não fomos nós que tivemos de subir a montanha. Demos umas boas risadas à custa de Steve e sua equipe, mas eles não estavam gostando da brincadeira. Haviam dado tudo de si para pegar os combatentes, e ficaram desapontados quando os ataques aéreos não foram autorizados.

“Por que fizemos isto?”, Walt finalmente perguntou. “Estas táticas não estão funcionando. Não acredito que eu tenha me esforçado tanto na encosta de uma montanha para no fim sequer pegarmos o sujeito.”

Finalmente, Steve interrompeu para falar sobre o fato de não ter conseguido autorização para usar o AC-130.

“De que adianta terem Espectro na mira se não podem atirar?”, disse Steve. “Alguma dúvida de que esses babacas eram maus?”

Steve já tinha a resposta.

Não havia dúvida de que os fugitivos eram maus. Mas, pelas regras de engajamento, precisávamos ver as armas. E enquanto os drones acompanhavam os combatentes, não ficou claro se estavam armados. Eu não tinha dúvida. Nem meus companheiros de equipe. Mas não éramos nós que dávamos autorização.

“Esses caras escaparam por causa da maneira como planejamos o alvo”, disse Steve finalmente. “Nossos rapazes foram castigados e aqueles dois idiotas deveriam ter sido capturados ou abatidos a tiros.”

Os talibãs aprenderam com a luta dos mujahedin contra os soviéticos. Eles escolhiam como esconderijo áreas difíceis de alcançar exceto por helicóptero. Com frequência não nos restava outra opção além de voar para o Y.

“Rapazes, tomamos a decisão de desembarcar no Y por causa do terreno em volta do alvo”, disse o chefe de tropa. “Sabíamos que havia o risco de o inimigo se apavorar e dar no pé.”

Estava ficando cada vez mais difícil justificar o desembarque no Y, porque tão logo nos ouviam chegando, o que acontecia minutos antes do pouso propriamente dito, os combatentes começavam a fugir. Nossa estratégia só funcionava quando conseguíamos conter a movimentação do alvo e bloquear todas as rotas de fuga. Se você não conta com uma equipe em solo à frente dos helicópteros, então pode desistir. Vai passar a noite toda perseguindo fugitivos.

Nós preferíamos patrulhar os alvos. Isso nos permitia manter o elemento

surpresa e preparar o terreno a fim de evitar que os combatentes fugissem quando o tiroteio começasse. Olhei para o líder da equipe de reconhecimento, responsável por planejar as rotas e posicionar os atiradores de elite.

“As rotas que levam àquele vale em particular são muito limitadas, e a patrulha teria sido um inferno, isso se conseguíssemos manter o cronograma”, disse ele.

Subir o vale e cruzar o pico das montanhas teria levado seis horas. A equipe de reconhecimento não estava segura de que conseguiríamos manter o cronograma. Sobretudo com o número de assaltantes que precisávamos deslocar até o alvo. Tínhamos que levar os comandos afegãos, nossa força aliada e dois membros da unidade convencional do Exército responsável pelo vale.

Ninguém tinha a menor dúvida de que nem os comandos afegãos nem os soldados do Exército seriam capazes de realizar a patrulha. Muito menos no curto prazo de tempo que tínhamos para atingir o alvo.

A cada ano, desde o começo da guerra, as regras de engajamento mudavam para se adaptar às correntes políticas. No momento desta missão em especial, a parceria com os afegãos era a ordem do dia. Uma missão antes reservada às Forças Especiais agora era distribuída entre várias unidades, de paraquedistas a equipes regulares de Seals. Éramos obrigados a trazer comandos afegãos que não falavam inglês e não durariam nem dois minutos na primeira fase do BUD/S. Em teoria, os comandos locais eram a resposta do país a nossas unidades contraterroristas. Na verdade, porém, eram apenas ligeiramente melhores que os soldados afegãos comuns.

Também éramos obrigados a trazer um bando de retardatários ou facilitadores, como os “donos do espaço de batalha” (BSOs), para testemunhar as operações. Esse grupo era formado por soldados americanos estacionados perto do alvo. Se os moradores mais velhos de uma aldeia fossem até a base mais próxima nos acusar de matar fazendeiros inocentes, os caras do Exército poderiam assegurar ter testemunhado toda a ação e acalmar os ânimos.

Assim, realizar coisas simples tornava-se cada vez mais complicado. Em várias ocasiões, devido à restrição de peso nos helicópteros, deixávamos de levar Seals apenas para disponibilizar espaço para comandos afegãos ou BSOs convencionais do Exército.

“Esses BSOs e comandos afegãos não são nada úteis”, falei. “Existe algum jeito de falar com os chefões e explicar a eles como isso limita nossas missões?”

O chefe de tropa quase riu.

“Você já está aqui há tempo suficiente para saber que não temos escolha quanto a isso”, disse. “Essas foram as cartas que recebemos, e é com elas que devemos jogar.”

Balancei a cabeça e tomei um gole de café. Eu já sabia a resposta, mas me sentia bem por ter dito aquilo. Ao levantar a questão, a equipe poderia ao menos discuti-la ou entender por que os Seals estavam sendo descartados.

A Revisão Pós-Ação estava agitada. Se tentássemos realizar a patrulha com todo o nosso pessoal, sabíamos que não daria certo. Se usássemos helicópteros e desembarcássemos no Y, os inimigos teriam tempo de fugir. Por fim, o chefe de tropa assumiu o controle e nos pôs de volta aos trilhos. A culpa não era de ninguém além de nós mesmos. Ninguém havia ordenado que desembarcássemos no Y. O que mais nos irritava eram as restrições das regras de engajamento e o fato de nosso alvo ter escapado. À medida que a reunião prosseguia, as pessoas começavam a falar cada vez mais alto e de modo mais enérgico. Não demorou muito para que o caos se instalasse e a AAR fosse tomada mais pelas emoções dos presentes do que por fatos sólidos e novas ideias.

“Olha, pessoal, nós temos regras”, disse o chefe de tropa. “Não fomos nós que as escrevemos, mas temos que segui-las. A questão aqui é que já discutimos tudo que deu certo e tudo que deu errado. Aprendemos algumas lições e não voltaremos a cometer o mesmo erro.”

Olhei à minha volta e vi alguns homens balançando a cabeça. Eu também concordava. Não podíamos voltar no tempo para consertar as coisas.

“A questão central é que temos de achar um jeito melhor de atingir esses complexos”, continuou o chefe de tropa. “Esses caras sabiam o que estavam fazendo. Correram quando ouviram os helicópteros. Precisamos refletir um minuto sobre isso. Parem de apontar o dedo para o colega ou para as regras de engajamento e tratem de se concentrar no quadro global. Tomamos uma decisão equivocada. Vamos descobrir um jeito melhor da próxima vez.”

A Revisão Pós-Ação escancarou os problemas e nos forçou a pensar fora da caixa e a nos comunicar. Ainda precisávamos encontrar uma maneira de realizar uma infiltração com todas aquelas pessoas que éramos obrigados a levar durante as missões.

No final, a AAR dissipou os conflitos internos. Todos tiveram a chance de falar e exprimir suas preocupações. Tivemos a oportunidade de discutir abertamente. Frustrações foram expressas naquela sala — e apenas ali,

espero. Ninguém carregou mágoas posteriormente, pois sabíamos que aquele era o local e o momento para que nossas vozes fossem ouvidas. Tudo que precisávamos para corrigir os pequenos e grandes problemas era a oportunidade de falar sem rodeios, sem hierarquia, com total liberdade e honestidade.

Lembro-me de uma Revisão Pós-Ação particularmente desconfortável e muito pessoal depois que me tornei líder de equipe. Eu estava no Afeganistão, e foi pouco depois de Phil ser atingido na perna. Estávamos no meio de uma missão, portanto eu não esperava assumir as responsabilidades de líder de equipe até a missão seguinte. Ainda estava me acostumando às responsabilidades extras. E, sendo um líder de equipe novato, não queria cometer nenhum erro. Sabia que meu chefe de tropa estava me observando de perto. Felizmente, minha equipe de oito homens era mais talentosa do que eu e tornou toda a experiência muito mais fácil para mim.

O alvo, como de praxe, era um comandante ou facilitador talibã. Nós o seguimos até um esconderijo em uma aldeia perto da fronteira com o Paquistão. Depois de invadir o local e capturá-lo, nosso chefe de tropa tomou a frente no processo de extração.

Todos tínhamos o kit padrão — armas, óculos de visão noturna, armadura corporal —, além de equipamentos como escadas e marretas para arrombar portas. Todos os membros da equipe levavam itens extras. Eu carregava na mochila um conjunto de alicates. Perdi a conta de quantas vezes alguém os utilizou e deixou de lado em vez de devolvê-los a mim. Isso acontecia com todos os equipamentos extras que levávamos durante as missões. Quando chegava a hora de abandonar o alvo, eu nunca tinha todo o equipamento que havia trazido.

Estávamos nos preparando para partir. Era uma noite escura como breu, e eu queria ter certeza de que todos tinham pegado suas coisas. Estávamos entrando em formação para fazer a patrulha de volta até a zona de desembarque e entrei na rede de rádio monitorada pela minha equipe e chamei Jake através do sinal Alfa 8.

Jake era o responsável pela escada, e eu queria me certificar de que não a esquecesse. Porém, utilizei uma frequência que todos podiam ouvir:

“Alfa 8, aqui é Alfa 1”, disse.

“Alfa 1, aqui é Alfa 8, prossiga”, disse ele.

“Pegou sua escada?”, perguntei.

“Entendido”, disse ele quase imediatamente.

Em seguida, chequei duas vezes a contagem da equipe e então chamei o chefe de tropa:

“Eco 12, Alfa 1. Alfa está pronta para a extração.”

Rapidamente, cada líder de equipe fez o mesmo, mas nenhum chegou a perguntar a seus comandados sobre o equipamento extra.

“Entendido. Equipe de reconhecimento, nos tire daqui”, disse o chefe de tropa.

De volta à base, tiramos imediatamente nossos equipamentos e nos sentamos para dar início à Revisão Pós-Ação. Quando terminamos de falar sobre a extração, Jake levantou o braço.

“Ei, estou só curioso para saber por que você usou o rádio para me lembrar da escada.”

“O que quer dizer com isso?”, perguntei.

“Bem, aquele é meu equipamento, minha responsabilidade”, disse Jake. “Nunca esqueci dele antes.”

A princípio fiquei um tanto ressabiado. Realmente, não sabia o que dizer. Eu era o líder daquela equipe e tinha o direito de questioná-lo sobre qualquer coisa. Poderia ter perguntado sobre o tamanho de seus sapatos ou se tinha escovado os dentes de manhã. Mas então caí na real e fiquei constrangido.

“Bom argumento”, falei.

Fiquei ali sentado diante de toda a equipe, me sentindo um idiota. Estava tão preocupado com o bom desempenho dos rapazes que não tinha prestado atenção a meu próprio comportamento. Eu havia me tornado o tipo de líder que sempre odiei, o microcontrolador. É claro que, inconscientemente, tinha racionalizado a situação e perguntado sobre a escada por se tratar de um equipamento de grande porte que fazia questão de não esquecer no local. Ao agir assim, porém, deixara de acreditar que meu homem seria responsável por seus próprios itens. Phil sempre nos dera liberdade para fazer nossas coisas. Confiava em nossa capacidade de fazer nosso trabalho e intervinha apenas quando necessário. Se Phil vinha falar comigo, eu já sabia que tinha feito alguma merda. De resto, o esperado era que soubéssemos o que tínhamos a fazer. Eu havia desperdiçado voz e energia perguntando a Jake sobre a escada. Agora, teria que assumir meu erro durante a Revisão Pós-Ação.

“Por acaso lembrei você de trazer seus alicates ou sua arma?”, Jake continuou.

“Não”, respondi.

“Bem, a escada é meu equipamento, minha responsabilidade, e está tudo

sob controle.”

Claro que ele sabia o equipamento que tinha que carregar. A maneira como havia formulado minha pergunta dera a entender que não confiava em meus companheiros, e todos nós sabíamos a importância da confiança.

“O erro foi meu”, disse. “Perfeitamente entendido. Sou um idiota e entendo o que você está dizendo. Não voltará a acontecer.”

Nunca fiquei com raiva de Jake. Estava envergonhado e com raiva de mim mesmo.

O crédito é todo de Jake. Ele sabia que a Revisão Pós-Ação era o momento perfeito para apontar meu erro. Se não tivesse sido honesto o bastante para falar diretamente comigo sobre o problema, eu provavelmente teria repetido o erro na missão seguinte e aquilo se tornaria um hábito.

Tanto a AAR em que falamos sobre a escada quanto aquela após a missão em que perdemos o comandante talibã cumpriram seu papel.

No dia seguinte à malograda missão de captura ao comandante talibã, nós já estávamos atrás de um alvo novo. Não havia tempo para chorar o leite derramado. Bloqueamos as memórias da missão anterior porque tínhamos que voltar para o perigo, como um grupo, sem duvidar dos homens ao nosso lado.

Um mês depois, no entanto, o chefe de tropa voltou a nos indicar o mesmo alvo.

“Querem uma nova oportunidade contra esses caras?”, perguntou.

“Sim”, respondi. “É claro.”

Eu estava no centro de operações com Steve. O chefe de tropa estava lá com o líder da equipe de reconhecimento. A tela exibia fotos de satélite dos complexos do alvo e do vale.

“Ele voltou para casa”, disse o chefe de tropa, apontando para um dos complexos. “A inteligência o encurralou no mesmo local que atacamos antes. Ele está lá com alguns amigos.”

Olhei para o complexo e depois para o vale. Queria outra chance. Havia deixado a primeira missão no passado e tentava não pensar naquele bostinha fugindo; não estava disposto a deixá-lo escapar mais uma vez.

“Sua equipe tem prioridade”, disse o chefe de tropa.

Isso queria dizer que podíamos escolher a atividade que quiséssemos naquele alvo.

“Quero invadir”, falei.

Sempre adorei as tarefas difíceis. Se havia um desafio maior, eu não

resistia. Quanto mais difícil era a missão, mais eu gostava dela. Mas eu também sabia sobre os obstáculos que enfrentaríamos com esse alvo. A Revisão Pós-Ação havia nos mostrado os problemas com o plano posto em prática da primeira vez. Teríamos de encontrar um jeito de manter o elemento surpresa ou não valeria a pena tentar capturar ou matar aquele homem.

Olhei para o chefe da equipe de reconhecimento. Ele tinha um sorriso estampado no rosto.

"Descobri uma rota", disse. "Mas não podemos percorrê-la com uma patrulha muito grande."

"Concordo. A última coisa de que precisamos é de um bando de homens serpenteando pelas montanhas", eu disse. "Não teríamos nenhum sucesso desse jeito."

Havíamos aprendido uma lição importante da última vez. Recordei a AAR e as razões de termos utilizado helicópteros em nossa primeira tentativa.

"E os comandos e BSOs?", perguntei. "Alguma maneira diferente de incluí-los?"

Conversamos durante uma hora e finalmente elaboramos um plano adequado às regras de engajamento. Minha equipe Seal, junto com a equipe de reconhecimento, os paraquedistas de resgate da Força Aérea e nosso chefe de tropa, iria de helicóptero até um vale próximo ao alvo. Uma vez estabelecida a contenção ao redor dos complexos do inimigo, faríamos contato via rádio. As outras equipes, os BSOs e os comandos afegãos viriam de helicóptero e desembarcariam no Y. Já estaríamos a postos para lidar com qualquer fugitivo e iniciar a operação tão logo os helicópteros tocassem o solo. Finalmente tínhamos um plano completo. Que havia sido desenvolvido durante a Revisão Pós-Ação.

Anunciamos o plano para a tropa e pegamos nossos equipamentos, e meu grupo se dirigiu aos helicópteros. Saímos horas antes do grupo principal e iniciamos a patrulha. Fazia calor; não havíamos percorrido nem um quilômetro e minha camisa já estava empapada de suor. Havia uma pequena lua. Se eu não estivesse utilizando meu equipamento de visão noturna, seria impossível enxergá-la. Por horas, subimos e descemos montanhas.

A patrulha foi longa, mas sem ocorrências. Mantive o foco, torcendo para que todo o trabalho duro fosse recompensado. A última coisa que queria era deixar aqueles desgraçados fugirem de novo. Havíamos traçado um ótimo plano e agora estávamos em campo para fazê-lo acontecer.

Finalmente vencemos a última colina, e pude ver o labirinto de construções

lá embaixo. Chequei o relógio. Tínhamos chegado na hora certa. Descemos rapidamente e tomamos posição nas diferentes vielas que ofereciam saída daquele pequeno grupo de construções. As imagens de satélite mostravam duas avenidas saindo do complexo. Dividimos nossa equipe em grupos de dois e nos posicionamos em cada uma delas.

Descemos a montanha em silêncio. Mantive o rifle erguido enquanto nos aproximávamos dos muros. Estava com outro Seal, meu colega de nado. Ficamos de joelhos e esperamos. Acima de nós, o ISR monitorava os complexos. Não havia indício de movimentação. Quando todas as equipes estavam a postos, o chefe de tropa surgiu no rádio:

"Os passarinhos estão em casa", disse.

"Dois minutos."

Olhei para o relógio. Já conseguia ouvir o ronco dos motores à medida que os helicópteros se aproximavam do vale em direção à aldeia. Limpei o suor do rosto com a manga da camisa. Se os combatentes estivessem no complexo, eu esperava que começassem a correr a qualquer momento.

Segundos depois ouvi o piloto do drone pelo rádio:

"Temos dois indivíduos deixando o alvo na direção leste."

Isso era tudo que eu queria ouvir. Estávamos posicionados a leste e prontos para enfrentá-los.

Eu sabia, a partir das imagens de satélite, que eles viriam por uma longa viela que dividia ao meio o conjunto de seis construções. Era a mesma rota que tinham usado da primeira vez que atacamos o local. No final da viela, Bert, um dos meus novatos, e um paraquedista da Força Aérea estavam prontos.

"Indo em sua direção, Alfa 4", falei pelo rádio.

"Entendido", respondeu Bert.

Os motores rugiam alto agora que o helicóptero pousava no lado oeste dos complexos. Eu mal podia vê-los por entre a nuvem de poeira. O rádio crepitava com relatórios à medida que minha equipe e os comandos afegãos seguiam na direção das construções.

Segundos depois, ouvi o som de um tiro de supressão enquanto Bert e o paraquedista abriam fogo. Os combatentes — munidos de AK-47s — haviam dado apenas alguns passos para fora da viela quando se depararam com Bert. Estavam numa corrida mortal. Assim que saíram da viela, olharam para cima e viram Bert e o paraquedista. Tentaram se esquivar e apontar seus rifles numa tentativa ridícula de dar alguns tiros. Antes que tivessem qualquer

chance de apontar suas AK-47s, Bert e o paraquedista atiraram várias vezes. Os combatentes caíram no chão, na entrada da viela.

“Dois inimigos mortos em ação”, disse Bert pelo rádio.

Minha satisfação foi imediata. Havíamos conseguido. Tínhamos fracassado em nossa primeira tentativa, mas não perdêramos a coragem. Discutimos a missão malograda, focando no que havia dado certo e errado, e agora havíamos encontrado uma nova maneira de atacar o alvo.

Não é comum ter uma segunda chance em combates. Nunca imaginamos que teríamos outra oportunidade contra esses caras, mas sabíamos que as lições aprendidas na primeira missão nos ajudariam em missões futuras.

A Revisão Pós-Ação havia cumprido seu papel, e graças a ela aqueles dois comandantes talibãs jamais voltariam a ser uma ameaça. Havíamos encontrado uma maneira de lidar com as exigências que se impunham a nós sem no entanto deixar de operar segundo as regras de engajamento. Essa missão e as lições aprendidas haviam sido bem claras. No entanto, muitas AARs, assim como as lições delas decorrentes, não são tão simples. Às vezes, pessoas morrem porque não nos comunicamos de forma clara e não aprendemos com nossos erros.

Por mais difícil que seja criticar as ações de um colega de equipe ou aceitar as críticas de um irmão, essas são duas das ferramentas mais importantes que um Seal deve desenvolver. A coisa mais difícil de fazer é se comunicar honestamente com as pessoas. Sobretudo quando é possível que estejamos errados. Erros são cometidos em combate, o que é compreensível. O que devemos lembrar aqui é que a comunicação e as lições aprendidas durante as AARs são colocadas em prática com o único objetivo de tornar a equipe melhor. Compreender que nem tudo diz respeito ao próprio umbigo é duro e foi uma das coisas mais difíceis que aprendi durante minha carreira. Gradualmente, ao longo dos anos, percebi a importância de manter a humildade e reconhecer que todo mundo comete erros. Não se deve virar as costas para uma pessoa só porque ela cometeu um erro, e sim aproveitar a oportunidade para aprender e fazer melhor na noite seguinte.

Lições aprendidas em combate, às vezes com derramamento de sangue, devem ser transmitidas.

8. Atire, mova-se e comunique-se
Relacionamentos

Os cães mantinham um latido estável à medida que deslocávamos a patrulha em direção à aldeia.

Pude ouvi-los tão logo o barulho do motor dos helicópteros cessou. O primeiro latido ecoou pelo vale quando a equipe dava sua mijada ritual após um longo voo. Instantes depois, ouvi um segundo. Quando já estávamos em formação de patrulha e começávamos a nos mover na direção do alvo, parecia que centenas de cachorros avisavam cada fazendeiro da região sobre a nossa presença.

Depois de onze anos como Seal, eu agora era um veterano. Já estava na ativa havia tempo o bastante para me tornar líder de equipe e me sentia bem preparado quando o assunto eram operações. Não permitia mais que medos humanos comuns prejudicassem meu processo de tomada de decisões e estava ciente de que comunicação e trabalho em equipe eram as chaves do sucesso em combate.

O que não significava que as coisas vinham facilmente.

Nós havíamos voado para Kunduz, no norte do Afeganistão. Na época, a região já estava havia vários anos sob responsabilidade alemã e de outras forças de Coalizão. Eles conduziram poucas operações de ataque na área, se é que houve alguma; estavam muito mais focados na construção de estradas, escolas e clínicas. Uma vez que ninguém os perseguia, os combatentes inimigos passaram a usar a área como porto seguro. Droga, eu também não ia querer deixar a base, havendo ali uma cervejaria ao ar livre e vários bares e boates, mas essa era outra história.

Viemos para o norte do Afeganistão depois que nossos analistas de inteligência recolheram indícios de que um comandante talibã de alta patente estava na área. Enquanto os analistas prosseguiam a tarefa de vigilância, voamos até o local. Queríamos estar perto para poder lançar o ataque assim que recebêssemos sinal verde.

Não tínhamos a menor ideia da aparência desse comandante. Assim, durante a apresentação do plano, sua imagem foi representada apenas com uma silhueta.

Ao longo do dia, nossos analistas seguiram o comandante e observaram,

via ISR, enquanto ele se movimentava de um ponto a outro, recrutando combatentes pelo caminho. Por fim, depois que o sol se pôs, vimos o grupo seguir para um local de repouso, onde descansaria durante a noite. Por coincidência, haviam escolhido uma trilha que levava a um grande complexo. Era prática comum entre os combatentes talibãs aparecer ao acaso em complexos civis e exigir comida para que então, de barriga cheia, pudessem descansar em seu esconderijo. Tendo em vista a espessa vegetação do norte, era fácil para eles se embrenharem por entre as árvores e se esconderem dos nossos drones, que sobrevoavam a área.

Naquela tarde, quando os combatentes chegaram, os pilotos dos drones viram quando entraram no povoado e, depois de algumas horas, desapareceram por entre as árvores. A partir do que conseguíamos ver pelo ISR, não haviam deixado a trilha em nenhum momento. Mas isso não significava que não tivessem se deslocado por entre as árvores e deixado a área. Eram inteligentes o bastante para saber que havia drones vigiando. Rotineiramente, o inimigo se deslocava para diferentes esconderijos durante a noite.

Nesta ocasião, porém, nossos analistas estavam certos de que os combatentes não haviam deixado a trilha, por isso decidimos lançar a missão.

Na condição de líder de equipe, eu tinha acesso à rede interna de rádio em um ouvido, que me permitia falar com meus colegas, e à rede de comando no outro, que me permitia contato com o comando da tropa, com o chefe de tropa e com qualquer drone ou objeto voador que estivesse patrulhando a área.

“Sem movimento”, disse o piloto do drone. “Todos permanecem na trilha. Parece que a van branca continua no mesmo local.”

O comandante talibã e seu grupo de combatentes usavam um carro e motocicletas sujas para se deslocar entre as aldeias. Se o carro continuava parado no mesmo local, podíamos confiar que os inimigos não estavam longe.

Os cães latiram ao longo de todos os sete quilômetros da patrulha. Estávamos fazendo o melhor que podíamos para ser furtivos, e nossos atiradores de elite haviam escolhido a melhor rota para evitar as aldeias locais. Mas a cada passo tudo que eu ouvia eram os cachorros. Isso definitivamente nos dava uma sensação desconfortável.

“Esses malditos cachorros estão me matando”, disse Steve quando paramos para descansar. “Eles sempre latem desse jeito ou trabalham para o talibã?”

Steve era líder de equipe e um dos meus melhores amigos no comando. Era um caipira forte, com peitoral e ombros largos. Tinha uma barba volumosa que cobria o rosto e lhe dava o aspecto de um groundhog [marmota]. Brincávamos tanto com isso que acabou virando um apelido.

Conheci Groundhog durante o S&T, o curso de Seleção e Treinamento. Desde o primeiro dia, quando nos pediram para listar os cinco melhores e piores alunos da sala, Steve sempre esteve no meu top 5, e sempre se destacou como líder. Tive sorte em ser alistado para o mesmo esquadrão que ele. Estávamos em equipes diferentes, mas basicamente crescemos juntos como comandantes. Ele estava em todas as minhas viagens de treinamento e era o cara que eu consultava toda vez que tinha uma ideia e precisava de uma opinião. Quase sempre falávamos olho no olho. Assim, quando ele não concordava com alguma coisa que eu estava fazendo, ou tinha alguma sugestão, eu sempre escutava. Seu primeiro conselho era sempre o mesmo.

"Seja firme, cara", dizia ele. "Se for emotivo demais, ninguém irá escutá-lo."

Mas Steve era muito parecido comigo.

Ele e eu quase fomos mandados para casa, no meio de uma missão, depois de criticarmos a tática de um dos nossos chefes de tropa. Ele não havia pedido orientação ou conselho a nenhum líder de equipe; aparecera com um plano e se recusara a ouvir os demais líderes da unidade. Depois, ouviu-nos criticando o plano. A essa altura, éramos novos no comando, e ele não digeriu bem o fato de haver "novatos" o questionando. Ameaçou nos mandar de volta para casa, mas nossos líderes de equipe nos protegeram.

Trabalhamos juntos durante seis anos antes que cada um de nós ganhasse sua própria equipe dentro da mesma tropa. Como líderes de equipe, trabalhávamos em conjunto. Eu conhecia os movimentos dele, e ele os meus. Havíamos sido parceiros por tanto tempo que, quando começava um tiroteio, eu sempre sabia a leitura que ele estava fazendo da situação e como ele e sua equipe reagiriam.

A comunidade Seal tem um ditado segundo o qual cada membro de equipe deve ser capaz de atirar, mover-se e comunicar-se. Ser capaz de atirar significa possuir as capacidades táticas necessárias para utilizar uma arma de maneira segura e efetiva. Mover-se diz respeito à maneira como você atua em equipe e ao grau de eficiência e estratégia em sua movimentação no campo de batalha. Comunique-se significa falar de modo claro e efetivo, para que seus colegas de equipe saibam o que você está fazendo. Depois de tantos

anos trabalhando tão próximos, eu e Steve podíamos nos mover e reagir praticamente sem dificuldades nas situações de combate. Nós procurávamos Seals que não apenas dominassem essas capacidades, mas que se encaixassem em nossa equipe. Nunca me preocupei com os caras na mira do inimigo. Eles sabiam o que fazer quando as balas começavam a voar. Meu grande desafio como líder era ensinar a eles o que fazer quando voltávamos para dentro da sala.

Eu estava participando da seleção de candidatos para o curso de S&T. A entrevista oral vinha depois do teste físico — no qual quase fui desclassificado — e é a parte mais tensa do processo de seleção. Não é preciso ter força mental para correr rápido ou fazer flexões. Isso tem mais a ver com força de vontade e preparação.

A maioria das perguntas era do tipo "e se", com o objetivo de testar a integridade dos candidatos. O importante era ter argumentos para sustentar suas ações e estar preparado para explicar suas escolhas de maneira lógica. Uma das melhores perguntas era sobre treinamento de tiro. Fui questionado sobre isso durante meu processo de seleção e fazia a mesma pergunta desde que passara a integrar a banca.

"Você não está conseguindo treinar o tempo que julga necessário a fim de se preparar adequadamente para uma missão. Você quer atirar mais. Você pega munição 9 mm do trabalho e vai para um campo de provas civil?"

Ainda me lembro da minha resposta.

"Sim, é claro", deixei escapar imediatamente, sentado ali com meu uniforme, cabelo cortado e barba feita, tentando não parecer nervoso.

"E isto não seria ilegal?", perguntou um dos examinadores da banca.

"Eu não estaria roubando a munição", disse. "Estaria disparando. A logística da minha equipe dificulta esse treinamento. Não posso sair com minha arma de trabalho e ir até um campo de provas militar porque o mais próximo fica em Camp Pendleton, a mais de uma hora de carro de onde sirvo e quase nunca disponível. Disparar essa série de tiros iria me tornar melhor no meu trabalho; além disso, eu obviamente contaria aos caras que administram nossa munição sobre o uso que faria dela."

Ao que parece, essa era a resposta certa. Naquele momento, eu não sabia muito bem por quê. Mas, depois de assumir o comando, compreendi. Isso demonstrava vontade e iniciativa para ir além dos objetivos mínimos do treinamento, duas características essenciais para um candidato. Era também um bom exemplo de como superaria um obstáculo para melhorar minhas

capacidades e me tornar um bem valioso para o grupo. Queríamos ver candidatos intrinsecamente motivados e dispostos a ir além para completar o trabalho.

Quando fiz parte da banca de seleção, tentei conhecer cada candidato avaliando se seria capaz de se encaixar na cultura do comando, porque um dia talvez ele estivesse na minha própria equipe.

“O que você tem a oferecer? Por que devemos escolhê-lo para participar do processo?”, eu sempre perguntava durante a entrevista.

As respostas mais frequentes eram “Sou um trabalhador incansável” e “Sou muito bom no combate em ambientes confinados”, o que significava dizer que eram bons em esquadrinhar espaços.

“E daí, porra?”, era sempre a minha resposta. Todos no comando eram trabalhadores incansáveis e peritos no combate em ambientes confinados. Eu queria homens que excedessem o mínimo exigido. O básico para o trabalho já estava lá. Eu queria um cara que se perguntasse todos os dias: “Como posso me tornar um bem valioso para a equipe?”.

Queríamos soldados que estivessem sempre se cobrando, que fizessem algo além do que pedia a descrição básica da função. Todos em nossa organização faziam o que era pedido, mas queríamos Seals que não apenas fizessem o que era pedido, mas achassem outras coisas para fazer. Isso era se tornar um bem valioso para a equipe.

Assim como tudo nos Seals, a única maneira de obter sucesso era com dedicação total em tempo integral. Ao contrário de outras unidades, que selecionam operadores de todas as áreas, os candidatos selecionados para a nossa área vinham apenas de equipes Seal. Tínhamos experiências semelhantes, e o fato de cada operador ter que preencher exatamente as mesmas exigências para entrar na unidade tornava nosso comando coeso e facilitava o trabalho. Esses relacionamentos são muito importantes não apenas no aspecto moral e no ambiente interno de trabalho, mas também no combate. Nossa união permitia que antecipássemos os movimentos uns dos outros, o que, com o tempo, constituía a diferença entre sucesso ou fracasso nos objetivos a serem atingidos.

Os cães ainda latiam quando paramos à beira de um campo grande e lamacento do lado oposto à casa e à trilha. Eu queria que os cachorros calassem a boca. Por outro lado, imaginei que talvez sempre se comportassem daquele jeito. Com sorte, o inimigo estaria acostumado aos

latidos.

Para essa missão, contávamos com um esquadrão de Rangers do Exército e alguns comandos afegãos. Eles portavam uma variedade de armas, mas para a missão daquela noite haviam trazido várias metralhadoras MK 48, bem maiores e mais pesadas. A MK 48 dispara projéteis de calibre 7.62 e podia ser muito útil para produzir fogo de cobertura na densa vegetação do local. Esperamos enquanto os Rangers, junto com os comandos afegãos, avançavam lentamente pela mata, que ia até a cintura, e tomavam posição de tiro ou como observadores. Se tivéssemos algum problema, poderíamos acioná-los e pedir suporte armado com as metralhadoras. Assim que eles se posicionaram, nossa tropa flanqueou pelo lado mais afastado e à direita do campo aberto, ao longo da borda da trilha, em direção à posição inimiga.

O campo estava lamacento e levamos algum tempo para avançar. Canais de irrigação corriam ao longo da parte externa das árvores, criando uma barreira natural. Se pulássemos naquela direção, poderíamos surpreender quem quer que estivesse escondido naquela trilha, encurralando-o entre o canal e a nossa tropa. Eu podia ouvir o comandante do pelotão de Rangers pelo rádio enquanto seus homens procuravam pelos inimigos. Eles não haviam detectado nenhum movimento, por isso começamos a entrar na mata, lentamente.

Minha equipe estava no meio. A equipe de Steve ia na frente. Estava escuro como breu. Mesmo com os óculos de visão noturna, era difícil navegar naquele pequeno espaço por entre as árvores, uma vez que os galhos bloqueavam qualquer luz ambiente. Todo mundo se movia com cuidado, tentando ao máximo não fazer nenhum barulho.

Sabíamos que um passo em falso poderia alertar os inimigos escondidos por perto. Eu andava praticamente na ponta dos pés. Conseguia distinguir a mira laser dos outros soldados averiguando a área à nossa frente. Cada soldado tinha uma mira desse tipo na arma. O facho mais amplo de luz infravermelha servia como lanterna. Seu ponto central era o local onde o tiro acertaria. Era invisível a olho nu, mas não para quem utilizava o equipamento de visão noturna. Os lasers nos ajudavam a enxergar, sobretudo naquela área de mata densa.

À frente, à minha direita, menos de 45 metros na direção das árvores, vi Walt ficar tenso e paralisado. Havíamos trabalhado juntos por tempo suficiente para que eu soubesse, por meio de sua linguagem corporal, que havia identificado algo. Não precisava dizer nenhuma palavra. Todos

sabíamos que tinha visto alguma coisa.

Todo o batalhão parou de se mover, enquanto Walt e outro Seal prosseguiram. Vi Walt sinalizando para que continuássemos, ao mesmo tempo que apontava sua arma para a base de uma grande árvore. Depois de nos aproximarmos e ultrapassarmos sua posição, pude ver dois inimigos dormindo um sono profundo. Suas AK-47s estavam perto. Havia lixo por todo lado. Garrafas d'água, latas de comida e pedaços de papel. Walt deu alguns passos mata adentro, a arma preparada. Vi seu laser brilhando na altura do peito do inimigo. Ele e outro Seal tomaram posição, o talibã o tempo todo sob sua mira. Ainda que nossas armas tivessem silenciadores, Walt tomou a decisão correta e ficou ali parado, observando os inimigos a dormir e pronto para reagir se ou quando eles acordassem. Não queria arriscar um tiro agora para não fazer barulho e acordar o resto do grupo inimigo.

Encontrar um talibã dormindo era uma notícia ao mesmo tempo boa e ruim.

Boa porque os inimigos definitivamente estavam por perto e não haviam fugido da área. E ruim porque estávamos caminhando para um tiroteio, especialmente se os latidos dos cães mantivessem o inimigo acordado e alerta. Continuamos a avançar em silêncio, tomando todo o cuidado necessário para não acordar aqueles dois homens. Mais ou menos trinta metros à frente, vi a estrada que levava ao local onde haviam jantado. Lá estavam as motocicletas e uma van branca, estacionadas sob uma grande árvore na frente da casa.

No percurso ao longo da estrada, minha equipe se misturou à equipe de Steve, com exceção de Walt e outro Seal, que ficaram vigiando os talibãs. Cinco de nós avançavam na direção da casa. Olhei para a minha esquerda e pude ler a linguagem corporal de Steve. Ele estava pensando o mesmo que eu. Estávamos em vias de encarar o inimigo frente a frente. Steve estava agachado, com a HK416 apoiada e pronta para atirar. Sua mira laser varria as árvores escuras à minha frente.

Steve e o companheiro, armado com uma metralhadora leve MK 46, seguiram pelo flanco esquerdo da minha equipe quando começamos a avançar para a estrada. Minha equipe continuou na direção do complexo e do conjunto de árvores nos fundos da construção. Sabíamos que os combatentes não teriam tempo de ir muito longe, e que tampouco se aventurariam em campo aberto, por medo de serem atingidos por nossos drones. Se optassem por essa alternativa, entrariam na mira dos Rangers, posicionados na beira do

campo. Se tivéssemos que travar contato com o inimigo, seria em algum lugar atrás das árvores bem à nossa frente.

Perto do topo da estrada, vi um conjunto de cobertores e colchões no chão. Os cobertores estavam amontoados de tal maneira que, quem quer que estivesse ali antes, parecia ter acordado rápido. Havia vários colchões, pelo menos cinco, numa primeira contagem. Não dei muita importância ao número porque estava focado na batalha por vir.

"Droga, onde estão eles?", pensei.

Assim que vi os colchões, parei e comecei a apontá-los para minha equipe utilizando a mira laser. Todos ficaram parados enquanto avaliávamos o entorno. Eu podia ver o laser dos meus colegas cruzando-se por entre as árvores. Lentamente, desloquei minha mira através da trilha escura das árvores, à esquerda, e então uma cabeça surgiu à minha frente e desapareceu no instante seguinte. Foi muito rápido para dizer se era um homem, uma mulher ou uma criança.

Com as regras de engajamento mudando o tempo todo e tornando-se cada vez mais restritivas, eu não podia atirar, pois não tinha certeza se a pessoa que tinha visto era um combatente inimigo. As chances de tratar-se de alguém que estava naqueles colchões eram boas. Nesse caso, a julgar pelos soldados que Walt havia identificado, eu tinha certeza de que estaria armado, mas não tinha visto nenhuma arma e não havíamos sido atacados. Estava tudo ali na minha frente. Só podiam ser inimigos. Eu já tinha visto o carro, as motos e as camas vazias, e tinha a mais absoluta certeza de que aquele era um dos caras que estávamos perseguindo.

Incapaz de detectar qualquer atividade adicional, liguei o rádio.

"Ei, rapazes, temos algum movimento aqui", sussurrei.

Assim que terminei a chamada, vi o que era claramente um inimigo surgindo em uma vala quinze metros à nossa frente. Pondo-se de pé, começou a atirar com uma metralhadora PKM, alimentada por um cinto de munição.

A luz que vinha da boca da PKM a fazia parecer um obus. Uma chama de cerca de um metro disparada do cano me fez cair de costas no chão. Tudo que eu via pelo equipamento de visão noturna pareceu explodir num grande raio de luz. Outros tiros zuniam acima de mim enquanto o homem atirava descontroladamente. O barulho da arma impunha-se a tudo, inclusive qualquer tipo de pensamento que eu pudesse ter sobre regras de engajamento ou o que fazer naquele momento. Vi vários companheiros mergulhando no

chão em busca de proteção. Meu corpo entrou em modo de sobrevivência. Eu havia acabado de me desviar das balas no melhor estilo *Matrix* e estava deitado de costas no chão. Se me lançasse para a frente, entraria na linha de tiro das balas que voavam ao meu redor. Eu só queria me abaixar o máximo possível o mais rápido possível. Estávamos completamente expostos, sem nenhuma cobertura. Em poucos segundos aquela artilharia acabaria com minha equipe.

Pus o rifle entre as pernas e comecei a atirar na direção do inimigo. Podia sentir os cartuchos vazios das balas caindo sobre as coxas. Não estava utilizando a mira EOTech e tampouco sabia para onde o laser apontava. Nesse momento, eu atirava e rezava. Meus companheiros faziam o mesmo. Precisávamos de algumas rodadas de tiro contra o inimigo o mais rápido possível.

Tiros de metralhadora acertavam o chão à nossa volta. Estilhaços passavam pelo meu rosto e atingiam as árvores e arbustos ao redor da minha equipe. Se qualquer um de nós ficasse de pé, seria atingido na mesma hora. O soldado talibã estava com dificuldades para mirar sua artilharia devido à vibração da arma em seus braços. Mas a cada segundo que passava ele a dominava mais.

De repente, comecei a ouvir algo que vinha do meu lado esquerdo. Era o doce som de uma metralhadora MK 46. Geralmente atiramos em rodadas de seis a oito tiros, a fim de conservar munição e controlar melhor a mira. Mas estas não eram rajadas curtas. O companheiro de Steve não tirava o dedo do gatilho. Deu uma rajada bem longa e contínua. Ele e Steve estavam cerca de dez metros à nossa esquerda, com visão perfeita da posição inimiga. Eu podia ver as balas espalhando pedaços de madeira e cascas pelo ar à medida que avançavam.

Nesse momento o fogo inimigo parou completamente, mas Steve e seu parceiro continuaram a atirar e a nos dar cobertura. Minha equipe se afastou da PKM inimiga.

“Movam-se”, gritei para dois companheiros, sem deixar de atirar. Outro membro da minha equipe ficou, para me ajudar a dar cobertura.

Assim que conseguiram se afastar um pouco, esses dois primeiros companheiros encontraram uma posição mais segura. Era a minha vez de me mover. Rolei para o lado e encontrei uma posição melhor, mantendo-me o mais agachado possível. Estava certo de que em instantes o inimigo voltaria a atacar. Aquela era nossa única chance de sair da linha de fogo. Correndo

estrada abaixo, tomei posição logo atrás dos meus companheiros. Ajustei o rifle e comecei a atirar de modo a oferecer cobertura a meus outros colegas.

“Posição”, gritei. “Vamos, vamos.”

Com todos os meus homens na beira do campo e sob proteção, pudemos oferecer toda a artilharia de cobertura necessária para que Steve e seu atirador voltassem a salvo. O atirador despejou duzentas balas com um único aperto no gatilho. Quando ele e Steve passaram por mim, pude vê-lo recarregando a metralhadora, que já estava vazia.

Assim que Steve e o atirador voltaram, o chefe de tropa liberou o pelotão de Rangers. Eles abriram fogo com metralhadoras pesadas, lançadores de granadas e outras armas menores. Era impossível ouvir qualquer outra coisa que não fosse o ruído das armas. Os Rangers estavam despejando uma parede de balas. Dei uma rápida olhada para trás, para o local onde havíamos estado, e a única coisa que vi foram árvores explodindo em gravetos.

O chefe de tropa e o comandante estavam perto, agachados, falando no rádio.

“Contem as cabeças e me informem se estão todos bem”, disse.

Era responsabilidade dos líderes de equipe certificar-se da presença dos companheiros. Em nenhuma hipótese deixaríamos alguém pra trás. Voltei na direção de onde minha equipe havia se posicionado.

“É isso aí”, disse um dos meus homens.

Consegui distinguir um sorriso sob seu equipamento de visão noturna.

“É, cara, que porra é essa?”, falei.

Não acho que seria capaz de elaborar qualquer frase inteligente naquele momento, nem se quisesse. Tinha outras coisas na cabeça e sabia que precisava contar meus homens antes que o JTAC pudesse iniciar o bombardeio aéreo. Se houvesse alguém ferido na linha de fogo, teríamos de voltar para resgatá-lo antes de chamar o suporte aéreo. Por sorte, estavam todos a salvo.

Liguei o rádio.

“Alfa está bem”, disse.

“Charlie está bem”, disse Steve.

Segurei a respiração enquanto cada equipe confirmava sua situação pelo rádio. Na minha cabeça, não havia a menor chance de todo mundo ter saído ileso. O inimigo tinha despejado várias rajadas na nossa direção. Com uma metralhadora PKM capaz de disparar 650-750 vezes por minuto, certamente teria atingido um de nós.

Todas as equipes deram retorno positivo. Não havia feridos. Não

precisávamos ser bons o tempo todo. Às vezes, é melhor ter sorte. E, até o momento, nossa sorte estava durando.

Steve e seu atirador salvaram nossas vidas. Tínhamos visto a mesma situação se desenrolando, e ele soube para onde minha equipe estava indo e posicionou sua equipe de modo a nos dar apoio. Se não fosse por Steve e sua equipe, e pelos laços próximos que compartilhamos, sem dúvida teríamos tido problemas mais sérios. Ele instintivamente soube o que fazer com base no terreno e na nossa reação imediata ao fogo inimigo. Nós havíamos pensado da mesma maneira. Conhecíamos a posição um do outro sem precisar pensar sobre isso.

Imagine um jogo de basquete num parque, mas com atletas da NBA. Ninguém fica na lateral desenhando jogadas numa lousa. Estamos falando de atletas individualmente brilhantes, capazes de compreender uns aos outros no jogo e realizar jogadas incríveis. Nós estávamos fazendo a mesma coisa, ainda que não numa quadra de jogo e nem pelos mesmos salários.

"Aguardando apoio aéreo", ouvi pelo rádio.

A equipe JTAC estava solicitando apoio. Soldados começaram a se preparar para o bombardeio.

"Três minutos", disse o chefe de tropa.

Se houvesse qualquer soldado na mata, ele teria três minutos para sair de lá antes que as bombas começassem a cair. Certifiquei-me de que minha equipe estava coberta e aguardei o ataque.

Fiquei agachado em uma pequena vala esperando o típico apito da bomba pouco antes de detonar. Então vi um raio de luz no céu segundos antes do ruído estrondoso da explosão. Pude ver a silhueta das árvores através da explosão e da enorme quantidade de poeira e destroços que caíam sobre nós.

"A área foi limpa para novo ataque imediato", ouvi no rádio. "Vocês têm três minutos."

O impacto das bombas na trilha de árvores definitivamente me deixou contente por não estar ali. À medida que as bombas caíam e explodiam, eu podia sentir a onda de choque vibrando por todo o terreno. Parecia que um gigante estava dando socos no chão.

Após a segunda rodada de bombardeios, fui encontrar o chefe de tropa, o comandante e outros líderes de equipe.

"Vamos limpar a trilha", disse o chefe de tropa. "Me avisem quando suas equipes estiverem prontas para iniciar o trabalho."

Uma mistura de soldados da minha equipe e da equipe de Steve saiu da

vala e preparou-se para voltar à estrada. Estabelecemos uma linha e, cuidadosamente, avançamos a patrulha na direção da trilha. À medida que me aproximava, a trilha ia parecendo cada vez mais com aquilo que eu imaginava como o cenário da Primeira Guerra Mundial. Crateras onde as bombas haviam caído. Árvores despedaçadas, pela metade, parecendo dentes quebrados. Todas ardiam em chamas, o que produzia uma névoa verde em nossos equipamentos de visão noturna, tornando quase impossível enxergar qualquer coisa de maneira clara.

Da metade superior da estrada, eu tinha visão da área onde fora travado o contato inicial. Não se parecia em nada com o que tinha visto minutos antes. As bombas haviam destruído praticamente todas as árvores, deixando apenas buracos fumegantes. Mais à frente, identifiquei a silhueta de algo com as medidas de um ser humano deitado em uma pequena vala. Segurei o rifle e mantive a mira naquele objeto enquanto me aproximava. Ao chegar mais perto, notei que era um dos inimigos. Tinha o corpo severamente queimado. As roupas ainda estavam em brasa. Dava para ver onde os estilhaços haviam cortado sua roupa longa e folgada. Havia algo pendurado em seu tronco. Perto dali, jazia também o corpo de outro homem, nas mesmas condições.

Continuamos a verificar a trilha ao longo das árvores, pisando sobre destroços e desviando das largas crateras causadas pela explosão. Eu estava pronto para chamar minha equipe de volta e começar a busca de outros possíveis inimigos no complexo e no acampamento quando os pilotos dos drones que voavam acima de nós chamaram pelo rádio.

“Estamos vendo vários indivíduos em movimento 150 metros a oeste”, disse o piloto.

Cinco ou seis inimigos apareceram na trilha após o último bombardeio. Devem ter sido os seis talibãs mais sortudos do mundo. De alguma forma haviam conseguido sobreviver ao nosso ataque inicial, ao ataque dos Rangers e às duas rodadas de bombas.

Quando recebi a chamada do rádio, olhei ao redor e vi Steve e sua equipe à minha esquerda. Estávamos pensando a mesma coisa. Esses caras não fugiriam por nada neste mundo.

“A equipe Alfa os tem na mira”, informei pelo rádio o chefe de tropa. Logo depois de mim, foi a vez de Steve.

“A equipe Charlie os tem na mira.”

Nosso chefe de tropa demorou um segundo.

“Entendido”, disse. “Alfa e Charlie, assumam o drone e a artilharia AC-130 e

avisem se precisarem de alguma outra coisa.”

Fiz contato com o drone via rádio.

“ISR, aqui é Alfa 1”, falei. “Tenho um elemento composto por oito indivíduos e um cachorro avançando para oeste no momento. Por favor, avise o número e posição dos inimigos.”

O piloto do drone nos deu as orientações e avançamos rapidamente nossas duas equipes até a posição, dando início à patrulha em direção à localização inimiga. O homem com o cachorro levava o animal de combate à frente. Vi-o farejando o chão atrás de pistas. Pelo rádio, recebíamos informações do ISR.

“Alfa 1, aqui é ISR”, disse o piloto do drone. “Temos muitos indivíduos se movendo na ponta sudoeste de um campo aberto quinhentos metros a oeste da sua posição.”

“Entendido, ISR, favor acionar infravermelho”, falei.

O operador do sensor do drone disparou um raio infravermelho na direção do inimigo. Visto do nosso equipamento de visão noturna, aquilo parecia um dedo gigante apontando a exata localização do inimigo. Era como um video game.

Assim que saímos da área de árvores, diminuímos o ritmo. A trilha terminava em um campo largo com uma pequena fonte e um bosque na parte sul.

Vi o homem com o cachorro soltá-lo da coleira, deixando-o à frente do grupo ao longo da orla do bosque. A equipe de Steve moveu-se em uma linha perpendicular às árvores. Reparei que estava novamente tomando um arco mais amplo à minha esquerda, dando cobertura ao nosso flanco.

Conduzi minha equipe adiante, para a direita, torcendo para conseguir um ângulo melhor em relação aos inimigos. Não tínhamos os Rangers dessa vez. Estava tudo nas mãos de nossas duas equipes de assalto. Se entrássemos em contato agora, teríamos duas equipes em posição de abrir fogo.

Mantive o foco no raio infravermelho. Ele não havia se movido desde que saíramos da trilha, o que era bom sinal. Mas eu queria chegar mais perto dos inimigos antes que eles pudessem preparar uma defesa. Minha esperança era que quisessem se esconder, e não lutar.

Chequei à esquerda e à direita. Minha equipe estava espalhada e avançando em silêncio pelo campo. Olhei rapidamente para a esquerda na direção da equipe de Steve e vi nosso cão — que chamávamos de “Cabelo de Míssil” — entrar no bosque de árvores. Ele desapareceu e em seguida ouvi um homem gritar. O animal havia sentido o cheiro do inimigo e agora eu

ouvia seus rosnados e os gritos do homem.

Minha equipe manteve os olhos no grupo de inimigos à frente. Steve e um dos atiradores de elite entraram no bosque para ajudar o cachorro. Podíamos ouvir o homem gritar enquanto o cachorro o mordia. Os gritos pararam após alguns breves tiros da HK416 com silenciador de nosso atirador de elite.

Steve surgiu no rádio.

"Rapazes, tomem cuidado, acabamos de encontrar um combatente escondido numa vala com um lança-foguetes pronto para ser disparado", disse.

O grupo de combatentes que estávamos perseguindo havia deixado aquele cara para nos atacar de emboscada quando passássemos. O cachorro o encontrou e provavelmente salvou nossas vidas. Nossos inimigos não eram iniciantes. Não estavam fugindo amedrontados, mas tentando arquitetar alguma coisa.

"ISR, Alfa 1", falei. "Algum movimento do nosso grupo de inimigos?"

"Alfa 1, ISR", disse o piloto. "Negativo. Estão no mesmo lugar e nosso infravermelho continua ligado."

Vi a equipe de Steve se reagrupar e começar a avançar pela orla das árvores. Eu não precisava me comunicar por rádio com Steve para saber o que ele estava pensando. Podia adivinhar por sua linguagem corporal. Em resposta, conduzi minha equipe para o flanco direito, a fim de conseguir melhor posição. Estávamos alinhados numa perfeita formação em "L", que nos dava a possibilidade de atacar o grupo de talibãs de ambos os lados. O drone continuava disparando raios para nos indicar sua localização. Estava escuro e não havia como sermos vistos.

Passo a passo, cobrimos 150 metros. Nossos lasers agora já se juntavam aos dos drones.

Eles não tinham a menor chance.

Iluminadas por um feixe maciço de raios infravermelhos, as figuras humanas eram facilmente identificáveis por nossos equipamentos de visão noturna. Todos os cinco inimigos haviam permanecido dentro de um pequeno perímetro e estavam escondidos em uma vala, esperando nossa aproximação.

Eles ainda não sabiam, mas já não tinham chances. Não podiam nos ver, mas nós os víamos. Os primeiros tiros mataram dois deles. Eu os vi caindo como se tivessem sido puxados para o chão por um cabo. Vi nossos lasers dançarem ao redor de cada talibã que caía e desaparecia na vala. Um deles soltou uma rajada de tiros em nossa direção com sua AK-47, mas as balas

passaram acima de nossas cabeças. O atirador tombou sobre os companheiros após ser atingido por vários tiros.

O embate levou apenas alguns segundos e seus resultados jamais foram questionados. Seguimos em frente e checamos os corpos inimigos, recolhendo todas as armas. Enquanto cuidávamos dos corpos e armas, outros Seals e Rangers mantinham a segurança do alvo inicial.

Terminadas as atividades, voltamos para o complexo e depois para os helicópteros.

Nada do que fazemos é ciência pura, mas ser capaz de trabalhar em equipe é algo que aprendemos ao longo de toda a nossa carreira de Seals, um ingrediente essencial do nosso sucesso. É como um jogo de basquete, a não ser pelo fato de o nosso foco estar em atirar, mover-se e comunicar-se.

Não há ingrediente secreto. Cada Seal passou pelo mesmo treinamento, testou a si mesmo nas mesmas situações extremas, e geralmente até a exaustão, a ponto de todos serem capazes de realizar a maioria das tarefas básicas extraordinariamente bem. Isso nos dava uma confiança inabalável uns nos outros. A relação que eu e Steve desenvolvemos ao longo de anos trabalhando juntos significava que podíamos lidar com quase todas as situações, e nossa confiança era o que nos permitia ter sucesso mesmo quando a batalha não ocorria como esperávamos. A importância que dávamos a esse tipo de laços e relações era o fator que, na maioria das vezes, mudava a agulha da derrota para a vitória.

9. Siga seu amigo
Responsabilidade

Na noite anterior ao início de uma operação, fui chamado ao centro de operações conjuntas. Era 2007 e eu estava na minha sexta transferência. Em vez de trabalhar com minha equipe fazendo incursões, havia sido alocado para trabalhar com outros órgãos do governo como agente de ligação.

Eu iria coordenar o suporte aéreo e ajudar no plano tático. Também assumiria a responsabilidade por quaisquer prisioneiros que detivéssemos, para que pudessem ser entregues ao centro de detenção militar pertinente da Coalizão.

As relações entre a CIA, as Forças Especiais e a 82ª Divisão Aerotransportada da região estavam no mínimo desgastadas. A equipe das Forças Especiais queria sair e patrulhar, mas não tinha verba para pagar a unidade da polícia afegã que estava treinando. Se quiséssemos armar uma emboscada ao longo de uma trilha usada por combatentes para atravessar a fronteira, tínhamos que enviar o Conop, ou conceito de plano de operações, indicando que sairíamos para treinar "emboscadas", de modo que fosse aprovado.

Nessa altura da guerra, a burocracia tornava tudo mais lento. Para sair da zona de segurança, primeiro tínhamos que elaborar vários slides em PowerPoint explicando a operação. Os slides, por sua vez, tinham que ser aprovados por todos até o topo da cadeia de comando, o que podia levar vários dias.

Quando estava no meio de uma missão, recebi uma ligação do meu esquadrão pedindo que me reportasse a uma base no leste do Afeganistão. A mensagem era clara e direta.

Era praticamente inédito eles nos convocarem no meio de outra tarefa. O restante do meu esquadrão estava espalhado pelo país trabalhando na mesma missão. Quando recebemos a notícia de que deveríamos voltar para uma missão, não fiquei chateado. Gostava da minha missão, mas também da ideia de voltar a atacar com o resto da equipe.

Uma vez recomposto nosso esquadrão, nos reunimos na sala de planejamento. Era uma sala comprida e estreita, com bancos artesanais de madeira atravessados no centro, como em uma igreja. Na parte da frente

havia TVs de tela plana para apresentações em PowerPoint e vídeos de drones ou fotos de satélite. Mapas do Afeganistão e das regiões de fronteira pendiam das paredes, do lado oposto dos diagramas que indicavam os principais atores das várias redes do talibã e da al-Qaeda que eram nosso alvo.

A sala estava lotada. Só dava para ficar de pé. O comandante do esquadrão começou a fazer seu resumo. Uma fonte dizia ter visto Osama bin Laden, o líder da al-Qaeda, próximo a Tora Bora, mesmo local em que forças norte-americanas quase o capturaram em 2001.

A Batalha de Tora Bora teve início em 12 de dezembro de 2001 e durou cinco dias. Acreditava-se que Bin Laden estava escondido nas montanhas de Tora Bora, que em pashto quer dizer "caverna negra". Suspeitava-se que estivesse em um complexo de cavernas nas Montanhas Brancas, próximo ao passo Khyber. Seu quartel-general, segundo rumores, era um complexo de vários andares equipado com energia hidrelétrica oriunda de riachos das montanhas, com corredores semelhantes aos de hotéis e espaço para mil combatentes. O complexo de cavernas era sem dúvida um abrigo histórico para combatentes afegãos, e a CIA havia financiado muitas das melhorias feitas na região na década de 1980 com o objetivo de apoiar os mujahedin durante a invasão soviética do país.

Durante a batalha em 2001, as tropas descobriram imensos depósitos de armas, que guardavam mísseis Stinger dos anos 1980. As forças norte-americanas e afegãs destruíram as posições do talibã e da al-Qaeda, mas não conseguiram matar ou capturar Bin Laden. Ele havia fugido para o Paquistão. Naquele momento, a fonte da CIA dizia que ele estava voltando ao Afeganistão.

"Um homem alto vestindo uma túnica branca esvoaçante foi visto em Tora Bora", disse o comandante. "Talvez ele tenha voltado para o combate final."

Eu não estava tão animado assim.

Havia alguma coisa errada. A operação se baseava numa única fonte, que alegava ter visto um homem alto vestindo uma túnica branca esvoaçante. Informações de inteligência baseadas em uma única fonte quase nunca eram precisas, e geralmente não bastavam para nos convencer a lançar uma operação.

Sem nenhuma outra fonte para confirmar o relatório, lançamos dezenas de drones ISR na área. Eles voaram dia e noite sobre Tora Bora sem avistar nada significativo. O engraçado é que o pessoal da inteligência e os planejadores do alto escalão parecem pensar que não é possível ouvir os drones. A verdade é que é possível, sim. Os drones voam por entre as montanhas e soam como

um cortador de grama cruzando o ar. No Afeganistão, esse som só pode significar uma coisa: um drone norte-americano. Lance algumas dezenas deles e qualquer um na área irá saber que tem alguém olhando.

O lançamento da missão foi programado para dali a alguns dias, mas estávamos prontos já na primeira noite. Estávamos nisso havia um bom tempo, então não precisávamos ser avisados com muita antecedência. Pensávamos rápido, e não era necessário tanto tempo de preparação para planejar e executar a missão. Mas estar pronto depressa não era na verdade muito importante, porque a operação vivia sendo adiada.

Dia após dia havia uma nova desculpa.

"Estamos esperando os bombardeiros B-1."

"Os Rangers ainda não estão posicionados."

"As Forças Especiais estão se dirigindo à área com as unidades afegãs."

Os atrasos vinham de cima. Parecia que todos os generais no Afeganistão queriam estar envolvidos na operação. Unidades de todos os serviços foram incluídas. Até mesmo o M142 High Mobility Artillery Rocket System, do Exército, montado para lançar mísseis de longa distância, teria sua parte na missão. Ele estava a postos para lançar uma barragem de foguetes na área a fim de proporcionar fogos pré-ataque pouco antes da entrada dos Fuzileiros, de helicóptero.

A cada atraso, aquilo que chamamos de "ideia mirabolante" ganhava força. Oficiais e planejadores começaram a imaginar cenários malucos a serem enfrentados na missão, e por algum motivo isso sempre implicava mais equipamentos para carregar.

Além das unidades extras, o FBI enviou de Washington seus especialistas em DNA. Além disso, alguém havia gastado 30 mil dólares em um mapa 3D do vale, que surgiu certo dia apenas para ficar encostado ao fundo da sala de discussões, sem uso. A única vez que olhamos para ele foi para saber como era exatamente um mapa de 30 mil dólares.

Após alguns dias de espera, eu estava perto da fogueira no centro do acampamento. Estávamos sentados, conversando sobre toda a loucura ao nosso redor, quando um companheiro se aproximou.

"Ei, cara, o chefe veio atrás de você?", perguntou ele.

"Não", respondi. "O que foi que aconteceu?"

"Não tenho certeza, mas acho que vocês não vão mais participar da missão e estão sendo alocados para fazer algo um pouco diferente."

Fiquei curioso e fui até o centro de operações, onde era possível ver que o

trabalho não parava. Havia cerca de doze TVs de tela plana na parede, cada uma apontada para uma direção diferente. Vi meu chefe em sua cadeira no canto e fui até ele.

"Qual é a novidade, irmão?", perguntei. "Ouvi dizer que estava me procurando."

"Aconteceu uma coisa, e você e Walt vão trabalhar com uns caras e quem sabe ajudá-los a conduzir alguns alvos", disse o chefe. "Conseguimos um avião para hoje à noite. Uma vez lá, vocês vão estabelecer ligação com seu contato e seguir até a região fronteiriça perto de Tora Bora. Precisamos que coordenem as posições de bloqueio. Se houver fugitivos, poderão garantir que não escapem novamente."

"Devo levar meu equipamento?", perguntei.

"Sim. Leve todo seu equipamento operacional", disse ele. "Como tanto você quanto Walt são JTACs, poderão ajudar na coordenação dos ataques aéreos e passar informações dos drones para os soldados em terra."

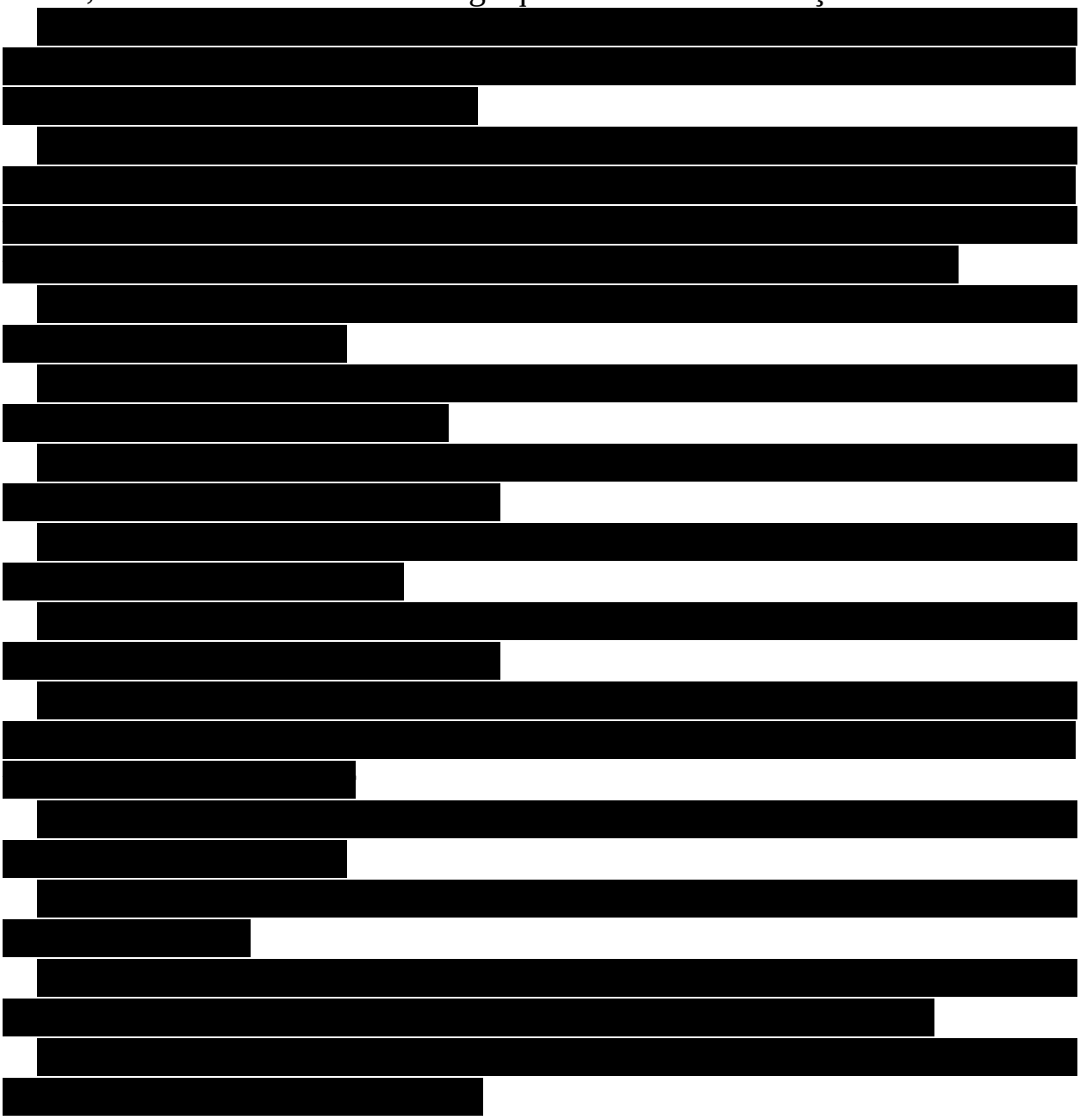
Walt ia ser meu colega de nado, uma técnica ensinada a nós durante o BUD/S. Os Seals nunca vão a lugar algum sozinhos. Desde o primeiro dia na praia durante o BUD/S, formamos par com um colega de nado. O Exército utiliza o mesmo princípio, mas lá eles são chamados de "parceiros de batalha". Em missões no exterior ou de treinamento nos Estados Unidos, seu colega de nado sempre oferece cobertura.

Mas a ideia de ter um colega de nado significa muito mais do que isso. Ele defende o que é melhor para você e não tem medo de lhe dizer a verdade. Seu colega de nado não é seu chefe ou subordinado. É seu colega. Verifica seu paraquedas, escuta seus planos e geralmente é o primeiro a lhe dizer: "Porra nenhuma, isso é idiotice".

Obter sucesso é muito mais fácil quando há alguém para responsabilizá-lo. Ter um colega de nado é uma via de mão dupla, porque além de ter que ser honesto e se comunicar com o outro, você também precisa escutar. Caso contrário, a mensagem se perde. Ao longo da minha carreira, aprendi a valorizar meu colega de nado sobretudo nos momentos em que negociávamos as políticas do comando. Eu precisava de um colega que me desafiasse.

Steve, o líder de equipe de Walt, foi meu colega de nado durante a maior parte da minha carreira. Estávamos juntos no S&T e crescemos no mesmo esquadrão. Podíamos falar abertamente um com o outro, e quando ele me dizia que eu estava fazendo merda ou sendo muito emotivo com relação a um problema, eu escutava.

Na sua vida profissional, você quer sempre contar com pessoas honestas, que irão avisá-lo quando você estiver fazendo merda. Mas um colega de nado não é apenas o cara que irá avisá-lo quando você estiver fazendo besteira, é também o cara que, sem hesitar, lhe dará cobertura quando as coisas ficarem complicadas. Ele não trai sua confiança quando você comete um erro, não se afasta quando você precisa de ajuda. Colegas de nado são amigos, mentores e, em última instância, pessoas em quem você pode confiar caso precise saber se está cometendo uma loucura. É possível confiar neles cegamente, e, como no BUD/S, eles nunca estão muito longe quando as balas começam a voar.



[redacted]

Walt ia ser meu colega de nado.

Voltei correndo para meu quarto e arrumei minhas coisas. A base fora construída para abrigar duzentas pessoas, mas em uma semana a população havia aumentado para quase setecentas. O refeitório estava sempre lotado. Não havia espaço. Banhos quentes viraram um luxo. No início, nunca havia água quente, depois não havia mais água. Depois, os banheiros pararam de funcionar.

À noite, sentávamos ao redor da fogueira no centro do complexo e ríamos do quanto a missão tinha se tornado gigantesca. A operação começaria com uma enorme campanha de bombardeios. Mais bombas seriam lançadas em Tora Bora do que haviam sido lançadas em todo o Afeganistão desde o início da guerra.

"Já poderíamos ter ido e voltado", disse-me Walt certa noite. "Toda essa comoção vai acabar expondo nossos planos. Droga, vou ficar surpreso se ainda houver alguém nas cordilheiras. Eu sem dúvida já teria ido embora se estivesse ouvindo drones sobrevoando minha casa há uma semana."

Toda aquela confusão em nosso complexo chamou a atenção dos afegãos que trabalhavam no acampamento. É difícil manter qualquer coisa em segredo quando se tem nada menos que cinquenta afegãos locais trabalhando ao seu lado, bombeando os banheiros, enchendo os barris de água e construindo coisas. Nenhum de nós tinha a menor dúvida de que todos sabiam quem éramos e que estávamos planejando algo grande.

Além disso, a cada dia que a missão era postergada, havia mais chances de acabar vazando. Sentados na zona aérea à espera do avião, Walt e eu tínhamos o mesmo sentimento sobre a missão. Ela não estava sendo produtiva.

"O que vai acontecer é o seguinte", falei, por fim. "Eles vão aterrissar e ficar uma semana escalando montanhas. É uma viagem de acampamento multimilionária."

Walt concordou.

"Eu não gostaria de estar no lugar deles", disse. "Pelo menos a nossa viagem vai ser uma aventura."

Estávamos seguindo para mais um país da Ásia Central. No caminho,

passamos uma noite na capital e depois voltamos em direção à fronteira. Mas, em nossa primeira parada, as autoridades paquistanesas disseram que Walt teria que ficar para trás. Eles só permitiriam que um de nós se juntasse a suas forças estacionadas na fronteira. Como eu era o mais velho na hierarquia, a incumbência coube a mim. Não gostei muito da ideia de ir até a fronteira sem meu colega de nado, mas não tive escolha.

Após mais uma noite em Peshawar, fui até o aeroporto a fim de pegar o helicóptero para a base do outro lado da fronteira com Tora Bora. Em vez de Walt, um oficial da CIA chamado Harvey e um técnico de comunicações da unidade juntaram-se a mim. Eu havia conhecido Harvey na embaixada. Era um sujeito alto e magro e usava cabelos curtos com penteado no estilo da Marinha.

Ex-oficial de artilharia, ele usava o uniforme "de guerra" da CIA, que consistia em calças táticas 5.11, camiseta polo North Face e botas de escalada. Eu já tinha trabalhado com a CIA antes e queria sentir qual era a desse cara. Seríamos "colegas de nado" durante a semana seguinte, mas eu não sabia se ele entendia esse conceito da mesma forma que eu.

"Então, cara, qual é a sua tarefa?", perguntei.

Harvey deu de ombros.

"Já esteve nessa área antes?"

"Não", disse ele. "Fiquei na embaixada por um tempo, mas esta é minha primeira vez nesta parte do país."

"Ótimo", pensei, "mais um sem experiência." Esta seria a primeira vez que ele estaria perto de uma guerra de verdade. Como eu trabalhava na estação externa, passava muito tempo com a agência. Todos eles pareciam ter vários diplomas, mas nenhum bom senso quando se tratava do Afeganistão. Passavam a maior parte do tempo brigando entre si. Pela minha experiência pessoal, tratava-se de uma tremenda guerra para ver quem mijava mais longe.

No aeroporto, sentamos na pista e esperamos nosso helicóptero chegar. Administrar cronogramas apertados e chegar aos lugares no horário certo eram coisas com as quais o Paquistão definitivamente não estava acostumado.

Depois de várias horas sentados esperando, fomos recebidos por um grupo de oficiais que nos apressou até o helicóptero de carga MI-17 mais deteriorado que eu já tinha visto. De fabricação russa, o MI-17 não se parecia em nada com os helicópteros norte-americanos, e sim com um inseto gordo de corpo bulboso e cauda saliente. A tinta estava descascando nas laterais e a cabine,

escorregadia em algumas partes por causa de um vazamento de óleo ou algum outro fluido. Encontrei um espaço no chão perto da parte de trás e torci pelo melhor.

Harvey entrou logo depois, seguido pelo técnico de comunicações.

O helicóptero ganhou vida lentamente enquanto decolávamos e subíamos ao céu. Tentei relaxar e não pensar no fluido hidráulico que vazava do teto enquanto voávamos. Havia outra coisa errada. O helicóptero parecia inclinado para a esquerda. Nós sequer estávamos no equilíbrio certo.

O chefe da tripulação começou a mover caixas de comida, maletas Pelican e bolsas com equipamentos de um lado para o outro, numa tentativa de equilibrar o veículo. Por mais que tentasse, o helicóptero não ficava equilibrado. Em meio ao deslocamento de caixas, começou a preparar chá em uma pequena chaleira elétrica. As duas primeiras xícaras foram para os pilotos, servidas em uma pequena bandeja de prata. As outras duas eram para Harvey e eu, mais uma vez servidas na mesma bandeja.

Tomei o chá e tentei não pensar que o helicóptero ia bater. Perto de mim, Harvey estava sentado em silêncio, olhando para fora pela janela. Era difícil conversar com o barulho do motor.

Aterrissamos na base sem nenhum incidente. Os oficiais em terra estavam apreensivos. Quando tentei ajudar a descarregar as malas, me mandaram embora e me escoltaram até um caminhão perto dali. Um capitão me cumprimentou. Tinha a pele escura marcada pelo sol. Um bigode bem-feito cobria seus lábios.

Ele parecia nervoso e agitado.

“É melhor você ficar no caminhão”, disse. “Meus homens levarão suas coisas até sua área.”

O comboio serpenteou do campo de pouso até uma estrada esburacada que levava a um amontoado de prédios. A base não era em nada parecida com nossa base no Afeganistão. Era bem aberta, sem paredes, e ficava no sopé de uma bacia rodeada por montanhas. Estávamos tão perto de Tora Bora que eu conseguia literalmente enxergar as montanhas à distância e ver as bombas explodindo.

Os caminhões pararam em um prédio escondido atrás de uma cerca. Ainda ficava na base, mas longe o suficiente para que não fôssemos vistos com facilidade. Enquanto o técnico de comunicações montava todos os rádios e computadores, encontrei um quarto vazio e comecei a desfazer as malas.

O prédio em forma de ᴜ era feito de concreto. A maior parte dos quartos

estava vazia. Cada um de nós tinha um quarto com beliche, mas sem colchão, somente um box sobre uma estrutura metálica. Harvey entrou no meu quarto.

“Eles te deram algum lençol?”, perguntou, dando uma olhada em meus equipamentos e rifle sobre a cama.

“Não”, respondi. “Vou usar meu saco de dormir e a esteira que trouxe na mala.”

Ele parecia incomodado. Deu uma olhada para trás para o corredor e depois para mim novamente.

“Você acha que eles têm lençóis?”

Um pelotão de soldados chegou para nos dar proteção. Moravam em uma casa ao lado, mas mantinham soldados a postos no telhado e em patrulhas itinerantes ao redor do prédio 24 horas por dia.

Eu não achava que teriam lençóis.

“Duvido”, falei. “Mas não custa perguntar.”

Ele saiu e retornou cerca de meia hora depois, com uma trouxa de lençóis nas mãos.

“Eles têm lençóis, se você quiser”, disse. “Tiveram que dar a volta na base para achá-los. São meio brutos.”

Eu não ia pedir lençol a ninguém de jeito nenhum. Sendo colega de nado de Harvey, deveria tê-lo repreendido, mas acho que fui pego de surpresa por sua total falta de consideração. Ele parecia pensar que os soldados estavam ali para nos servir. Nós éramos os visitantes e deveríamos nos contentar com o que nos dessem. Eu sabia que não iríamos morar no Four Seasons, então havia feito as malas tendo isso em mente e não pretendia criar confusão. Meu colega de nado já passava a impressão de ser o norte-americano arrogante.

Logo ficou claro que a missão estava fora da zona de conforto de Harvey. Isso não era o que ele tinha sido treinado para fazer. Ele parecia mais preocupado em se sentir confortável e não muito focado no objetivo. Meu objetivo era construir um bom relacionamento com os soldados, porque se avistássemos fugitivos tentando escapar na próxima campanha de bombardeio, poderia tirar vantagem desse relacionamento e esperar que permitissem que me juntasse a eles na operação.

Naquela noite, me juntei aos soldados para o jantar. Comemos ensopado de frango com pão típico da região e várias porções de verduras e legumes frescos. Sentamos ao redor de um cobertor, sem sapato, e comemos com as mãos. Alguns soldados falavam inglês, e passamos o jantar conversando sobre a área, sobre como havia sido um lindo local turístico anos antes. Agora

era uma área controlada pelo talibã e não mais um local seguro.

Harvey também fora convidado para o jantar, mas recusou o convite e preferiu ficar no quarto comendo comida pronta. Apareceu depois do jantar em busca de açúcar para o café. O único açúcar que tínhamos era mascavo, que ele relutantemente despejou em sua xícara.

“Prefiro o granulado, consegue me arranjar um pouco desse tipo de açúcar?”, perguntou ao oficial responsável pela vigilância.

Ele não estava fazendo amigos, e no terceiro dia era possível ver quanto os oficiais desgostavam dele. Quando Harvey não estava no centro provisório de operações, estava no quarto. À noite, usava shorts de corrida que mal lhe cobriam a virilha e uma camiseta regata que deixava à mostra os braços finos e pálidos. Sua inabilidade para construir bons relacionamentos era impressionante.

E nada disso era tão complicado assim.

As Forças Especiais do Exército recebem treinamento intensivo para lidar com a população local, mas tudo isso era novidade para mim também. No entanto, acho que o fato de ter sido criado numa aldeia de esquimós no Alasca acabou se refletindo na minha atitude. Eu me sentia confortável em lidar com culturas estrangeiras. Não era muito diferente de fazer amigos na escola ou no trabalho. Basta que seja você mesmo, uma pessoa aberta e um bom visitante.

Para um cara que trabalhava numa agência cuja função era recrutar fontes e angariar a confiança da população local, Harvey não tinha a menor noção de nada. Vivia ofendendo aqueles que nos recebiam. A começar pelos lençóis, passando pelo açúcar, até a camiseta regata, Harvey destruía todas as pontes que eu tentava construir.

Ele estava tornando impossível que eu conquistasse a confiança das pessoas. Ainda que eu mantivesse um bom relacionamento com os soldados, quando Harvey entrava no recinto o clima mudava. Os soldados se fechavam e ficavam formais. Sua linguagem corporal entregava o desprezo que sentiam pelo funcionário da CIA. Ele não assumia nenhuma responsabilidade por suas ações, pensava apenas em si, e não na missão. E, ao agir desse modo — ao ter esse tipo de mentalidade, que é a antítese da filosofia do Seal —, prejudicava o sucesso da missão. Na comunidade de Harvey havia pouco trabalho em equipe, o que para mim era estranho, porque o trabalho em equipe é a base da comunidade Seal. Nessa altura da minha carreira, eu só havia trabalhado em equipes fora de série. Droga, até mesmo ao trabalhar

com o grupo tático polonês GROM, na Operação Liberdade do Iraque, minha primeira missão, eles tinham uma sintonia perfeita com nossos pelotões Seal. Imaginei que todos fossem como nós.

Também sabia que, se meus colegas de equipe obrigassem qualquer combatente a atravessar a fronteira, de forma alguma me deixariam ir junto. Mas já não sabia mais se queria ir a campo tendo Harvey como colega de nado. Sentia falta de Walt.

Com a missão em andamento no lado afegão da fronteira, sentei no nosso pequeno centro de comando e examinei os relatórios do ISR. A julgar pelo tráfego de rádio e pelo que eu via nas telas, não parecia haver movimento de pessoas na minha direção. Na verdade, não parecia haver movimento de pessoas em toda a Tora Bora.

Meu esquadrão atacou a parte alta da cordilheira deserta de Tora Bora no dia seguinte à minha partida. Montaram uma base de patrulha no local e a partir dessa base começaram a vasculhar a área. A especialista em DNA do FBI chegou na terceira leva de helicópteros e logo se sentiu indisposta devido à altitude. Teve de ser evacuada doze horas depois.

Algumas vezes durante a missão, chamei os oficiais após um dos Predators ter avistado um grande grupo de homens armados se movimentando pela fronteira, apenas para ouvir deles que o grupo fazia parte das forças nacionais do Paquistão. Certa vez, os Predators avistaram o que parecia ser um acampamento perto da fronteira. Eu podia ver barracas e vários homens armados andando na área. Eles não pareciam estar usando uniforme, mas, depois de checar com nosso anfitrião, ele nos informou que tratava-se apenas de um posto de controle.

Após vários dias com pouca ou nenhuma atividade e a operação começando a desacelerar, os militares paquistaneses avisaram a embaixada que não nos queriam mais lá. No dia seguinte, Harvey e eu fizemos as malas e subimos a bordo do mesmo MI-17 deteriorado que nos havia trazido. Enquanto tomava uma xícara de chá, eu observava as montanhas passando rapidamente à medida que o helicóptero — ainda um tanto ridículo — nos levava de volta para a capital, onde reencontrei Walt. Estávamos ambos frustrados e prontos para voltar a trabalhar de verdade.

Contei a Walt sobre Harvey e percebemos a sorte que tínhamos por estar em uma unidade em que nosso colega de nado faria qualquer coisa por nós. Não houve Revisão Pós-Ação entre Harvey e eu, nem oportunidade para conversar sobre o que aprendemos. Ele não estava interessado em ser um

bom companheiro de equipe e nunca senti que estivesse lá por mim. Eu estava feliz por nunca mais voltar a vê-lo.

Embarcamos em um avião de volta para o Afeganistão. Walt e eu estávamos retornando com alguns diplomatas e soldados. Assim que me acomodei na poltrona, a porta da aeronave se abriu e o jovem funcionário do Departamento de Estado que nos havia levado até o avião subiu de volta a bordo.

Ele havia organizado o voo, mas agora parecia pálido e nervoso. Logo atrás dele havia vários oficiais aduaneiros com fuzis AK-47. Pelo que entendi, queriam saber quem estava no avião, e o funcionário do Departamento de Estado não tinha nenhuma resposta. Não tinha mais do que 25 anos e provavelmente estava no país havia apenas alguns meses.

Walt e eu tínhamos nossas armas, explosivos e todo nosso equipamento nas bolsas. Tínhamos levado todo o equipamento necessário para ir a campo, como nos havia sido ordenado.

"Deixem todas as suas coisas", disse o funcionário do Departamento de Estado. "Eles me disseram que o avião pode partir, mas só se todos descerem. Vocês têm que sair do avião imediatamente."

Eu podia ver a tensão em seu rosto. Ele não parava de olhar para trás para os oficiais. Havia alguma coisa muito errada. Olhei para os guardas. Eles pareciam bravos.

Enquanto os outros se levantavam para sair, Walt e eu escondemos nossas pistolas nas bolsas e seguimos o funcionário do Departamento de Estado. Do lado de fora, na pista, um guarda enfiou uma pistola na minha cara e começou a gritar com o grupo. Levantei as mãos e sorri. Era estranho não estar com a minha pistola. Não que eu fosse começar a brigar com inspetores da alfândega, mas a arma era uma segurança. Sem ela, eu me sentia nu. Pude ver Walt avaliando os guardas e a situação. Ele sempre foi o pequeno sujeito com grande personalidade.

Alguns anos antes, convidei Walt para ir comigo à SHOT, uma feira comercial de tiro em Las Vegas. Normalmente íamos lá para conversar com fornecedores e ver os novos equipamentos e armas disponíveis no mercado.

No primeiro dia, apresentei Walt aos fornecedores. No segundo dia, meus contatos me perguntavam onde ele estava. Na terceira noite, após a feira, num bar, encontrei Walt conversando com executivos da Associação Nacional do Rifle. Ele tinha um charuto na boca e distribuía tapinhas nas costas e apertos

de mão como se estivesse concorrendo para presidente.

Mas bastava olhar para os guardas aqui para saber que a força de persuasão de Walt não ajudaria dessa vez. Estávamos em uma grande enrascada. Não sabíamos o que estava acontecendo, mas, ao que tudo indicava, não íamos conseguir sair dessa na base da conversa.

Fomos levados para uma sala de espera perto da zona aérea. Walt se sentou na cadeira ao meu lado. Eu só conseguia imaginar seu sorriso de exasperação por baixo da barba. Ele manteve a cabeça e os olhos baixos.

"Isso é ridículo", reclamou.

Alguns diplomatas e soldados mais jovens começaram a mostrar sinais de estresse. Estavam cada vez mais perturbados. O funcionário do Departamento de Estado que havia nos tirado do avião não estava na sala, então para mim isso era um bom sinal. Minha esperança era que estivesse resolvendo os problemas. Olhei para o nosso grupo e notei algumas pessoas muito preocupadas.

"Ei, rapazes, temos que relaxar, tenho certeza de que esse problema está sendo resolvido neste exato momento", falei. "Vamos apenas ficar quietos e aguardar mais informações."

Havia vários guardas armados com fuzis AK-47 na sala, e eu tinha certeza de que falavam inglês. Eles não apenas nos vigiavam, mas também escutavam tudo o que dizíamos, esperando alguém dar um fora e dizer algo indevido.

Ficamos esperando na sala por quase uma hora. Guardas continuavam chegando e exigindo nossas carteiras de identidade militar ou passaportes. Depois de fazerem cópias desses documentos, acho que queriam nossas carteiras de motorista e qualquer outro documento que tivéssemos em mãos.

A cada vez que isso acontecia, eu mostrava o documento, apenas para tê-lo arrancado da mão pelo guarda. Ele murmurava algo em urdu e ia embora. Minha mente girava. Por que o avião tinha ido embora sem nós? O que exatamente eles estavam procurando? Por que nos incomodavam? Comecei a me perguntar se eu tinha imunidade diplomática.

Em seguida, o funcionário do Departamento de Estado voltou com os guardas. Ninguém parecia feliz, mas o rosto do funcionário não estava mais pálido. Não parecia mais exausto, como antes, apenas cansado.

"O.k., podemos ir", disse ele. "Vamos até a van. Eles vão nos deixar voltar para a embaixada."

Quando passamos, a cara sisuda do guarda ficou mais séria. Walt e eu puxamos o funcionário de lado na van. Queríamos saber o que tinha

acontecido e onde estava nosso equipamento. Nunca havíamos viajado sem nossas armas e equipamentos, e parecia errado deixá-los para trás.

“Qual é o problema?”, perguntou Walt.

“Finalmente consegui falar com meu chefe na embaixada e ele deu alguns telefonemas”, disse o funcionário. “O avião foi autorizado a partir, mas seu equipamento terá que encontrá-los no Afeganistão.”

“O.k., então nosso equipamento está a salvo. Mas que porra foi isso tudo?”, perguntei, irritado.

O funcionário voltou a ficar nervoso. Balbuciou algo sobre uma confusão. Virei-me e olhei para Walt, e soube na hora o que ele estava pensando. Toda aquela explicação era suspeita.

“Aposto que você fez merda e esqueceu de registrar alguma papelada”, disse para o funcionário.

Ele não respondeu. Continuou falando sobre nos levar de volta para casa.

“Preciso resolver algumas questões, então talvez leve alguns dias até conseguirem voltar ao Afeganistão”, disse ele.

Após alguns dias na embaixada americana, fomos autorizados a sair. Walt e eu desembarcamos de volta no Afeganistão uma semana depois e não poderíamos estar mais felizes. Havíamos tido uma boa experiência sobre como era trabalhar sem um colega de nado, e nenhum de nós queria repeti-la tão cedo. Enquanto fui obrigado a conviver com uma versão horrível de um colega de nado, Walt tinha ficado na embaixada sem ninguém. Sem missão e sem apoio. Sua única atividade era fazer hora. Além de felizes por estarmos juntos novamente, também estávamos muito agradecidos pelo apoio um do outro.

No fim das contas, a Força Aérea basicamente atacou algumas montanhas em Tora Bora e meus colegas de equipe ficaram acampados por uma semana. Não havia qualquer sinal de homem algum vestindo uma túnica branca esvoaçante. Continuo achando que aquela fonte única de informação era uma merda desde o início. Nunca mais esquecemos a “túnica branca esvoaçante”, e desde então a expressão se tornou uma gíria para designar uma missão toda errada desde o início.

Eu também me lembraria da missão por outro motivo. Trabalhar sem confiança, sem comunicação eficiente e sem poder chamar meu parceiro de lado e ser franco com ele — e em troca receber um retorno sincero — foi difícil para mim. Bom, ruim, o que quer que seja, seu colega de nado está lá para protegê-lo, incentivá-lo, dar conselhos, avisar quando você faz merda e,

o mais importante, quando você precisa de ajuda.

10. Conforto no desconforto

Desconforto

Fazia frio como no Alasca.

Não um frio mais ou menos.

Não um frio parcial ou do tipo que faz você pensar que poderia sair sem luvas e gorro.

Estou falando de um frio de rachar, que dói na alma.

Eu não conseguia sentir os dedos dos pés, e os das mãos estavam dormentes, apesar das luvas grossas e dos aquecedores de bolso. O metal do rifle machucava minha pele de tão gelado, e eu alternava as mãos dentro do bolso na esperança de conseguir puxar o gatilho quando chegássemos ao alvo.

Era 2009 e estávamos em uma missão de inverno. Nossos analistas de inteligência estavam monitorando um grupo de combatentes em um vale ao sul de Cabul. Acertamos um par de alvos decentes, mas fora isso nada de mais. As missões de inverno eram sempre demoradas por causa do tempo. Os combatentes de nível inferior deixavam suas armas de fogo de lado durante o frio e aguardavam a primavera.

Nossos analistas estavam monitorando um comandante talibã de alta patente. Fazendo uso de vários recursos, inclusive drones, haviam sido capazes de localizá-lo. Através dos dados fornecidos pelo drone, pudemos ver que o comandante estava viajando com um grande grupo de homens e que estavam escondidos em um edifício no centro de uma aldeia.

Fomos informados de que o comandante e seus combatentes haviam sido responsáveis por uma série de ataques no vale, com várias vítimas entre os soldados da Coalizão. Nessa altura, havíamos recolhido informações suficientes e tínhamos certeza de que poderíamos efetuar um ataque com mísseis. Afinal, não havia nenhuma razão para sair no frio e arriscar a vida em um tiroteio se fosse possível simplesmente apertar um botão e soltar uma bomba.

Mas esses caras não eram soldados típicos do talibã. O comando passava de mesquita em mesquita e de aldeia em aldeia, jamais ficando muito tempo em qualquer um desses lugares. Eles haviam sido treinados e conheciam nossas limitações. O talibã estava ficando cada vez mais inteligente no modo

de reagir a nossas táticas. Eles sabiam que, com as atuais regras de engajamento, não poderíamos bombardear uma mesquita e nem mesmo invadi-la. Assim, nunca se expunham tempo suficiente para que tivéssemos uma chance.

Isso significava que provavelmente teríamos que sair no meio do inverno e caçá-los. O combate em si já era perigoso o bastante, e mais ainda com neve até a cintura e temperaturas congelantes.

A começar pelo BUD/S, os Seals são ensinados a sentir conforto no desconforto. Desde os treinamentos, em que os instrutores amarram nossas mãos e pés e nos atiram na água, até a Semana do Inferno, em que passamos cinco dias e meio nadando, correndo e nos movendo com menos de quatro horas de sono no total, os Seals experimentam uma série de condições desconfortáveis.

Ao menos em parte, ser um Seal significa superar o frio, o cansaço, o medo, o estresse e a dor. É fácil perder o foco, a força de vontade e a determinação quando a situação é desconfortável. Sabemos desde o início que nem tudo que fazemos nesse trabalho vai ser confortável.

Nem tudo vai ser fácil.

Durante o BUD/S, eu me concentrava apenas em aguentar até a próxima refeição. Se conseguisse até o café da manhã, aí começava a pensar no almoço. Depois do almoço, focava no jantar. Se começasse a pensar nas semanas e meses de desafios desconfortáveis à minha frente, perdia o foco, e aí não pensava.

Esse tipo de mentalidade veio a calhar durante essa missão. À medida que eu marchava em direção à aldeia, quebrava a missão em pequenas etapas. Primeiro realizar a patrulha. Em seguida, atacar o alvo. Então, ir para casa e me aquecer. Mas, naquele momento, eu ainda estava na primeira etapa. Sabia que tinha que definir pequenas metas e alcançá-las. E, ao longo do caminho, poderia esquecer que estava infeliz.

Existe uma razão para termos escolhido “O único dia fácil foi ontem” como nosso lema. Costumávamos brincar, dizendo que “Todo mundo quer ser um Seal na sexta-feira”. Era fácil ser um Seal no bar ou ao sair com os amigos para relaxar. Mas estar empolgado em ser um Seal no meio do inverno no Afeganistão, tendo uma noite longa, louca e fria pela frente, aí a história é diferente.

Os analistas continuaram a observar o comandante se deslocando na aldeia durante o dia, de um edifício para outro. Quando escureceu, seu grupo subiu

ainda mais o vale e entrou no que poderia ser uma mesquita. Pelos dados do drone, era difícil dizer qual daqueles prédios enlameados era de fato a mesquita.

Encolhi-me no centro de operações com Steve e vi combatentes marchando por uma trilha de cabras, indo de complexo em complexo. Enquanto caminhavam, o último cara na fila ficou um pouco mais para trás, certificando-se de que ninguém os seguia. Eles andavam em fila; não eram o típico bando de agricultores caminhando na estrada. Observei com atenção, olhando cada soldado em linha até descobrir o cabeça do grupo. Ele estava bem à frente do grupo principal e procurando possíveis forças da Coalizão, esperando para emboscá-las.

"Vamos bombardear esses caras", disse Steve, enquanto via os soldados entrando na aldeia.

"Não estou vendo nenhuma arma", disse um dos analistas de inteligência. "Sem arma, sem ataque. Além disso, eles muito raramente tiram civis dos edifícios por tempo suficiente para que possamos coordenar um ataque aéreo."

Impotentes, observamos os combatentes entrincheirados no que pensamos ser outra mesquita. Enquanto a maioria entrou para se aquecer, três ficaram do lado de fora para vigiar. Dois deles começaram a andar para cima e para baixo na estrada principal e o terceiro se sentou do lado de fora da entrada principal do edifício. Podíamos não estar vendo as armas, mas aqueles homens sem dúvida eram guardas. Não havia outra razão para ficar do lado de fora tendo em vista as condições climáticas daquele dia. Quantas vezes encontramos combatentes talibãs fazendo segurança sem armas? Nunca.

Meu chefe de tropa pediu a avaliação de cada um de nós.

"O que acham, rapazes, podemos fazer isso?", perguntou.

Sabíamos da dura verdade: se não tomássemos uma atitude, os bandidos fugiriam. Realizariam mais ataques e bombardeios que por sua vez vitimariam as forças americanas e da Coalizão.

"Acho que eles preferem deixar a gente entrar e ter a chance de acertar pelo menos um de nós do que lançar uma bomba", disse Steve com uma pausa curta e um olhar de nojo. "Estamos todos de acordo que esse é um alvo maduro. Se não tomarmos uma atitude esta noite, vamos perdê-los."

Parou por um segundo.

"Estou dentro."

De certa forma, eu estava feliz. Aquela missão estava tranquila demais.

Todos nós queríamos sair da zona de conforto. Nosso trabalho era perigoso, sabíamos disso, mas preferimos trabalhar a ficar sentados sem fazer nada. Tédio era pior do que perigo.

Steve e eu éramos colegas de nado havia muito tempo e eu sabia que ele estava fazendo o mesmo checklist mental.

Era um bom alvo. A iluminação era fraca — não zero por cento, mas quase. O inimigo estava num ponto tão alto de um vale controlado pelo talibã que não estaria à nossa espera. Some-se a isso um frio congelante, ventania e neve e seria preciso ser louco para tentar essa missão. Eu adorava as missões mais difíceis. Minha mente vagou de volta para as condições terríveis e os dias gélidos no Alasca. Cresci nesse tipo de condições.

"O.k.", falei. "Vamos em frente."

Todos os líderes de equipe ergueram o polegar.

O comandante e o chefe de tropa deixaram o planejamento a nosso encargo. Steve e eu nos sentamos junto com o líder da equipe de reconhecimento e estudamos todas as possíveis rotas dentro e fora da aldeia. A posição atual do alvo era no final do vale.

Não havia nenhuma forma de pousar nossos helicópteros acima do alvo, e se pousássemos no cume do vale seguinte não teríamos como patrulhar aquelas montanhas extremamente íngremes, cheias de neve e escuridão.

Todos sabiam dos perigos de ser pego no vale após o nascer do sol. Com nossa pequena tropa, poderíamos rapidamente nos ver em uma posição muito ruim. Além disso, havia toneladas de neve, o que tornava qualquer viagem difícil, lenta e miserável.

Tínhamos apenas uma opção: voar e pousar bem abaixo no vale, longe o bastante da aldeia para que nossos helicópteros não fossem ouvidos pelos talibãs. O plano não tinha nada de especial: estávamos confiando em nossa capacidade de atirar, nos mover e comunicar. Era um plano bastante básico, e, além disso, tínhamos conduzido esse tipo de missão durante anos nos tempos de guerra. A única coisa diferente esta noite eram a neve e o frio.

Eu não gostava da ideia de caminhar até o vale, mas esperava que o clima frio mantivesse os bandidos dentro do prédio. Estávamos apostando em ser os únicos tolos o suficiente para estar do lado de fora.

Os helicópteros tinham aquecedores, mas eles nunca funcionaram muito bem e a viagem até o alvo foi um pesadelo. Sentamos amontoados com enormes jaquetas sobre os ombros. O truque era usar a quantidade certa de camadas, de modo que não ficássemos com muito calor durante a patrulha

nem congelados quando não estávamos nos movendo. Eu vestia a minha jaqueta Arc'teryx e luvas, mas nada nas pernas, exceto um par extra de ceroulas. Alguns caras usavam calças Gore-Tex, mas eu sempre sentia muito calor com elas.

"Um minuto", ouvi o chefe da equipe gritar quando a rampa do helicóptero começou a baixar na posição aberta.

Uma corrente de ar frio irrompeu na cabine enquanto eu tirava minha volumosa parca.

"Isso vai dar merda", pensei.

Eu podia dizer pelo ruído dos motores que estávamos perto de pousar. Do momento da primeira chamada até o pouso, olhei para fora pela janela. Tentei reunir o máximo de consciência situacional possível sobre aquela área. Nunca dava para saber que tipo de informação seria necessário em um tiroteio, especialmente se fôssemos emboscados na aterrissagem.

Naquela noite, tudo era branco. A neve cobria tudo e eu podia ver a lua brilhando acima do gelo. Foi lindo. A neve e as montanhas do Afeganistão rivalizam com algumas das melhores pistas de esqui dos Estados Unidos. Aquele lugar poderia ser um resort se os moradores não estivessem sempre tentando matá-lo.

Ao meu redor, meus companheiros tiraram as jaquetas e começaram a trabalhar a circulação das pernas. Pus o rifle no colo e segurei a barra do assento. Naquela missão, estávamos trabalhando com helicópteros da Guarda Nacional, que não tinham a mesma aviônica das aeronaves do esquadrão de operações especiais. Digamos apenas que os pousos não eram dos melhores. Aterrissamos com um baque e pude sentir as rodas do helicóptero derrapando enquanto ia para a frente.

Da minha posição, olhando para a rampa aberta do helicóptero, parecia que ela estava presa. Voltei a focar nos óculos de visão noturna e percebi que tínhamos pousado em um monte de neve tão funda que não seria possível abrir inteiramente a rampa. Os caras da equipe de treinamento começaram a escalar através da pequena abertura entre o topo da rampa e a porta do helicóptero.

Quando saímos, o ar estava absurdamente frio. Marchei através da neve que ia até a linha da cintura a fim de me afastar do rotor do helicóptero. Olhei para trás e vi meus companheiros descendo, um de cada vez. O vento do rotor lançava neve no meu rosto, equipamento e pescoço.

Comecei a me orientar e vi nossos atiradores avançando para uma posição

à minha frente. Só então o helicóptero foi ligado, soprando uma segunda porção de neve no meu pescoço. Permaneci onde estava, sem me mover, até que a neve cessou e o ruído do helicóptero diminuiu. À frente, os atiradores de elite começaram a abrir caminho. Felizmente, haviam se lembrado de trazer seus sapatos de neve. Começaram a removê-la para que pudéssemos sair da zona em que havíamos pousado.

Eu só queria andar.

Sabia, por ter passado a infância no Alasca, que o movimento era a melhor maneira de combater o frio. Quando finalmente chegamos à estrada, comecei a me sentir mais aquecido. Olhei por cima do ombro e vi a longa fila de homens, escura contra a neve branca, serpenteando seu caminho pela estrada. Além da minha tropa, tínhamos trazido um grupo de Rangers e alguns comandos afegãos.

A lua ainda brilhava, então havia uma boa quantidade de luar. Olhando através dos nossos óculos de visão noturna, a paisagem era superclara. Acima de mim, as estrelas pareciam eternas. Será que era assim que se sentiam os Chosin Few, na Coreia?

Os Chosin Few foram tropas da ONU, formadas na maior parte por fuzileiros navais, que lutaram na Batalha de Chosin Reservoir durante a Guerra da Coreia. Eram uma lenda em nosso círculo. Cercadas pelos chineses, lutaram no gelo e na neve durante dezessete dias antes de romper o cerco.

O clima e o terreno, em alguns aspectos, eram mais hostis do que o inimigo em si. A temperatura durante a noite batia os 35 graus abaixo de zero e mal chegava a zero durante o dia. As rações congelavam. Os motores dos veículos se recusavam a ligar de novo depois de serem desligados. Fuzileiros navais sofreram queimaduras causadas pelo frio.

Pensar nisso fazia nossa marcha parecer fácil.

Durante a Guerra da Coreia, os Seals não tinham as jaquetas top de linha Arc’teryx que nós tínhamos. Era assim que eu racionalizava em minha mente. Sabia que não podia me queixar disso, pois muitos soldados haviam sofrido mais no passado.

O frio naquela noite clara só aumentava. Não havia nuvens para reter nem mesmo a menor quantidade de calor. Deslizei uma mão de cada vez no bolso. Meus dedos procuraram o aquecedor químico que eu havia trazido.

Durante três horas patrulhamos o vale voltados para nosso alvo. A marcha foi simplesmente terrível. O clima era mais brutal do que eu tinha visto nos meus piores dias no Alasca, montado na parte de trás do veículo de neve do

meu pai. Não havia como evitar. Meus dedos petrificavam toda vez que os tirava do bolso. Rajadas de vento sopravam neve no meu rosto.

Mais à frente, eu podia ver enormes tufos de neve sendo soprados do topo das montanhas que se erguiam no fim do vale. A cada rajada, precisava fazer um esforço consciente para me concentrar na missão e não no frio. Estávamos no fundo de um vale controlado pelo inimigo, em desvantagem numérica e, ao que tudo indicava, seguindo na direção de combatentes empedernidos.

No rádio, os pilotos dos drones continuavam relatando a presença de apenas três guardas. O resto dos combatentes estava dentro do prédio.

"O prédio quentinho", pensei.

Fizemos uma breve pausa e um dos meus companheiros de equipe me estendeu uma balinha Atomic Fireball. Meus pés estavam dormentes de frio e eu relutava até mesmo em tirar a mão do bolso para aceitá-la.

"Talvez isso me aqueça", pensei, colocando a bala na boca.

No mínimo, ajudaria minha mente a focar na sensação de queimação na língua e não nos meus pés frios. Quando as coisas ficam terríveis, terríveis nesse nível, a única coisa a fazer é rir. As estradas estavam geladas e muito escorregadias. A cada cinco minutos, mais ou menos, um dos caras da patrulha escorregava e caía no chão. Eu ria comigo mesmo sempre que isso acontecia, até que eu mesmo escorreguei. Meu pé imediatamente começou a deslizar e eu sabia que estava indo abaixo.

BUM.

Caí de bunda, olhando para as estrelas. Podia sentir a neve fria encharcando as calças. Alguns caras riram quando me levantei. Carma é uma droga.

Conseguimos chegar ao ORP — o Ponto de Observação Exato —, a trezentos metros do alvo, onde paramos para fazer ajustes de última hora e nos preparar para o ataque. Relutante, deslizei as mãos para fora das minhas luvas grossas de inverno e para dentro das minhas luvas finas de tiro. Podia sentir o metal frio da arma através do material. Movimentei os dedos para a frente e para trás na esperança de aquecer as mãos, de forma que conseguisse operar o gatilho.

Conversei com o comandante de tropa, o chefe de tropa, Steve e os outros líderes de equipe para garantir que não havia mudanças de última hora. Atrás de mim, meus companheiros de equipe, os Rangers e os afegãos se ajoelharam e esperaram. Dois soldados da base militar mais próxima — os

donos do espaço de batalha — vieram conosco, para lidar com os anciãos da aldeia após nossa saída. Eles haviam chegado de helicóptero no último minuto, vestidos com roupas normais de frio. Eu podia vê-los tremendo e olhando ao redor, esperando para se mexer novamente. Se eu estava com frio, esses pobres desgraçados estavam quase congelados.

Havia um senso de urgência para recomeçarmos a nos mover o mais rápido possível. Confirmado nosso plano de ação, chegou a informação de que o prédio onde os combatentes estavam se escondendo era de fato uma mesquita. Isso mudou tudo. Eu podia ouvir o comandante de tropa pelo rádio tentando descobrir se tínhamos autorização para entrar e checar a mesquita ou se apenas os comandos afegãos poderiam fazer isso. Sabíamos que os bandidos estavam ali, e sabíamos que estavam ali de propósito, uma vez que os americanos não estavam autorizados a entrar nas mesquitas.

Depois de caminhar por mais de três horas, eu estava suado, e o suor começava a esfriar. Eu tinha tirado minha roupa mais quente a fim de me preparar para o ataque. Não queria vestir tudo de novo com medo de receber o sinal verde e ter que tirar tudo de novo.

À medida que a espera se arrastava, pessoas começavam a chegar ao local onde o comandante de tropa, o chefe de tropa e os líderes de equipe estavam reunidos. Primeiro, foram os afegãos. Costumávamos usar um oficial Seal para supervisionar os comandos afegãos. O oficial apareceu no ORP com o comandante afegão. Parecia irritado.

“Não fui capaz de detê-lo, eles querem saber o que está acontecendo”, disse o oficial.

“Fique calmo e relaxe, avisaremos quando estivermos prontos. Agora voltem para suas posições e aguardem o aviso”, disse o comandante de tropa.

Em seguida, veio o capitão Ranger. Ele se agachou a meu lado.

“Ei, o que está acontecendo?”, perguntou. “O que estamos fazendo?”

“Eles estão numa mesquita”, disse o comandante de tropa. “Aguente firme. Estamos estudando a situação e avisaremos quando estivermos prontos.”

O líder de pelotão Ranger voltou sem dizer uma palavra. Eu estava ficando irritado. Sabia que todo mundo estava congelando. Comigo acontecia o mesmo, mas agora, a apenas trezentos metros do alvo, não era o momento de começar a questionar as coisas. Nosso comandante e o chefe de tropa estavam operando os rádios, tentando obter autorização para prosseguir com a missão.

A voz do piloto do drone pelo rádio finalmente me libertou dos meus

pensamentos sobre uma praia tropical em algum lugar.

“Temos gente se movimentando”, disse o piloto. “Acabaram de sair da mesquita rumo ao norte, para fora da aldeia.”

“Entendido”, disse o comandante de tropa. “Consegue ver se há armas?”

Uma vez que a patrulha inimiga estava deixando a aldeia, talvez agora pudéssemos tentar um ataque aéreo. Tínhamos patrulhado no frio congelante quase a noite toda, mas não haveria necessidade de tiroteio se houvesse um jeito mais fácil.

“Negativo”, disse o piloto do drone. “Não conseguimos ver nenhuma arma.”

Olhei para Steve e quase ri.

“Seria possível haver alguém aqui, às três da manhã, em formação de patrulha, que não fosse bandido?”

Steve parecia bravo.

“Eles acabaram de sair de uma mesquita,”, disse Steve. “Foram vinculados a um comandante talibã. Três guardas ficaram do lado de fora a noite toda. Qual é a porra do problema?”

Por mais que quiséssemos pegar esses caras, sabíamos do perigo inerente de entrar em um tiroteio. Estávamos nos colocando em risco significativo, porque não tínhamos recebido permissão para soltar bombas.

Não sabíamos ao certo por que eles haviam decidido se mover. Será que alguma rede os havia alertado? É claro que havíamos aterrissado a quilômetros de distância do alvo para evitar que o ruído do helicóptero fosse ouvido, mas quem poderia garantir que não havia talibãs mais abaixo para alertá-los? A única coisa boa era que não precisávamos mais nos preocupar em receber autorização para entrar na mesquita.

Meu sangue agora fervia, então eu não sentia o frio. Cem por cento da minha atenção e foco estavam em me certificar de que minha equipe estivesse se movendo, alerta, na melhor posição tática. Andar na direção de um tiroteio pode aquecer o sangue. A longa e gélida caminhada até o alvo tinha chegado ao fim e agora era hora de nos concentrarmos na caça.

Decidimos seguir em frente. Em silêncio, avançamos para a aldeia, com cuidado para não fazer barulho. Não havia necessidade de acordar toda a aldeia nesse último segundo. O portão para a mesquita estava destrancado. Os afegãos entraram primeiro e começaram a verificar. Os norte-americanos — Rangers e Seals — ficaram do lado de fora esperando.

A busca levou alguns minutos e os afegãos não encontraram nada. Não

esperávamos que alguém tivesse sido deixado lá dentro, mas era preciso verificar.

Lá em cima, o drone acompanhava os combatentes, que caminhavam até uma colina próxima. Mais uma vez, nosso pedido para atingi-los com um míssil ou bomba foi negado. Eles não tinham armas visíveis. Não tínhamos escolha a não ser persegui-los e lidar com a situação de acordo com as normas.

Depois de cerca de quatro horas de caminhada, não estávamos apenas com frio, mas também cansados. Dava para ver que isso estava afetando a unidade de comando afegão que nos acompanhava. Eles não estavam sendo proativos, e tivemos que mandá-los ficar de guarda. Eles não estavam focados na missão. Queriam ir para casa.

Nossos atiradores encontraram o rastro do inimigo e lentamente começamos a caça. Depois de cerca de meia hora de caminhada, os pilotos dos drones mais uma vez relataram que a patrulha talibã havia chegado a um edifício e parado. Esperávamos que para desfrutar de uma boa noite de sono.

Pelo menos um guarda estava posicionado em uma pequena elevação com vista para o vale.

A única abordagem para o novo alvo era entre a elevação e uma pequena colina. Conforme avançávamos para a posição e começávamos a caminhar lentamente na direção do alvo, o guarda talibã nos viu. Eu estava bem na frente e vi quando ele se levantou e olhou para nós por um longo segundo. Pude ver um fuzil AK-47 pendurado em seu peito. Ele então se virou e correu em direção à casa, onde os amigos estavam dormindo.

O rádio rangeu em meu ouvido.

“Temos vários inimigos em movimento”, disse o piloto do drone. “Repito, temos vários inimigos em movimento.”

Estávamos no ponto mais baixo da elevação. Precisávamos chegar ao topo o mais rápido possível. Subindo depressa a colina coberta de neve, conduzi minha equipe até o final de uma linha de complexos oposta ao local para onde os inimigos estavam correndo. Não sentia mais frio. Não havia dúvida de que estávamos em vias de entrar em combate.

Os atiradores, na frente da formação, já estavam prontos. Quando cheguei ao topo da colina, pude ouvir seus rifles disparando. Vi dois combatentes numa frenética corrida, tentando chegar a uma colina ao lado. Nossos atiradores os acertaram como se fossem bonecas de pano, a uns 130 metros de distância. Os outros combatentes pararam de correr e mergulharam para se

esconder.

Movi minha equipe colina acima, tentando encontrar um jeito de flanquear o inimigo. Nossos atiradores estavam a postos e tinham o inimigo na mira, incapaz de escapar. Os Rangers tinham subido a colina e agora estavam na parte de trás do morro atrás da linha de complexos.

Segurei o capitão Ranger.

“Ei”, disse. “Seus caras estão a fim de diversão?”

Levei o capitão até o topo da colina e pedi a ele para instalar suas metralhadoras e estabelecer uma base de tiros sobre a posição do inimigo. Os Rangers haviam levado as metralhadoras mais pesadas e munição, e eu sabia que adorariam aliviar a carga e entrar em ação.

Os Rangers posicionaram suas metralhadoras e lança-granadas. Com o rifle nos ombros, apontei meu laser infravermelho para o local inimigo, indicando-o ao pelotão de Rangers.

“Nós vamos pelo flanco direito. Avisarei pelo rádio quando for o momento de suspender os tiros”, eu disse. “Até lá, pode mandar bala.”

Antes mesmo de sair da pequena elevação, pude ouvir o barulho das metralhadoras e granadas. Ninguém gosta de carregar as armas grandes até que precisamos delas. Foi um som incrível quando os Rangers atiraram para manter o inimigo ocupado e nos dar cobertura para flanquear sua posição.

“Temos fugitivos movendo-se à sua esquerda”, disse pelo rádio o piloto do drone.

Os atiradores ficaram a postos e focados no inimigo à nossa frente, enquanto a equipe de Steve manobrava para interceptar os combatentes que se moviam à nossa esquerda. Minha equipe, com o cão farejador e o chefe de tropa, continuava avançando à direita para eliminar os poucos inimigos que permaneciam na casa. Tínhamos uma emboscada perfeita em L na posição inimiga.

Devido à grande quantidade de neve e ao terreno em aclive, levamos alguns minutos para ficar em posição. Rastejamos na direção do prédio. Nossa esperança era que a atenção do inimigo estivesse voltada para o fogo vindo dos Rangers e dos nossos atiradores e que não notassem nossa aproximação pelo flanco esquerdo. Mais à frente, eu podia ver as balas dos Rangers através do pequeno vale, estourando em pequenos arbustos e árvores. Sem visão noturna, pareciam feixes de laser em um filme de ficção científica.

Nosso cão farejador foi na frente enquanto avançávamos pela pequena

colina e a bloqueávamos. Parecia que estávamos prestes a entrar na linha de tiro dos Rangers quando meu chefe de tropa surgiu ao rádio e pediu o cessar-fogo.

Acima de mim, ouvi o barulho familiar dos motores do AC-130. Éramos "tropas em contato", uma maneira elegante de dizer que estávamos sob fogo. Todas as aeronaves que antes haviam dito não poder lançar bombas estavam agora tentando entrar em ação.

É engraçado como a coisa funciona.

Steve e sua equipe estavam usando o AC-130 para abater os fugitivos. Pude ouvir Steve solicitando fogo. Mais ou menos um minuto depois, o barulho das armas do avião ecoou pelo vale.

O calmo vale não era mais calmo. Tornou-se quase ensurdecedor com o barulho das armas automáticas e do apoio aéreo. Nossa posição estava agora em silêncio. Ninguém falava. Estávamos todos concentrados no que havia pela frente. Vi o cachorro andando em zigue-zague, farejando a neve. À direita, podia ouvir meu chefe de tropa no rádio coordenando com nosso comandante de tropa.

Até agora, não tínhamos encontrado nenhum combatente. A neve era profunda e era difícil andar. Eu estava usando os óculos de visão noturna e me esforçava para detectar qualquer movimento. Meus olhos nunca focavam em nada por mais que um segundo. Eu olhava à frente antes de aproximar o foco a fim de ter certeza de que não estava perdendo nada a meus pés. Foi a primeira vez que realmente me senti confortável nessa missão.

Então, à minha direita, ouvi uma explosão de tiros.

PA, PA, PA.

Olhei para trás e vi os últimos tiros do chefe de tropa enquanto recuava. Na neve a seus pés, percebi o que parecia ser um combatente morto. O chefe de tropa estava assustado.

"Filho da puta", murmurou, ofegante.

O chefe de tropa não costuma ficar na frente com as equipes de assalto. Como tínhamos muitas peças móveis, ele estava se movendo junto com a gente. Seu trabalho era mais de coordenação e falar no rádio. Por isso, quando o inimigo pulou na sua frente, ele foi pego de surpresa.

Pelo que pude entender, o combatente tinha sido ferido no combate inicial e simplesmente se escondido em sua posição e esperado para emboscar alguém que se aproximasse. Estava deitado tão quieto que o chefe de tropa não o viu e quase passou por cima dele.

Continuamos checando a colina, passo a passo, com neve até os joelhos. Quando nos aproximamos de um pequeno grupo de edifícios, vi o corpo de outro combatente. Aproximei-me devagar, o rifle apontado para as costas do homem. Um companheiro de equipe Seal rolou o corpo, enquanto eu dava cobertura. Ele estava morto. Rajadas de metralhadora haviam rasgado seu peito.

Em um pequeno grupo de arbustos, encontramos outro corpo. Estava retorcido e de bruços na neve, o AK-47 bem próximo. Encontramos mais três corpos, um total de cinco inimigos em nossa área de ação. A barragem inicial dos atiradores e a cobertura dos Rangers tinham sido bem-sucedidas.

Depois que Steve e sua equipe cessaram o apoio aéreo através do AC-130, o silêncio era assustador. Eu ouvia Steve no rádio. Sua equipe tinha matado dois combatentes. À nossa volta, os Rangers garantiam a segurança enquanto juntávamos os corpos para a inteligência. Vasculhamos os bolsos dos mortos à procura de qualquer coisa que pudesse nos levar a outro alvo.

Todos os combatentes estavam carregados de revistas, granadas e até kits médicos. Não eram do tipo agricultor-de-dia-e-combatente-talibã-à-noite. Tinham bons equipamentos e pareciam cuidar bem deles. Eram guerreiros vorazes, bem treinados e bem equipados.

Assim que nos certificamos de que a área era segura, levamos os dois BSOs para dar uma volta e mostramos cada combatente morto, assim como suas armas. Essa era uma das formalidades exigidas pelas regras de engajamento. Enquanto eles tiravam fotos e tomavam notas, recolhemos as armas e o equipamento do inimigo e os destruímos com explosivos.

A patrulha de volta até a zona de pouso foi mais rápida. Todo o vale controlado pelo talibã estava acordado agora, e não queríamos ficar ali nem um minuto a mais do que o necessário. Era só uma questão de tempo antes de mais inimigos aparecerem para vingar os amigos mortos.

Ainda fazia muito frio e estávamos todos suados do tiroteio. Minha camisa estava encharcada e minha calça agarrada à pele. A diferença é que, na patrulha para fora do vale, minha mente estava concentrada no fato de termos eliminado com sucesso todo o elemento talibã. Eles jamais voltariam a ferir um membro do serviço americano.

Pus as luvas de inverno e puxei o gorro sobre as orelhas antes de colocar o capacete. Quando o chefe de tropa deu ordem para avançar, caminhamos sem dizer uma palavra. Continuei colocando um pé na frente do outro e pensando no banho quente na volta à base. Esperava que os chuveiros ainda tivessem

água quente.

A missão nem sempre pode contar com dias ensolarados, com temperatura de 22°C. Onde quer que esteja o alvo, num lugar com neve até a cintura, no meio de águas infestadas de tubarões no oceano Índico ou numa trilha de cabras nos picos mais altos do Afeganistão, somos treinados para manter o foco e completar a missão. Não precisamos de conforto para ser eficazes.

O BUD/S parece sádico para as pessoas de fora, mas é aí que começamos a nos condicionar, não só para sentir conforto no desconforto, mas também para abraçá-lo. Nas noites de sexta-feira, os instrutores nos alinhavam na areia, à beira d'água.

"Todo mundo quer ser um Seal na sexta-feira", o instrutor gritava. "É sexta-feira e vocês vão ter o fim de semana de folga. Podem ir para os bares e relaxar. A questão é: qual de vocês quer ser um Seal quando as condições são uma merda? Quando se está molhado, cansado, com frio, infeliz e ainda tem que completar a missão?"

Ninguém disse nada. Ninguém sorriu. Nós só queríamos a parte do fim de semana.

"Olhe à sua esquerda e à sua direita", os instrutores diziam. "Será que estarão lá quando as coisas ficarem difíceis?"

O tempo todo os instrutores continuavam andando em linha.

"O único dia fácil foi ontem, senhores. Pensem sobre este fim de semana, e quando voltarem a treinar na segunda, apenas saibam que vai ser muito pior do que foi hoje."

Posso dizer honestamente que tive mais frio e me senti mais infeliz em ação do que em qualquer situação em que tenha sido colocado durante o BUD/S. O ditado é verdadeiro: "O único dia fácil foi ontem".

11. Atenção aos sapatos

Evolução

Recebi a mensagem de manhã bem cedo.

Os líderes de equipe do esquadrão sempre carregam pequenos pagers pretos para que os planejadores possam fazer alertas sobre uma possível missão. Levantei da minha cama irregular, embutida entre as paredes de madeira do quarto, e fui até o centro de operações.

Estávamos trabalhando num horário de vampiros. Assim, enquanto para nós ainda era manhã cedo, no Afeganistão já era fim de tarde. Dormíamos o dia inteiro e conduzíamos missões à noite. As coisas eram lentas. Já estávamos havia meses na base ao sul de Cabul, com poucas missões. O frio intenso tornava lenta a temporada de batalha. Os talibãs estavam do outro lado da fronteira com o Paquistão ou bem escondidos no Afeganistão. Nenhum dos lados queria realmente lutar.

Protegi as mãos dentro da jaqueta enquanto caminhava até o centro de operações. Não tinha ideia do que estava acontecendo, e não havia acordado minha equipe. Estávamos conduzindo missões desse tipo havia anos e sabíamos que as coisas podiam desandar tão rápido quanto haviam andado. Muitas vezes, acordávamos todo mundo para iniciar o planejamento e então o alvo desaparecia. Era melhor que eles conseguissem descansar o máximo possível.

Entrei no centro de operações. Era um edifício pré-fabricado. O piso era lamacento, resultado da terra trazida nas nossas botas. Havia uma trilha bem demarcada que levava da porta até a máquina de café. Segui o rastro e peguei um copo quente. Dei dois rápidos goles e deixei a cafeína sacudir meu sono.

Havia uma energia branda na sala em que os planejadores e analistas de inteligência despejavam dados na tentativa de organizar a missão daquela noite. Informações em preto e branco fornecidas pelo Predator apareciam na tela. Quase nos fundos da sala, ao lado de uma longa mesa, estavam o chefe de tropa e seu comandante. Eles me viram entrar e acenaram com a cabeça. Pus três cubos de açúcar no café e me juntei a eles.

“E aí?”, perguntei.

“O ISR vem rastreando alguns inimigos”, disse o chefe de tropa.

Os drones que patrulhavam a região haviam detectado um grupo de cinco a

sete combatentes que iam de complexo em complexo, à procura de cama quente e comida. Eles vinham se movendo ao longo de quase todo o dia, mas haviam acabado de parar. Os planejadores imaginavam que passariam a noite no local. Estava começando a escurecer e eles tinham viajado a maior parte do dia.

"Pelo que podemos ver a partir do ISR, parece que estavam apenas passando pela cidade e decidiram se esconder aleatoriamente nessa casa para passar a noite", disse o chefe de tropa. "Nós os vimos bater de porta em porta, e quando alguém vinha atender eles forçavam a porta e invadiam o local. Até puseram os veículos para dentro do complexo."

Eu era um dos três líderes de equipe. Olhei para Steve enquanto o chefe de tropa nos fornecia detalhes sobre a localização da casa. Steve acenava com a cabeça à medida que o chefe de tropa nos falava sobre a missão.

Depois do primeiro informe, o líder da equipe de reconhecimento começou a elaborar rotas que levavam à residência. Eu e Steve começamos a reparar na casa.

"Parece ser bem comum", falei.

"Concordo. Vai acordar sua equipe?", perguntou Steve.

"Sim, vou acordá-los para que comam alguma coisa antes que o ritmo fique pesado demais."

Segui a trilha lamacenta até a porta e fui até o local onde meus homens dormiam. O barracão estava um breu. Apenas uma pequena faixa de luz que vinha do corredor iluminava nossa sala de estar improvisada. As paredes de madeira compensada dividiam o barracão em miniquartos compostos por uma cama e uma mesa. Cada quarto abrigava um Seal. Eram locais apertados, mas pelo menos havia um pouco de privacidade.

Na extremidade mais afastada ficava a sala de estar. Era espaçosa, com assentos fixos virados para uma tela plana de cinquenta polegadas. Já fazia anos que íamos ao Shank, e cada esquadrão trabalhava duro para melhorar cada vez mais as condições do lugar. Um esquadrão anterior havia construído uma churrasqueira e uma área de estar externa. Outro havia consertado a academia. Já que íamos passar um tempo no Afeganistão, o objetivo era torná-lo o melhor possível.

Liguei a luz da sala de estar e a TV. Podíamos assistir à Rede das Forças Armadas, que transmitia shows norte-americanos, filmes e esportes. Mas também tínhamos acesso às mesmas informações do ISR que os planejadores viam no centro de operações. Sintonizei a TV. Ao meu redor, podia ouvir os

rapazes se mexendo e levantando dos beliches.

Eu havia trazido café. Um a um, com um copo de café fresco nas mãos, meus homens se posicionaram diante da TV. Além dos muros e construções do complexo, não havia o que ver. Não havia nenhum movimento do lado de dentro dos muros ou perto do complexo, pois os inimigos já estavam dentro dos prédios.

"Ótimo", disse Walt. "Novo dia, mesma merda de sempre."

Ele esfregou os olhos e prestou atenção na foto em preto e branco por alguns segundos.

"É melhor que não seja mais um buraco vazio. Não gostaria de sair nesta temperatura por menos que vinte inimigos", disse, com seu tom espertalhão.

Depois que todos os homens haviam tomado uma xícara de café ou alguma outra coisa, comecei a falar. Fiz um resumo sobre o alvo e os combatentes. Não havia nada difícil nesse caso. Pegaríamos os inimigos dormindo em casa da mesma maneira como havíamos feito centenas de vezes antes. Era uma missão que podíamos realizar quase no automático. Todos sabiam as funções a ser desempenhadas.

Nossos planos eram sempre bem simples, mas eu tentava dar a meus homens uma chance de encontrar falhas. Comecei com as perguntas básicas.

O que estamos esquecendo?

O que os caras da inteligência estão nos dizendo se encaixa com o que estamos vendo?

Quais são as responsabilidades de cada um esta noite?

Qual equipe vai liderar o ataque?

Todo mundo tinha algo a dizer, até mesmo o integrante mais novo. Eu não era o cara mais inteligente da sala, não havia dúvida, e aprendera havia muito tempo a pedir opinião.

Levamos praticamente uma hora para preparar tudo. Quando terminamos, Steve e eu voltamos a falar com o chefe de tropa, a quem explicamos o plano. Tanto ele quanto o comandante de tropa nos ouviram atentamente enquanto detalhávamos as rotas de entrada e saída do alvo e o plano de ataque.

Embora nossos analistas de inteligência estivessem confiantes de que o inimigo não voltaria a se mover pelo resto da noite, ficamos de olho naquela casa. Os drones seguiram vigiando do alto.

Planejamos pousar a cerca de cinco quilômetros do alvo e de lá seguirmos em patrulha até o complexo. Isso nos permitiria manter o elemento surpresa. Nada nos denunciaria mais que o ruído do helicóptero. Nas altas montanhas e

longos vales, ele ecoaria por quilômetros e todo mundo nas partes altas e baixas saberia que estávamos chegando. Às vezes, pousávamos no vale ao lado para tentar minimizar o barulho. O único problema era que depois tínhamos que andar um bocado por entre as montanhas.

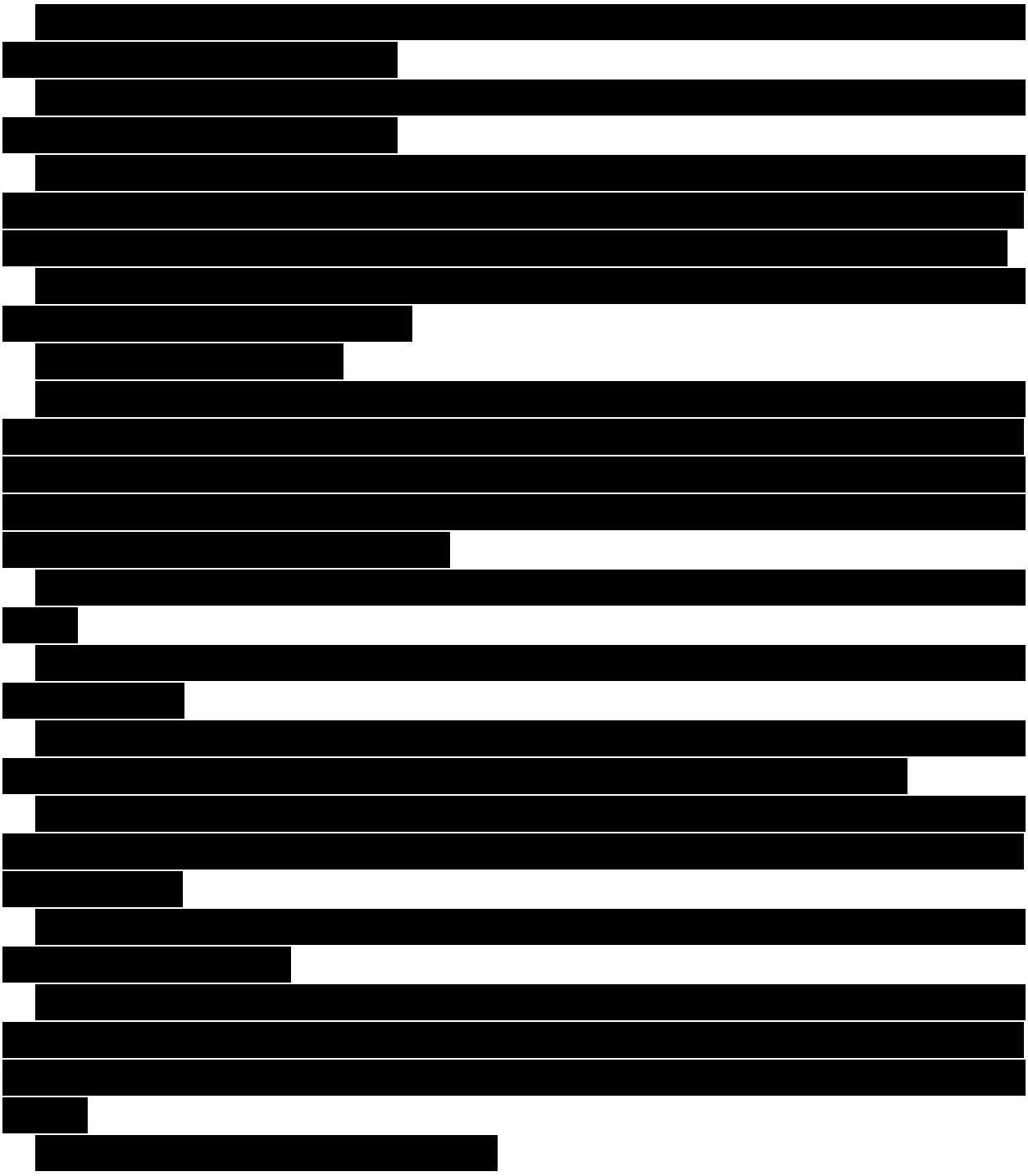
Observei atentamente o chefe e o comandante de tropa enquanto explicávamos o plano. Eles acenavam com a cabeça enquanto detalhávamos cada ponto. O plano era simples, portanto não antecipei nenhum problema. O comandante de tropa nos deu sua bênção e poucas horas depois já estávamos voando na direção do complexo.

Eu estava animado ao me sentar no Chinook, tentando pensar positivo. No fundo, não estava nervoso. Sem arrogância, confiava que saberia lidar com praticamente qualquer situação. Depois da 13ª missão, estava a anos-luz de distância de minhas primeiras missões. Havia percorrido um longo caminho desde que era aquele garoto de camiseta que sonhava em ser um Seal. Havia aprendido preciosas lições nas ruas de Bagdá em minha primeira experiência de combate.

Não havia como deter um tiro feliz ou uma bomba terrestre bem colocada, mas depois de treze missões pouca coisa me surpreendia. Eu já tinha sido enviado para um complexo programado para explodir assim que eu chegasse. Já perdera a conta de quantas vezes tinha entrado em residências no Iraque e no Afeganistão e enfrentado inimigos prontos a surpreender. As missões não eram fáceis, mas acumulei uma boa dose de experiência para lidar com elas.

Parte do que fazia de mim e minha equipe tão capazes era o fato de tentarmos evoluir o tempo todo. O inimigo estava sempre mudando suas táticas, e se não mudássemos as nossas, ficaríamos para trás e expostos a riscos.

[redacted]



No início da guerra no Afeganistão, poucos de nós haviam tido experiência real de combate. Éramos altamente treinados, ainda que sem experiência. Após uma década de guerra, porém, praticamente 90% da força possuía experiência real de combate e quase uma dezena de missões no currículo.

A cada operação, mudávamos táticas e técnicas tão rapidamente quanto o inimigo. Jamais contávamos com o que tinha funcionado no passado. Ao

contrário, estávamos sempre tentando desenvolver o que funcionaria no futuro.

Fechei os olhos e deixei que o ruído dos motores do helicóptero me dominasse. Alguns dos meus colegas já estavam dormindo. Descansei os olhos e revisei mentalmente a missão. Enfiei as mãos por baixo do colete, sobre a barriga, e tentei mantê-las o mais quente possível. Não estava tão frio quanto no Alasca, mas fazia frio suficiente dentro das minhas luvas.

Estávamos acostumados a essa rotina. Nessa altura da guerra e de nossas carreiras, havíamos nos tornado de alguma forma insensíveis à dor, ao sofrimento e ao sacrifício de sair em missões. Eu racionalizava tudo isso como "parte do trabalho". Algumas pessoas haviam escolhido outras profissões, mas essa era a nossa e estávamos ficando realmente bons nela.

Senti o helicóptero mergulhar e ouvi o motor mudar de som enquanto pousávamos. Uma mistura de poeira e neve nos recebeu quando desembarcamos. Me afastei uns cinquenta metros e comecei a mijar na terra. Estivera me segurando por mais de uma hora durante o voo, e sabia que assim que começássemos a avançar não teria outra chance. À minha volta, meus companheiros de equipe faziam o mesmo. Enquanto o barulho do helicóptero diminuía, entramos em formação de patrulha e começamos a avançar na direção da casa.

Nenhuma palavra precisava ser dita. Nenhuma ordem. Para nós, era apenas mais um dia de trabalho. Todos sabiam o que fazer, para onde ir e o que era esperado. É claro que havia sempre a burocracia e as regras estúpidas dos oficiais superiores, mas sempre soubemos lidar com elas e manobrá-las, e de resto fazíamos nosso melhor para afastá-las da mente.

Através do verde dos meus óculos de visão noturna eu podia ver meus colegas espalhados à minha frente. Vínhamos patrulhando na direção do alvo havia cerca de uma hora quando o rádio começou a crepitar.

"Temos dois homens em idade militar saindo por uma porta no lado oeste do complexo", ouvi pelo rádio. "Eles acabaram de se mover para uma porta no lado leste."

Droga, os inimigos ainda estavam acordados. Se houvesse pessoas acordadas no complexo, isso significava que teríamos de usar técnicas diferentes no ataque. Não conseguiríamos entrar silenciosamente pela porta e surpreendê-los nos quartos.

Na situação atual, com base nas últimas informações do ISR, teríamos que trazer os inimigos para fora, perdendo o elemento surpresa e dando tempo a

eles para se armar e preparar uma defesa. Eu já estava na ativa havia tempo suficiente para saber que as regras sob as quais operávamos tinham sido criadas por pessoas que não faziam a menor ideia do que acontecia por ali.

Mas ainda tínhamos uma longa caminhada pela frente. Eu torcia para que os inimigos estivessem dormindo quando chegássemos. Seguia procurando por ameaças e focado na longa patrulha. Assim que nos aproximamos, o piloto do ISR voltou a chamar pelo rádio.

"Os dois inimigos acabaram de voltar para dentro", disse.

Patrulhamos ao longo de pequenas montanhas na direção de um bosque de árvores perto do complexo. Era o nosso ponto final antes do assalto. A partir das árvores, tive uma breve visão do complexo. À noite e no escuro, ele se parecia com qualquer outro complexo no Afeganistão. Tinha muros altos de barro e um pesado portão de madeira.

Desde o último aviso, a casa estava quieta.

Sem movimentos.

Sem outros sonâmbulos.

Aguardamos alguns minutos a fim de nos certificar de que ninguém mais acordaria. Finalmente, o chefe de tropa deu sinal para continuarmos com o ataque. Devido ao frio congelante, nosso comandante decidiu que pularíamos o muro em vez de atraí-los para fora, pois isso apenas deixaria as mulheres e crianças expostas ao frio extremo. Além disso, se os talibãs decidissem lutar, mulheres e crianças estariam sob o fogo cruzado.

Em silêncio, tomamos posição. Minha equipe se posicionou atrás dos atiradores de elite e se dirigiu ao portão principal. Vi os atiradores escalando os muros e montando posição de guarda.

O portão era feito de madeira, com uma velha trava de ferro servindo como maçaneta. O batedor tentou a trava, mas estava trancada por dentro. Então, chamou um dos novatos, que carregava uma escada nas costas. Encostamos a escada no muro e o batedor lentamente o escalou. Outra escada foi passada a ele quando estava sobre o muro de três metros de altura. Enquanto a passávamos, ele pareceu se desequilibrar um pouco, mas rapidamente encontrou apoio e recuperou o equilíbrio.

Carregávamos mais de 27 quilos de equipamentos nas roupas, e o batedor realizava movimentos acrobáticos no topo daquele muro de três metros com um quarto cheio de inimigos talibãs a menos de dez metros de distância.

Degrau por degrau, passamos a escada para ele. Foi um momento tenso, pois o silêncio, e não a velocidade, era o mais importante. Estava

completamente escuro ali fora. O vento soprava forte, a ponto de mover um pouco a escada. Em alguns poucos momentos temi que o batedor perdesse o equilíbrio e caísse dentro do complexo.

Eu só conseguia pensar nos sonâmbulos. As informações davam conta da movimentação de dois homens, mas o ISR observara um grupo de cinco a sete combatentes. Sabíamos de qual porta aqueles dois homens tinham saído, mas ninguém sabia exatamente onde os outros estavam dormindo. Se voltassem a andar pelo complexo, os atiradores de elite os derrubariam. Mas isso provavelmente acordaria os outros inimigos dormindo do lado de dentro. Minha esperança era a de conseguirmos entrar no complexo antes que os talibãs percebessem que estávamos ali.

O batedor finalmente conseguiu posicionar a escada dentro do complexo. Então, ele e seu colega de nado desceram. Aguardei no portão pronto para entrar. Poucos segundos depois, ouvi a trava deslizar e aquele pesado portão de madeira se abrir lentamente.

O batedor estava parado junto à entrada com um sorriso de satisfação no rosto.

“Muito fácil”, sussurrou.

Agora que tínhamos a porta da frente aberta, era hora de trabalhar. Avançamos em silêncio na direção do complexo, que se revelou um pequeno pátio com construções por todo o perímetro. Todo mundo se movia da maneira mais silenciosa possível. A regra “não corra para a morte” era sempre válida. Afinal de contas, aquilo não era um video game. Não dava para ser atingido e ter uma nova chance.

À minha frente havia vários novatos. Observei-os enquanto checavam os currais e os lados norte e leste do complexo. Dava para ver que estavam realmente excitados com a situação. E fazendo o melhor possível para guardar energias.

Mas o principal era estar no lugar certo, e depois de mais de uma dezena de missões eu sabia onde os inimigos estavam dormindo a partir das informações que o piloto do ISR transmitia via rádio. Ao ouvir cada relato, eu o comparava com o desenho do complexo. Os sonâmbulos tinham vindo de uma porta a oeste. Foi para lá que prontamente me dirigi. Se o ISR estivesse certo, aquela solitária porta do lado oeste levava ao local onde os inimigos dormiam.

Não corri.

Queria não apenas me mover lentamente, mas superlentamente. Devagar é

suave, e suave é rápido. Fui em direção ao lado oeste da casa e esperei ao lado da porta fechada. Um dos novatos estava do outro lado da porta. Girei a maçaneta. Estava destrancada.

A porta abriu para dentro, revelando um pequeno saguão. Havia duas portas de madeira de cada lado do ambiente. Diante de nós, uma escada que levava ao segundo andar da casa. Assim que abri a porta, o novato seguiu na frente, sendo o primeiro a entrar. Lentamente, ele entrou no saguão, e eu o segui.

Através do vão da porta, pude ver um monte de calçados masculinos numa pilha ao lado da porta à direita. Aquilo era uma mistura de sandálias de couro e de pele negra de guepardo. Brincávamos que nenhuma pessoa inocente vestiria aquele tipo de calçado. Sapatos negros eram praticamente sinônimo de talibãs.

A outra porta tinha uma pilha de calçados de mulheres e crianças. No momento em que entramos naquele saguão, eu soube atrás de qual porta os inimigos dormiam. Mas o novato, provavelmente muito agitado para notar, dirigiu-se à porta do lado esquerdo. Fui para o outro lado. Quando coloquei a mão na maçaneta, tinha certeza absoluta de que os inimigos estavam naquele quarto. Minha esperança era de que estivessem todos dormindo um sono profundo.

As dobradiças velhas e enferrujadas emitiram um ruído longo. Em meio ao silêncio, parecia um trem de carga passando por uma cabana de barro. O quarto estava congelante e completamente escuro. Meus óculos de visão noturna estavam apontados para baixo, e pude ver sombras do tamanho de um homem se mexendo sob os cobertores.

Enquanto fazia a varredura do quarto, um combatente do lado esquerdo da porta se mexeu e sentou na cama. Estava a menos de um metro de mim. Provavelmente ouvira o barulho da porta e estava tentando me ver em meio à escuridão. Ao lado dele, notei o grande cinto de munição de uma metralhadora PKM. Sua visão rapidamente ficou mais clara. Ele percebeu que a pessoa que estava ali dentro não era amigável. Suas mãos automaticamente moveram-se na direção da metralhadora. O problema, para ele, era que a metralhadora PKM apontava para o lado oposto à porta de entrada.

Observei por uma fração de segundos quando ele tentou virar a arma para o outro lado, na minha direção. Mas não chegou a ter chance, porque atirei duas vezes em seu rosto.

Minha arma tinha silenciador, mas mesmo aqueles tiros abafados pareciam

ruídos altos no quarto. O inimigo caiu de costas, como se estivesse se deitando para dormir, e desapareceu do meu campo de visão. Levantei o rifle para checar o resto do quarto e vi fuzis AK-47 apoiados na parede. Coletes de proteção recheados com papel de revista pendiam das paredes. As “massas informes” sob os cobertores imediatamente se transformaram numa confusão de movimentos à medida que os inimigos acordavam e se debatiam para pegar suas armas.

Não hesitei.

Comecei a atirar. Com a mira mudando de um inimigo para outro, atirei duas ou três vezes no peito de cada homem, pausando por apenas um segundo para checar se estavam mortos. Não houve gritos, apenas o som abafado dos tiros atingindo os combatentes inimigos.

Os combatentes caíram de volta no local onde dormiam. Cada tiro disparava uma carga de pólvora nos cobertores de lã escura, que pareciam ondas de impacto propagando-se em um lago. Tudo terminou tão rápido quanto havia começado. Entrei no quarto com um colega de nado atrás de mim e checamos inimigo por inimigo para ter certeza de que não havia mais ameaças.

Eram seis combatentes no total. Contei cinco fuzis AK-47 e uma metralhadora PKM. Também recolhemos dois lança-mísseis e uma boa quantidade de munição. Aqueles soldados estavam bem armados. Suas armas estavam em bom estado e eles possuíam bons equipamentos se comparados ao talibã padrão. Encontramos também kits de primeiros socorros e dinheiro afegão e paquistanês.

Nenhum tiro foi disparado em nenhum outro quarto além do que invadi. Os inimigos estavam todos concentrados naquele cômodo. A família que residia no local não havia tido opção a não ser deixar os soldados se esconderem dentro de casa.

Enquanto eu recolhia as armas, pude ouvir mulheres e crianças chorando. Como havia previsto, o novato escolhera o quarto das mulheres. Elas estavam assustadas quando ele entrou. Quando comecei a atirar, começaram a gritar. Quando deixei o quarto dos inimigos, dei uma olhada no outro cômodo e vi o novato montando guarda em um quarto cheio de mulheres infelizes. Ele não parecia animado.

Pouco antes de começarmos a patrulha de volta à zona de pouso do helicóptero, ele veio falar comigo:

“Droga”, disse. “Eu sabia que devia ter escolhido o quarto da direita.”

Durante uma missão demorada como aquela, perder a chance de dar uns tiros era doloroso.

“Não fique zangado comigo”, falei. “Você teve a chance de escolher primeiro.”

“Não estou zangado com você, estou irritado comigo mesmo por não ter percebido antes”, disse ele.

“Sempre confira os sapatos. Sempre”, falei.

Eu havia aprendido a lição dos sapatos da maneira mais difícil em uma missão no Iraque. Quando somos novatos, sempre agitados e com pressa, deixamos escapar os pequenos detalhes como os sapatos, que num primeiro momento podem parecer insignificantes, mas na verdade são uma importante pista. Ao adquirir mais experiência, após milhões de batidas de carro, erros cometidos e lições aprendidas, tudo fica mais lento e algo tão pequeno como um calçado pode se destacar.

Dessa vez, li perfeitamente a situação. No tipo de trabalho que fazemos, podemos apenas esperar sobreviver ao nosso primeiro erro e viver o suficiente para nunca mais cometê-lo. Pensando nisso agora, essa foi uma das várias lições que aprendi e que ainda continuo a usar. No aspecto prático, tratava-se basicamente de acompanhar o inimigo, mas em termos mais amplos o importante era manter a atenção aos detalhes mesmo sob grande estresse. Nesse caso, o sucesso poderia significar vida ou morte.

Essa era a minha 13ª missão de combate. Eu havia passado anos operando no Iraque, no Afeganistão e em vários outros lugares no mundo. Não se tratava mais de “teoria” ou “treinamento”. Pela primeira vez na minha carreira, sentia que havia atingido o objetivo de me tornar o Seal com o qual sempre sonhei na minha adolescência no Alasca.

Anos de treinamento haviam me levado a esse nível. Nenhum Seal com o qual eu havia trabalhado se contentava em estar na média. Aprendêramos a trabalhar em equipe durante o BUD/S e éramos especialistas em nossas táticas individuais. Depois de mais de dez anos em guerra, nossas capacidades estavam no auge. Havíamos atirado milhares de vezes, detonado milhares de quilos de explosivos, treinado e combatido em cada situação ou ambiente. Éramos capazes de entrar em ação apenas momentos depois de sermos chamados, independentemente da complexidade da situação. Planejar as missões era simples porque havíamos feito isso centenas de vezes. Confiávamos uns nos outros e quase conseguíamos ler os pensamentos uns dos outros quando estávamos no alvo.

12. Matança

Compartimentalização

Muito embora o comando tivesse nos dado alguns dias de folga após a missão, eu continuava focado no trabalho. Precisava voltar à mesma rotina das missões anteriores.

Eu queria controlar alguma coisa. Foi reconfortante retornar ao prédio, entrar na minha jaula, desmontar todos os meus equipamentos e me isolar um pouco. Eu realmente queria alguma solidão.

Nunca havia ficado ansioso após uma missão. Sempre fui capaz de lidar com o estresse, mas aquilo estava mexendo comigo. Eu não conseguia dormir. Estava no limite. Não queria falar com ninguém, nem mesmo com minha família, cujas ligações ignorava.

Ouvi um colega abrir sua jaula, que ficava no mesmo corredor que a minha. A área das jaulas era bem silenciosa, então esperei um pouco para me aproximar. Ele já tinha desmontado seu equipamento e tentava fazer o mesmo que eu: se esconder atrás do trabalho. Estava organizando seus itens lentamente e olhou para cima assim que entrei.

“E aí, cara”, eu disse. “O que você está fazendo?”

“Nada de mais. Resolvi limpar alguns equipamentos”, disse ele.

Eu podia ver suas olheiras. Ele parecia cansado. O comando é um lugar difícil. De certa forma, éramos como uma alcateia de lobos. Um grupo de machos alfa treinados para nunca demonstrar fraqueza. Eu conhecia esse cara havia anos e já tínhamos enfrentado situações complicadíssimas. Confiava plenamente nele, mas admitir fraqueza era uma coisa muito diferente.

“Posso te fazer uma pergunta rápida?”, pedi, gentilmente.

“Claro, pode falar”, respondeu ele.

“Está conseguindo dormir?”, perguntei, quase num sussurro.

Ele continuou desfazendo as malas e, após uma longa pausa, olhou para mim.

“Não.”

Balançou a cabeça ao dizer isso e então virou-se de costas.

“Eu também não”, falei. “Não consegui dormir mais do que uma hora desde que voltamos.”

Essa foi a única e mais profunda conversa que tive sobre o estresse

provocado pelo combate.

Eu já havia feito cursos de tiro. Podia escalar, andar numa bicicleta suja, pilotar um barco e lidar com explosivos. O governo gastava milhões de dólares me preparando para lutar na floresta, no Ártico e no deserto. Eu havia estudado outras línguas e podia saltar de paraquedas à noite e pousar exatamente no alvo determinado. Mas nunca fui treinado para lidar com o estresse do combate. Passamos meses aprendendo a ser Seals e dedicamos várias horas por dia a manter essas capacidades bem ajustadas, mas nunca tivemos treinamento para lidar com qualquer coisa de natureza emocional.

Antes de me juntar aos Seals, eu refletia se seria realmente capaz de apertar o gatilho. Será que conseguiria me defender? Na verdade só pensei sobre isso antes de me tornar um Seal, porque uma vez que estivesse em missão não teria tempo para refletir sobre esse tipo de coisa. Eu estava no mundo de noventa centímetros.

Tudo o que fiz do outro lado do oceano era considerado trabalho. Invadi a casa de pessoas enquanto elas dormiam. Se estivessem armadas, eu as matava, assim como todos os outros caras no comando. Estive envolvido em tiroteios e disposto a derrubar inimigos sem pensar. Não me arrependo das minhas ações em combate. Tudo o que fiz do outro lado do oceano foi para proteger meus colegas à direita e à esquerda e para proteger meu país. Respeitei as regras de engajamento e nunca mirei em inocentes.

Mas isso não significa que eu não me sinta profundamente incomodado. Até hoje, se você perguntar a Phil sobre “o gato”, ele irá lhe contar a história de uma missão no Iraque em 2006.

O drone não tripulado que sobrevoava o alvo reportou ter observado meia dúzia de homens dormindo do lado de fora. Era verão, e mesmo à noite fazia muito calor para que fosse possível ficar dentro de casa sem ar-condicionado. A aldeia era apenas um pequeno conjunto de dez casas de adobe. Não vi nenhuma rede elétrica durante a patrulha, portanto esperávamos que as pessoas estivessem dormindo do lado de fora.

Chegamos bem perto da aldeia pouco antes das três da madrugada. Após sair do helicóptero, duas horas antes, percorremos um longo caminho até o alvo. O deserto era plano, amplo e aberto. Era difícil ver o horizonte, mesmo com os óculos de visão noturna. Aquele lugar podia muito bem ser a Lua. Não havia nada em volta num raio de quilômetros, exceto areia e rochas. Acima de mim, as estrelas eram grandes e brilhantes. Naquele momento, próximo às casas, nossa marcha era lenta, um passo de cada vez.

Era 2006 e já estávamos no Iraque havia três anos. Minha tropa trabalhava no oeste do país. Uma dica nos levou até a aldeia. O ISR identificou combatentes e nós fomos. O processo inteiro era bem simples nessa altura do campeonato. Fazíamos isso todos os dias. Encontrar, consertar, finalizar.

Estava quente e eu podia sentir o suor se acumulando nas costas, no ponto onde terminava minha armadura. O chefe de tropa deu a ordem e entramos em formação de L e começamos a nos aproximar da aldeia.

A base do L deveria ficar na parte externa da aldeia e, caso necessário, oferecer base de fogo e cobertura para nosso movimento. A parte vertical do L entraria na aldeia à procura de combatentes. Eu estava no segundo grupo.

Pelo rádio, recebia atualizações sobre as outras equipes de assalto. Sabia que, acima de nós, voando alto o bastante para não serem ouvidos, tínhamos drones que eram nossos olhos no céu e um AC-130 para eventual cobertura caso precisássemos de suporte aéreo imediato. Chequei o local onde os drones tinham visto homens dormindo. Pude ver aproximadamente dez sacos de dormir.

Havia dois homens de pé, vigiando o deserto. Estavam em silêncio. Pareciam se esforçar para enxergar alguma coisa na escuridão.

Será que tinham ouvido alguma coisa?

Eu estava certo de que não podiam nos ver, mas talvez tivessem ouvido o AC-130. Finalmente, um dos homens foi até o local onde os outros dormiam e começou a acordá-los. Seu parceiro nunca deixava de vigiar o deserto. Vi os outros acordando, lentamente, e começando a olhar em volta.

Então, os dois sentinelas foram até a casa mais próxima. Pouco tempo depois, os demais os seguiram. Nenhum dos homens estava armado, então não podíamos atirar, mas era realmente suspeito ver tantos homens dormindo na periferia da aldeia. Onde estavam as mulheres e crianças?

O grupo estava a meio caminho de uma casa na periferia da aldeia quando de repente parou. Os homens viraram-se e voltaram na direção dos sacos de dormir. Estávamos a cerca de duzentos metros e eu podia ver claramente cada um deles graças ao meu equipamento de visão noturna.

De volta aos sacos de dormir, eles pegaram AK-47s, lança-foguetes e uma metralhadora PKM. Múltiplos lasers infravermelhos passaram a mirar no peito dos combatentes, e nossos atiradores entraram em ação. Segundos depois, três inimigos foram ao chão. Os outros entraram em pânico e começaram a correr na direção da aldeia. Vários tiros silenciosos continuaram a ser disparados contra eles.

Contei cinco inimigos mortos. Nessa altura da guerra, estávamos muito conscientes de não correr para nossa própria morte, portanto decidimos fazer uma pausa. A base do L manteve-se a postos. Esperávamos que o inimigo não tivesse percebido o restante da nossa equipe no flanco direito. Nossa posição ainda não havia disparado tiros, num esforço para permanecer indetectada.

Minutos depois ouvi a voz do chefe de tropa pelo rádio.

"O.k., pessoal, a base vai manter posição e a manobra é iniciar o ataque agora."

Isso significava que a manobra, do nosso lado do L, seria iniciada lentamente, abrindo caminho por entre as construções. Já havíamos feito isso antes 1 milhão de vezes, a tática não era nada nova. A emboscada ou ataque simples em formação de L vinha sendo usado ao longo de toda a história.

Chequei rapidamente meu equipamento e esperei a ordem para prosseguir.

"Agora", ouvi o chefe de tropa dizer pelo rádio. "Ataquem."

Todo o nosso grupo se levantou e começou a avançar lentamente, aos pares. Dois ou três Seals iriam na frente com armas a postos, parando a uma pequena distância do grupo seguinte. Então, ficariam agachados, montando guarda, enquanto o resto da unidade passava.

Não era uma movimentação rápida, e sem dúvida não era sexy, mas era de fato a maneira mais segura de se aproximar do inimigo. Especialmente quando já havíamos perdido o elemento surpresa.

Eu podia ver alguns lasers checando as portas. O instinto natural nos dizia para avançar depressa, mas continuamos em marcha lenta, prontos para abrir fogo ao primeiro sinal de problema. Estávamos quase entrando na aldeia quando vimos quatro homens numa corrida mortal em direção aos sacos de dormir.

"Parece que esses caras esqueceram alguma coisa", ouvi pelo rádio.

Aqueles sujeitos deviam ter colhões de aço para tentar uma corrida mortal a fim de resgatar suas armas, sobretudo agora que elas e os sacos de dormir estavam amontoados sob os corpos de seus amigos mortos.

Eu estava a menos de noventa metros deles. Levantei minha arma e mirei no primeiro combatente. Ele parecia ansioso enquanto corria, os olhos abertos. Parou abruptamente, o peito arfando, e começou a mexer no saco de dormir. O primeiro homem chegou a seu saco de dormir e ficou de joelhos. Pude vê-lo pegando um AK-47.

Mirei em seu peito e atirei. Meus colegas também abriram fogo. Atingimos todos o mesmo inimigo, numa rápida sucessão de tiros que o levaram ao

chão. Nossas rajadas levantaram uma pequena nuvem de poeira que cobriu a área onde o homem estava. Localizei o próximo inimigo apenas para vê-lo caindo. Um a um, vi os quatro cobatentes caindo no chão, imóveis.

Paramos novamente para analisar a situação.

Fiquei de joelhos e comecei a checar as casas em volta, aguardando um novo "herói". Phil, que era líder da minha equipe, ajoelhou-se ao meu lado e sussurrou.

"Aquilo foi interessante", disse. "Acho que eles realmente queriam lutar. Vamos manter a calma e tomar cuidado esta noite. Esses caras não estão de brincadeira."

"Continuem avançando", o chefe de tropa interrompeu pelo rádio.

Phil e eu nos levantamos e continuamos a avançar na direção da casa mais próxima. Parei na porta de entrada e aguardei. Phil apertou meu braço, sinalizando para que eu entrasse. A casa era pequena, com uma sala de estar e um único quarto. Era abafada e não vi nada quando varri o cômodo. Um tapete cobria o chão de ladrilho e havia um velho sofá num canto. Ouvi meus colegas entrando na cozinha, ao lado da sala de estar.

Atravessei rapidamente o cômodo principal e entrei no quarto. Não havia ninguém ali, mas vi colchões e travesseiros no chão. A casa estava deserta.

"Tudo em ordem, agora só faltam umas quinze", pensei enquanto invadíamos outra casa.

Talvez a casa estivesse vazia porque os civis que moravam ali a tivessem abandonado à chegada dos combatentes. Ou talvez houvesse uma conexão com os combatentes e eles estivessem aguardando uma oportunidade de nos atacar no escuro. Clareei a mente e tentei voltar a focar no que estava fazendo.

Minha equipe passou os trinta minutos seguintes checando casa por casa. Mais tarde, quando retornamos à estrada, eu estava atrás de Phil. A aldeia era um labirinto e não encontramos nenhum outro combatente. Sabíamos que eles não tinham simplesmente desaparecido. Tinham que estar ali em algum lugar. Chequei cada porta e janela na expectativa de que aparecessem.

Mais à frente, notei um sujeito observando de uma porta. Ele estava com o corpo para o lado de dentro, mas não o suficiente. Eu podia vê-lo com seu AK-47 preparado, esperando nossa aproximação. Ainda bem que estava escuro. Pelo menos para ele. Nós tínhamos nossos óculos de visão noturna.

De início não tive certeza se Phil o havia visto. O sujeito recuou rapidamente a cabeça e vi o laser de Phil apontar para o local onde ela estava

antes. O homem voltou a esgueirar a cabeça para fora a fim de tentar ter uma ideia da nossa posição. O laser de Phil estava agora na sua testa.

Ouvi vários tiros abafados da MP7 de Phil e a cabeça do homem desapareceu do nosso campo de visão.

Fiquei vigiando a estrada e as casas enquanto Phil e o restante da equipe entravam pela porta onde o inimigo havia estado. A casa ficava na extremidade do grupo de construções que havíamos acabado de examinar.

Voltei a olhar para a porta assim que Phil e a equipe entraram. Podia ver os pés do combatente iraquiano na entrada. Pelo rádio, ouvia meus colegas trabalhando com o AC-130 na perseguição a dois fugitivos.

Dois combatentes atravessaram a aldeia correndo e tentaram se esconder na amplidão do deserto. Ficaram imediatamente sob a mira das câmeras infravermelhas do ISR e do AC-130. Uma equipe de quatro Seals e um cão de combate correram pela aldeia atrás do inimigo. Finalmente, ouvi o ruído das armas do AC-130.

Quando meus colegas chegaram perto dos corpos, foi uma cena chocante. Parecia que um dos combatentes havia explodido. Uma rajada do obus 105 mm do avião deve tê-lo atingido. A cápsula de 105 milímetros tem o dobro do tamanho de um pino de boliche e pode causar sérios estragos.

Na aldeia, eu continuava em posição de guarda quando ouvi a voz de Phil pelo rádio.

“Alfa 2, Alfa 1”, disse Phil, usando nossos códigos. “Preciso de vocês aqui.”

“Entendido”, respondi. “A caminho.”

Pisei o corpo do combatente e pude ver Phil e outros dois colegas checando o cômodo principal. A arma que o inimigo estivera segurando estava junto à parede do outro lado da sala. Phil havia retirado o pente e esvaziado a câmara.

Voltei a olhar para o combatente morto. Sua cabeça estava longe da porta que levava ao cômodo principal. Se ele não tivesse se exposto, talvez não tivesse sido notado. Se tivesse tido paciência, teria nos surpreendido.

Phil claramente o acertara com um excelente tiro. A bala havia entrado pouco acima do nariz, na base da testa. Metade do rosto do homem estava rasgado, um dos olhos fitando o teto, sem vida. O sangue lentamente se acumulava em volta e sob a cabeça do soldado.

Afastei o olhar ao detectar um pequeno movimento. Havia um gato magro e imundo na extremidade da poça de sangue. Eu não fazia ideia de onde ele

tinha vindo, mas não era incomum ver gatos perambulando em aldeias iraquianas. O gato cheirou a poça e vi sua pequena língua rosa lamber o sangue.

Eu esperava ver corpos, e já estava mais ou menos acostumado a eles nessa altura, mas alguma coisa naquele gato vira-lata e no sangue não parecia certa. Eu não esperava isso. Era realmente pavoroso.

Fiquei de costas e comecei a checar a casa. Vi uma porta logo depois da sala de estar e entrei. Ela dava num pequeno corredor que levava à cozinha.

Havia potes empilhados no balcão em montes aleatórios. O recinto cheirava a óleo de cozinha e especiarias. Um buraco no chão, em um dos cantos, era usado como forno. Comecei a mover os potes, procurando por armas ou qualquer outra coisa deixada pelos inimigos. A área estava segura, portanto eu não fazia silêncio. Estava fuçando um armário perto da porta quando ouvi algo atrás de mim.

Soou como um soluço ou gemido.

Virei-me, com o rifle em punho, e vi um garotinho se escondendo num canto. Estava enrolado em uma pilha de cobertores e meus colegas não o tinham visto na busca inicial. Ele tinha o cabelo emaranhado. Suas lágrimas limpavam um pouco da poeira que se acumulava em suas bochechas. Parecia tão imundo quanto o gato lambendo o sangue na sala de estar.

Olhei para trás por sobre os ombros e percebi que, daquela posição, devia ter visto o homem na sala de estar ser atingido. Eu não fazia ideia se o homem era seu pai ou apenas um combatente se escondendo na casa. De qualquer forma, ele nos tinha visto atirar no homem e provavelmente vira o gato lambendo a poça de sangue. “Uau. Já vi muita merda nesse trabalho, mas esse pobre garotinho vai ficar traumatizado pelo resto da vida”, pensei.

A criança tremia de medo. Provavelmente achava que também a mataríamos. Além disso, percebi que, com todas aquelas armas amarradas no corpo, eu parecia bem ameaçador.

O garoto continuava soluçando em silêncio. Devagar, peguei um bastão luminoso no colete e puxei a tampa. O bastão se iluminou lentamente à medida que eu o movia, enchendo o recinto com uma luz verde. Peguei também uma bala Jolly Rancher e ofereci a ele. O garoto, a princípio, não me olhava nos olhos.

Sacudi o bastão.

“Ei, amigão”, disse. “Não vou machucar você.”

Eu sabia que ele não fazia ideia do que eu estava falando. Minha única

esperança era que percebesse meu tom. Devagar, ele olhou para cima. Estava me avaliando, tentando decifrar se eu era uma ameaça. Tentei sorrir, mas sabia que sob todo aquele equipamento um sorriso não seria o bastante.

Ele olhou para longe e então, rapidamente, pegou a lanterna e o doce. Não comeu a bala. Em vez disso, ficou com ela na mão. Perguntei pelo rádio para onde estávamos levando as mulheres e crianças. Elas estavam em uma casa não muito distante, então fiquei de pé e acenei para que ele me seguisse.

A princípio, ele não se moveu.

"Vamos lá, amigão", falei. "Vou levar você para junto dos outros."

Ele não entendeu o que eu disse, então o tomei pela mão e o levei para fora da casa. Tentei evitar que visse o inimigo morto e o gato, que ainda lambia o sangue.

"Que merda", pensei. "Esse garoto não deve ter mais do que cinco anos e já viu tudo isso."

Fomos andando pela aldeia. Pude ouvir algumas poucas mulheres e crianças soluçando quando cheguei na casa. Um companheiro estava de guarda na porta. Quando o garoto viu os outros, largou minha mão e foi até o meio da sala. Não perdi tempo. Havia trabalho a ser feito e eu sabia que agora a criança estava a salvo.

Quando voltei a casa para dar prosseguimento a minha busca, ainda podia ver o gato lambendo o sangue e o garoto vendo, do outro lado da sala, aquele homem ser atingido na cabeça. Mas afastei rapidamente a imagem e terminei meu trabalho.

Eu não tinha tempo a perder. Depois das missões, bloqueava tudo. Conhecia homens que tinham dificuldade em matar. Eu atirava de longa distância ou à queima-roupa. Mas sempre racionalizava da seguinte forma: se não matasse o inimigo, ele mataria um dos meus colegas ou até eu mesmo. Não precisava de nenhuma outra explicação.

Mas isso não tornou as coisas mais fáceis quando voltei para casa e para o mundo real.

Minhas primeiras missões foram como beber água numa mangueira de bombeiro. Eu não conhecia os processos, não sabia o que esperar. Depois de treze missões, porém, era especialista em ligar e desligar pensamentos. Eu compartimentalizava o estresse e o mantinha distante da minha vida profissional.

Lembro de estar dirigindo da nossa base para casa logo depois de voltar do Iraque. Havia trânsito e quase subi no canteiro central para escapar do

congestionamento. Nos primeiros dias da Guerra do Iraque, saíamos com os carros da estrada quando motoristas iraquianos cruzavam nosso caminho. Era suicídio ficar preso em congestionamentos naquele país. Carros-bomba eram uma ameaça constante. Ficar parado o tornava um alvo. Assim, tentávamos sempre estar em movimento. Também mantínhamos os outros carros afastados do comboio. Atirávamos pedras nas janelas, para quebrar os vidros, e atirávamos para furar os pneus.

Mas, uma vez em casa, esperava-se que esquecêssemos tudo aquilo que fazíamos para sobreviver do outro lado do oceano. Como deixar tudo isso para trás? Não sei. Tudo que eu sei é que fui ficando cada vez melhor em compartimentalizar as coisas. Eu simplesmente bloqueava grande parte das minhas emoções. Vivia a confusão de ter uma vida diferente de cada lado do oceano.

Eu tinha que tomar uma decisão consciente para assumir as rédeas da minha vida. Era uma luta que eu vencia colocando em prática várias lições que havia aprendido no treinamento dos Seals. Eu simplesmente não deixava que os efeitos do combate me controlassem. Era como aquele comercial de Las Vegas: o que aconteceu no Afeganistão fica no Afeganistão. Em casa, nos Estados Unidos, não falava de trabalho com ninguém a não ser meus colegas.

Depois da missão, [redacted] porém, não conseguia conter o estresse. Ela estava vazando dos meus compartimentos mentais. Quando deixei a jaula depois de conversar com meu companheiro, me senti um pouco melhor. Fiquei tranquilizado ao saber que outros também praticavam as mesmas ginásticas mentais. Eu não era o único com dificuldades para entender toda a merda que tinha acontecido depois do ataque.

Alguns anos antes, a Marinha tinha começado a tentar lidar com a questão do estresse de combate. A primeira ideia que tiveram foi pedir que ficássemos alguns dias extras na Alemanha no caminho de volta para casa após cada missão. Queriam que liberássemos a pressão. Na época, o transtorno de estresse pós-traumático estava nos noticiários e os oficiais clamavam por um remédio para conter o crescimento do número de casos.

Antes da Alemanha, nós voltávamos para casa muitas vezes até 24 horas depois da operação. De um tiroteio do outro lado do oceano, em apenas um dia eu estava de volta aos Estados Unidos, numa filial do Taco Bell, fazendo meu pedido de sempre, dois tacos e um burrito de feijão. Isso podia soar estranho, mas aquela parada no Taco Bell era provavelmente eu construindo

um muro em outro compartimento do meu cérebro; isso me permitia manter tudo separado.

Assim, depois das mudanças na política, nós parávamos na Alemanha, onde os psicólogos do comando iam nos encontrar e dar aulas sobre como lidar com o estresse do combate e com a reintegração ao mundo civilizado. Para os caras que tinham famílias, o treinamento era focado no retorno à rotina familiar. O engraçado era que voltávamos para casa por poucas semanas, pois logo havia um novo turno de treinamentos, o que nos mantinha na estrada por semanas.

Toda a ideia de descompressão na Alemanha acabou saindo pela culatra. Nossas famílias e namoradas ficaram irritadas porque agora as missões duravam três dias mais. Isso para não falar que chegávamos em casa cheirando à boa cerveja alemã.

O comando terminou por substituir a escala na Alemanha por uma nova política. Nós todos tínhamos que ir ver uma psicóloga do comando. Devíamos ficar sentados para um único encontro de trinta minutos após cada missão. Esse tempo era usado para conversarmos sobre qualquer questão que estivéssemos enfrentando. Uma vez cheguei com um colega, Gerry, pronto para acabar com aquela palhaçada. Não estávamos botando fé e aquilo havia se tornado apenas mais uma tarefa na minha lista de coisas a fazer após retornar de uma missão. Cada um de nós tinha que passar por essa sessão individual de trinta minutos antes de ter direito a qualquer liberação ou folga. Os caras mais experientes não davam muita bola, mas éramos obrigados a comparecer. Sabíamos que aquele era um item que a Marinha devia cumprir para poder dizer que estávamos recebendo orientação psicológica e sendo treinados para lidar com o estresse do combate.

Era quase fim de tarde quando Gerry e eu chegamos ao consultório da psicóloga. Não lembro se era a minha consulta ou a de Gerry, mas quando entramos a psicóloga levou um susto. Ela estava grávida, a cerca de três semanas do parto. Parecia tão cansada quanto nós.

“Olha só, você não tem muito tempo”, disse Gerry, apontando para a barriga dela. “Vamos poupar trinta minutos do seu tempo fazendo essa consulta juntos.”

Depois de pensar por um minuto, ela concordou. Gerry acomodou seu corpo com mais de dois metros de altura no sofá. Eu me sentei à frente da psicóloga. Ela estava sentada numa cadeira de escritório com um caderno.

“Nós vamos falar sobre coisas, sobre assuntos sensíveis. Concordam em

fazer isso juntos?”, ela perguntou.

“Gerry sabe tudo sobre mim”, falei. “E eu sei tudo sobre ele. Por nós, tudo bem.”

“O.k.”, disse ela, começando a preencher alguns formulários com a caneta.

Durante a maior parte dos trinta minutos ela nos perguntou sobre como lidávamos com o estresse e se tínhamos algum sintoma do transtorno de estresse pós-traumático. Lembro que nos entregou papéis com uma lista de sintomas. Levei um segundo para ler. Os sintomas incluíam dificuldade para dormir, pavor de multidões e de ficar de frente para a parede em restaurantes.

Ri comigo mesmo quando terminei.

“Porra, acho que tenho cada um desses sintomas”, pensei.

Eu vivia minha vida do mesmo jeito que antes, mas sem dúvida sentia o efeito de cada um daqueles sintomas.

Sorri para a doutora e não disse nada.

Quando Gerry terminou, foi minha vez de fazer algumas perguntas.

“Por que não estamos ainda mais ferrados?”, perguntei. “Por que não estamos ainda mais perturbados por tudo que vimos? Você fala de transtorno de estresse pós-traumático. Gerry e eu fomos treinados para lidar com cada situação tática ou de combate que existe, mas nunca tivemos um segundo sequer de treinamento para lidar com o lado emocional das coisas.”

“A melhor forma que tenho para descrever isso é o BUD/S”, disse ela.

A força mental, a determinação e a iniciativa que aprendemos a ter no BUD/S também ajudam em combate. No BUD/S, somos submetidos a pressões além dos limites mentais e físicos. Aprendi que podia fazer coisas muito além do que imaginava ser o meu limite. Por esse motivo, a doutora dizia que éramos mais fortes que as pessoas comuns.

“Então a resistência mental que aprendi e usei para passar no BUD/S é a mesma que uso para superar o estresse de combate?”, perguntei.

A psicóloga sorriu.

“Não é tão simples”, disse ela. “Mas o BUD/S realmente ajuda, porque a maior parte do treinamento é baseada em resistência mental. Não é à toa que os Seals têm perfis muito parecidos. Cada um de vocês se voluntariou diversas vezes para estar em situações de combate.”

Ela estava certa. Eu já sabia desde o início que queria estar na linha de frente. Aceitei o risco, mas sabia que era um desafio que queria encarar de cabeça erguida. Eu seria capaz de encarar o estresse do combate ou ficaria morrendo de medo? De alguma forma eu sabia que ser capaz de forçar os

próprios limites não era importante apenas para ser um Seal, mas para ter uma vida de sucesso.

“Então você está dizendo que o BUD/S me tornou mais forte? Ou será que ele apenas eliminou os mais fracos?”, perguntei.

Eu a havia surpreendido com a pergunta. Antes que ela pudesse responder, Gerry interveio.

“Acho que somos apenas mentalmente mais fortes que qualquer um no planeta”, disse ele com um sorriso. Estava obviamente tirando sarro.

Olhando em retrospecto, ele estava mostrando à doutora como lidávamos com o estresse por meio do humor. Quando as coisas ficavam feias, éramos especialistas em mudar de assunto. Bloqueávamos ou menosprezávamos as coisas e seguíamos em frente. Era simplesmente mais fácil fazer uma piada e ignorar.

Deixamos o consultório trinta minutos depois e nunca mais trocamos uma palavra sobre aquilo. Havíamos cumprido a obrigação e agora podíamos ir embora. Mas é claro que teríamos apenas duas semanas de folga antes de voltar aos treinamentos e às missões.

Com o tempo, passei a dormir melhor, e havia um certo conforto em saber que era forte o bastante para compartimentalizar as experiências traumáticas que havia testemunhado do outro lado do oceano. Ainda tenho aquela lista que a doutora me deu. De tempos em tempos releio os itens, e ainda apresento todos os sintomas listados ali. Do acidente de helicóptero ao gato iraquiano subnutrido bebendo sangue da cabeça do combatente morto, cada experiência tinha seu próprio compartimento. Os sintomas não desapareceram mesmo depois que deixei a Marinha. Eu simplesmente optei por bloqueá-los.

Nós todos lidamos com o estresse do combate de maneira diferente. A maneira como escolhi lidar com ele não é perfeita e certamente não serve para qualquer um. A vida e a carreira de um Seal são muito duras. Os sacrifícios vão muito além de qualquer coisa que eu já tinha imaginado, mas se me perguntarem se eu faria tudo de novo, minha resposta, sem hesitação, seria simples.

Sim.

Epílogo

A última parada do trem de alta velocidade

No meu último dia na Marinha, circulei pelo comando para ter certeza de que toda minha papelada estava resolvida.

Era um lindo dia de primavera e eu já tinha limpado minha jaula e me despedido da tropa. Nos últimos meses, andava estressado com a decisão. Havia participado de treze missões de combate sem intervalo. Pela primeira vez, admiti que estava cansado, até mesmo exausto. O ritmo constante de missões, treinamentos, mais missões e mais treinamentos começou a pesar. Sempre achei que ficaria vinte anos nos Seals ou morreria tentando. Cair fora era uma decisão muito importante, que não podia ser tomada de forma isolada.

Tomei a decisão do mesmo jeito que a tomaria em combate. Consultei meus colegas de nado antes de assumir o risco. Todos disseram que eu estava louco. Eu tinha catorze anos de Marinha e faltavam apenas seis para ter direito à pensão. Mas o alistamento estava aberto e eu precisava me decidir. Poderia me alistar por mais quatro anos, participar de mais uma missão e em seguida ser transferido para um trabalho administrativo ou cair fora e tentar algum tipo de vida civil normal.

Eu havia quase concluído meu ciclo como líder de equipe, talvez a melhor função do comando. A única outra coisa que podia esperar era ser chefe de tropa. Mas antes disso teria que passar pelo menos dois anos em treinamento. A guerra no Afeganistão estava em seus estertores, e, com as novas regras de engajamento, sabíamos que qualquer "operação boa" somente com os caras da nossa equipe era uma possibilidade remota. As missões estavam começando a se arrastar quase sem ação alguma. Eu havia me alistado para combater, não para ficar parado.

O chefe do comando me arrastou até sua sala. Tinha ouvido sobre minha decisão de não me realistar e queria discuti-la comigo. Era um grande líder, que ia direto ao ponto, sem rodeios. Tinha o respeito de todos no comando e eu lhe devia uma explicação sobre minhas razões para ir embora.

"Ouvi dizer que já deu pra você", disse ele enquanto eu me sentava.

Assenti com a cabeça.

"Estou acabado", disse. "Sinto que, se não fizer alguma coisa agora, vou ficar preso na Marinha por mais quatro anos, e não tenho certeza de que esse

trabalho é o mesmo para o qual me alistei.”

“Entendo”, disse o chefe. “Estou aqui há mais de vinte anos e já pensei várias vezes em ir embora antes de completar vinte anos. Mas só faltam seis anos para você, e você é muito valioso para a equipe. Seria muito ruim perdê-lo.”

Agradeci as palavras gentis, mas minha decisão estava tomada. Não havia muito que ele pudesse dizer para me fazer mudar de ideia.

“Entendo o que estou deixando para trás”, disse. “Mas não entrei nesse trabalho por dinheiro ou para ter uma pensão de merda ao final de vinte anos. Amo esse trabalho mais do que tudo no mundo e ele foi minha prioridade número um durante quase catorze anos.”

Ele assentiu, plenamente ciente dos meus sacrifícios, porque havia feito os mesmos sacrifícios.

“A guerra está desacelerando, eu seria transferido de esquadrão de operações após a próxima missão e toda a diversão chegaria ao fim”, continuei. “Acho que chegou a hora de partir para outra e pensar no que vou fazer daqui para a frente. A ideia de tirar férias e poder de fato fazer meus horários parece ótima.”

Todos nós vínhamos batalhando muito havia anos, mas o chefe não me deixaria sair da sala dele sem um plano.

“Já arranjou alguma coisa fora daqui? Não quero que vire um vagabundo”, disse, com um sorriso irônico. “Não vou falar um monte de bobagens só para convencê-lo a ficar. Entendo sua história e quero que seja feliz. Você fez sua parte na guerra. Agora, vá embora daqui e boa sorte.”

Meu próximo encontro foi com meu ex-comandante de esquadrão. Ele foi a primeira pessoa a nos dar as boas-vindas quando voltamos de nossa última missão. Veio correndo até o avião assim que aterrissamos e começou a distribuir apertos de mão. Após a missão, tornou-se o comandante interino.

Ser chamado ao terceiro convés, onde os oficiais ficam perambulando, significava ter que vestir o uniforme e afrouxar as botas. Troquei de short e camiseta e passei uma água nos cabelos. Depois subi as escadas para encontrar o comandante.

Assim que ele me viu, me levou até seu escritório. Sentado do outro lado da mesa, observei o imenso móvel de mogno e as paredes repletas de placas e outras recordações. Também vi um colchão azul enfiado num canto.

“O que podemos fazer para mantê-lo?”, perguntou o comandante. “Você é um dos líderes da comunidade. É você que vai comandar isto aqui algum

dia.”

Fiquei lisonjeado, mas balancei a cabeça.

“Está na hora de seguir em frente. Como disse a um colega, estou acabado.”

O comandante não queria escutar. Não me deixaria ir embora sem antes tentar me convencer, e estava apresentando seus argumentos.

“Olha só”, disse ele. “A vida é sua. Você é como eu. Eu durmo no escritório. Sou um monge guerreiro.”

Ele não estava brincando. Não tirava férias ou descansava. Trabalhava incansavelmente todos os dias para mostrar todo seu esforço e dedicação. Eu o entendia, mas havia me dedicado igualmente ao longo de quase catorze anos e não dispunha de um escritório bacana no qual dormir. Porra, quase todo mundo no comando se dedicava no mesmo grau ou até mais.

“Senhor, acredite em mim. De certa forma, sinto que é a primeira vez na vida que estou desistindo de alguma coisa”, falei.

Ele não respondeu. Tive a sensação de que soube que eu estava fora. Não havia nada que pudesse fazer para me manter no comando.

“Faz tempo que sigo minhas intuições”, continuei, “e no momento minha intuição está dizendo que devo descer desse trem de alta velocidade.”

“Está bem. Se não é possível fazê-lo mudar de ideia, entendo perfeitamente e lhe desejo boa sorte”, disse o comandante. Não estava mais tentando me convencer. Para ele, eu era apenas mais um cara que havia descido do trem.

Fiquei de pé, me despedi dele com um aperto de mão e voltei para a área das jaulas. Encontrei vários colegas no caminho. Já tínhamos conversado sobre minha decisão, e, como verdadeiros irmãos que eram, eles entenderam e só queriam me ver feliz. Ao mesmo tempo, ao decidir não me realistar, eu também havia me tornado um ex-colega de equipe.

“Ei, desgraçado, não era pra você já estar atrás de uma mesa trabalhando?”, disse um dos meus colegas.

“É. Ei, gorducho, boa sorte com aqueles relatórios TPS”, outro acrescentou.

A ideia que eles tinham da minha sombria existência como civil era influenciada por *Como enlouquecer seu chefe*, um filme que tínhamos assistido milhares de vezes enquanto estávamos em missão. Eles já me imaginavam num cubículo de camisa de botão e gravata. Alguns dias antes da minha última visita, recebi uma placa de reconhecimento com meu nome escrito errado, celebrando meus serviços para o esquadrão e os Seals.

Tudo aquilo parecia de certa forma oco, vazio.

Não era culpa dos meus colegas de equipe. Eles estavam felizes por mim, mas eu também sabia que estavam bastante focados na próxima missão ou viagem de treinamento. Por mais de uma década eu havia aperfeiçoado minhas habilidades para ser o melhor Seal possível. Mas tudo isso ficou para trás no momento em que saí pelo portão pela última vez.

Penso nisso como um cirurgião que, após anos de estudo e trabalho na sala de cirurgia, se tornou um dos 250 melhores cirurgiões do país. Então, com pouco menos de catorze anos de prática, ele decide se afastar e começar tudo de novo. Fecha a sala de operações, entrega as chaves e começa tudo de novo.

Assim que entrei no caminhão para voltar para casa, senti uma coisa que durante anos treinei para controlar: medo. Eu estava com medo. Todas as perguntas sem resposta começaram a rondar minha mente.

E agora, o que faço da vida?

Como vou me reinventar?

No que posso me apoiar?

Puta que pariu, o que foi que eu acabei de fazer?

Minha decisão de sair da Marinha foi a mais difícil que já tive que tomar. Todos os meus amigos permaneceram no comando. Eles continuariam as missões e a fazer os sacrifícios exigidos pelo trabalho. Eu sentia que estava desistindo, e fomos ensinados a jamais desistir. Sentia que estava decepcionando meus colegas de equipe. Por mais difícil que fosse, no fundo eu sabia que tinha tomado a decisão certa. A parte difícil era ficar remoendo o assunto.

Eu estava exausto.

Havia colocado os Seals e a prestação de serviços ao meu país acima de qualquer outra coisa, inclusive relacionamentos, família, férias, tempo livre e vida normal. Fazia muitos anos que eu não tirava férias de verdade. Havia grandes lacunas no meu conhecimento da cultura pop, eu não saberia dizer quem havia vencido o Super Bowl daquele ano ou quantas vezes Britney Spears tinha dado a volta por cima.

No entanto, seria capaz de listar as melhores táticas para destruir uma fortaleza talibã. Eu era muito bom com paraquedas, armas e tinha várias outras habilidades típicas de um Seal, mas no mundo civil poucas delas tinham grande demanda. Eu não fazia a menor ideia de como o meu conjunto de habilidades seria traduzido fora desse trem de alta velocidade que eram as equipes Seal. Havia abandonado meu propósito de vida, e agora todas as

habilidades de que precisava para sobreviver nos Seals eram obsoletas. Eu tinha que redefinir minha vida e meus objetivos mais uma vez. De certa forma, havia retornado ao Alasca, mas dessa vez não tinha um sonho para me guiar.

Não há dia fácil foi meu primeiro passo em busca de um novo propósito.

Uma das primeiras coisas que meu coautor Kevin Maurer e eu conversamos quando começamos a trabalhar no livro foi o romance *Men with Green Faces*, do ex-Seal Gene Wentz, que me inspirou a me tornar um Seal. Acredito que esse livro e muitos outros semelhantes foram uma ferramenta essencial na minha trajetória. Os livros eram melhores que comerciais ou avisos de recrutamento porque permitiam que eu vivenciasse o mundo dos Seals em primeira mão. Era a mesma coisa com quase todos os meus companheiros de trabalho. Todos havíamos lido livros sobre os Seals quando jovens.

Phil, um dos meus mentores e melhores amigos, havia lido *Delta Force: The Army's Elite Counterterrorist Unit*, do coronel Charlie Beckwith, primeiro comandante da unidade. Ao terminar a leitura, escreveu uma carta a Beckwith contando sobre seu sonho de entrar na Delta.

Meses depois, Phil recebeu uma resposta. A nota manuscrita o incentivava a sempre sonhar alto e dizia que ele poderia conquistar qualquer coisa. Foi essa carta que o incentivou a ir atrás do seu sonho. O incentivo dado por Beckwith abriu a Phil os caminhos de uma maravilhosa carreira de prestação de serviços a seu país.

Escrevi *Não há dia fácil* para incentivar os jovens e compartilhar com o mundo os sacrifícios que os homens e mulheres a serviço dos Estados Unidos fazem diariamente. Queria que as pessoas entendessem a comunidade, que é composta de pessoas que enfrentam perigos todos os dias. Queria mostrar o lado humano dos Seals após meses de veneração dos políticos aos heróis.

Em casa, sentado no escritório decorado com recordações dos meus anos como Seal, com uma foto do meu treinamento BUD/S pendurada na parede, acima de mim, trabalhei no livro até sentir que estava capturando bem a cultura da comunidade Seal. Escrevi o livro da mesma forma como fui treinado, contando com a ajuda de amigos, família e colegas de nado. Meus amigos mais próximos me deram muitos conselhos quando contei a eles que estava escrevendo um livro. Eles me estimularam a escrevê-lo da maneira "certa", para que não fosse apenas mais um relato de guerra egocêntrico focado na minha pessoa.

“Não seja um idiota que se acha um super-herói”, um amigo me disse. “Certifique-se de que seja sobre a equipe.”

Outro amigo simplesmente riu da minha cara quando contei sobre meus planos.

“Olha, irmão, se a comunidade Seal é capaz de dar apoio total a um blockbuster de Hollywood cheio de ação como *Ato de coragem*, tenho certeza de que vai dar tudo certo para você com um livro que é uma homenagem à comunidade”, disse ele.

Dei o meu melhor para fazer com que *Não há dia fácil* fosse sobre a equipe, sobre os homens e mulheres com quem trabalhei por mais de doze anos. Quando terminei, esperei o editor anunciá-lo. Eu era mais uma vez o novato na equipe e confiei nos especialistas para me ajudar a atravessar a temporada de lançamentos. Quando o livro foi publicado, em agosto de 2012, a cobertura da mídia me chocou. Acho que eu não tinha percebido a encrenca em que estava me metendo. A demanda pelo livro excedeu de longe minhas expectativas, assim como sua repercussão negativa.

Eu estava em San Diego me preparando para um evento de caridade relacionado a paraquedismo quando recebi o telefonema. Estava fazendo voos livres duplos com pessoas dispostas a fazer doações para a Seal Foundation.

Eu já tinha passado por situações estressantes, mas ouvir que meu nome tinha vazado com certeza estava no top 10. Por uma fração de segundo, o estresse me dominou. Olhando em retrospecto, acho que fui ingênuo em pensar que poderia manter minha privacidade, mas nunca levei a questão muito a sério.

“Merda”, pensei.

Me afastei da multidão que se preparava para saltar e levei alguns segundos a fim de me recompor. Meu treinamento veio à mente e comecei a elaborar uma lista de prioridades. Habilidades que eu julgava obsoletas de repente voltavam a ser úteis. Era como quando os instrutores tiravam o capuz durante o exercício do capuz na caixa. Eu estava de volta à caixa lidando com a situação. Na mesma hora, comecei a elaborar uma lista de coisas que precisava fazer. Depois do salto, cuidaria do problema.

Como poderia influenciar a situação? Meu nome tinha acabado de vazar. Não havia nada que eu pudesse fazer para influenciar a imprensa. Eu não podia enfiar as palavras de volta na boca do produtor da Fox News, embora adorasse a ideia de encontrá-lo e tentar fazer isso com meu pé.

Primeiro, eu tinha que garantir a segurança dos meus pais e levá-los para um lugar mais seguro, longe dos olhares predadores da mídia. Depois, precisava limitar minhas informações pessoais. Eu estava surpreso com a quantidade de informações que podiam ser encontradas na internet. Por fim, parei de me preocupar com os vazamentos. Eles iam além do meu mundo de noventa centímetros. Eu tinha que focar nas coisas que podia mudar.

Um dos organizadores do evento acenou para mim. O avião estava pronto. Eu precisava saltar. Havia me comprometido com a organização de caridade e não ia deixá-los na mão. Afastei o estresse e me concentrei no salto. Os problemas continuariam esperando por mim depois que eu aterrissasse.

Quando a porta do avião finalmente se abriu e saltei no céu azul cristalino de San Diego, tive uma sensação de paz. Era reconfortante repassar os procedimentos de salto, porque assim sobrava pouco espaço para pensar em qualquer outra coisa.

O que descobri quase que imediatamente após o noticiário que citava meu nome foi que as habilidades que por mais de uma década eu tentava controlar na verdade tinham algum significado no mundo civil. Ao enfocar essas habilidades, o drama em torno da publicação de *Não há dia fácil* e a transição para a vida civil não ficaram mais fáceis, mas puderam ser administrados.

Durante todo o processo refleti sobre as lições que havia aprendido ao longo da minha carreira. Minha habilidade para administrar o estresse, manter o foco e compartimentalizar problemas me impediu de perder a cabeça. Essas habilidades irradiaram para a equipe da editora. Conceitos como o "mundo de noventa centímetros" tornaram-se parte do nosso vocabulário.

O mais gratificante na publicação de *Não há dia fácil* foi a resposta das pessoas que leram o livro. Talvez a maior surpresa tenha sido que a maioria dos leitores que entraram em contato comigo quisesse conversar não sobre a [redacted], mas sim sobre outros aspectos da minha carreira e sobre meus colegas, que haviam conhecido no livro.

Muitas pessoas me enviaram relatos inspiradores contando sobre os desafios que enfrentaram em suas próprias vidas e como os superaram, às vezes inspiradas em *Não há dia fácil*. Minha intenção certamente nunca foi essa, mas fico feliz em saber que os Seals sobre os quais escrevi inspiraram outras pessoas. Isso faz sentido para mim, porque também sempre encontrei inspiração na equipe. Os homens com quem servi meu país me fizeram ser melhor, um Seal melhor e uma pessoa melhor.

Ainda estou tentando manter os pés no chão, mas a cada dia o caminho fica

mais claro. Recorri ao que havia aprendido e foi por isso que quis escrever este livro. *Não há heróis* faz parte da minha reinvenção e é minha maneira de agradecer por tudo. O livro é tanto para quem não é Seal como um tributo a meus irmãos da comunidade Seal.

As lições que tirei não são apenas minhas, mas lições tiradas dos meus próprios erros e dos erros de outras pessoas que se interessaram em dividi-los comigo. Muitas vezes fiz merda, definitivamente não sou perfeito. Tentei reunir essas lições e erros em um único lugar para que talvez outras pessoas possam evitá-los.

Descer do trem de alta velocidade não foi fácil. De longe, acompanhei enquanto meus colegas de equipe, meus irmãos, continuavam a lutar em outros países. Li as notícias e segui o desenrolar dos eventos na Somália e no Iraque. Fiquei abalado quando li que Fallujah havia sido dominada pela al-Qaeda, porque lutei lá. Às vezes, queria poder fazer alguma coisa.

Mas agora tenho uma nova missão, uma que sou eu mesmo que escolho. Por muito tempo, acreditei que as lições e os métodos que usávamos em ações militares aplicavam-se somente aos Seals. Muitas pessoas com quem converso acreditam que há uma grande diferença entre combate e liderança civil, motivação e resistência mental.

Hoje, digo a elas que discordo.

Desde que deixei as equipes Seal e entrei na vida civil, descobri que as lições que aprendi durante minha carreira aplicam-se a um público muito maior do que apenas nossa comunidade.

Essas lições são fundamentais.

Não existe receita especial do Seal da Marinha, mas, se eu tivesse que escolher uma, ela seria feita de coisas básicas. Quando se está estressado, em meio a um combate, por exemplo, as habilidades simples são as mais fáceis de reunir. Compreender os princípios mais básicos e trabalhar para executá-los sem erro em qualquer circunstância sempre fará com que você esteja à frente de quem não domina o básico. Tudo que um Seal faz é dominar os princípios básicos e executá-los com a maior perfeição possível. Descobri que se lembrarmos das pequenas coisas, o resto se ajeita.

Agora que saí da Marinha e tive tempo de interagir com pessoas fora dos Seals, consigo enxergar a oportunidade de inspirar e informar pessoas contando as histórias que meus colegas de nado e eu vivenciamos na ânsia constante de ser os melhores. Eu já achava que era importante contar nossa história antes de escrever *Não há dia fácil*; agora, acho que é crucial.

Espero que a próxima geração de Seals, Delta, Rangers e soldados das Forças Especiais leia este livro, e também *Não há dia fácil*, e se sinta inspirada a viver uma vida de prestação de serviços, como todos os nossos homens e mulheres. Talvez alguns levem consigo para o campo de batalha algumas das lições que aprendi, e assim fiquem mais seguros e sejam mais eficientes. Sei que nem todo mundo imagina testar a si mesmo em combate, mas, quaisquer que sejam os desafios que você enfrente, é possível aproveitar as histórias dos homens e mulheres com os quais servi, aqueles que ainda estão lutando e aqueles que perderam a vida.

Espero que *Não há dia fácil* e *Não há heróis* ofereçam algo que a maioria dos livros sobre guerra não oferece: o lado pessoal da guerra, os embates pessoais, as dificuldades e o que ganhamos com isso. Acho que seria irresponsável não compartilhar as partes mais íntimas de minha carreira na esperança de que as pessoas não tenham que cometer os mesmos erros que cometi. Este livro é uma forma que encontrei de continuar retribuindo. Pelo resto da vida, vou continuar buscando outras maneiras de transmitir as lições que aprendi com colegas de equipe. Espero dessa forma inspirar outras pessoas, assim como meus colegas me inspiraram. Deixar de lado uma carreira de prestação de serviços ao meu país não significa necessariamente encerrar minha vida de serviços prestados.

Sobre os autores

MARK OWEN é ex-membro do Grupo Especial de Desenvolvimento Naval dos Estados Unidos, conhecido como Equipe Seal Seis. Em seus muitos anos na força de operações especiais da Marinha, participou de centenas de missões ao redor do globo, incluindo o resgate do capitão Richard Phillips no oceano Índico em 2009. Foi um dos líderes de equipe na Operação Lança de Netuno, realizada em Abbottabad, Paquistão, em 1º de maio de 2011, e que resultou na morte de Osama bin Laden. Foi um dos primeiros homens a passar pela porta do terceiro andar do esconderijo do terrorista, onde testemunhou sua morte. O relato que fez do ataque, em *Não há dia fácil*, continua sendo o único relato preciso de uma testemunha ocular do evento.

KEVIN MAURER cobriu as forças de operações especiais durante nove anos. Esteve seis vezes com as Forças Especiais no Afeganistão, passou um mês em 2006 com unidades de operações especiais no leste da África e integrou forças dos EUA no Iraque e no Haiti. É autor de quatro livros, muitos dos quais sobre operações especiais.

Copyright © 2014 by Mark Owen
Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução integral ou parcial em qualquer formato.
Edição publicada em acordo com Dutton, membro da Penguin Group (USA) LLC, pertencente à Penguin Random House.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL No Hero: The Evolution of a Navy SEAL

CAPA Anthony Ramondo

FOTO DE CAPA Cedida por cortesia pela NRA Life of Duty (do website da NRA)

CRÉDITO DAS IMAGENS Acervo pessoal do autor

PREPARAÇÃO Diogo Henriques

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0319-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Table of Contents

Rosto
Sumário
Nota do editor
Prólogo
1. O direito de usar a camisa
2. Como nadar cinquenta metros debaixo d’água sem morrer
3. O mundo de noventa centímetros
4. O capuz na caixa
5. Voltar a salvo não está garantido
6. A armadilha
7. Revisão Pós-Ação
8. Atire, mova-se e comunique-se
9. Siga seu amigo
10. Conforto no desconforto
11. Atenção aos sapatos
12. Matança
Epílogo
Sobre os autores
Créditos